

PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DE SÃO PAULO
FACULDADE DE CIÊNCIAS SOCIAIS
DEPARTAMENTO DE CIÊNCIAS SOCIAIS
PROGRAMA DE ESTUDOS PÓS-GRADUADOS EM CIÊNCIA DA RELIGIÃO

Gabriela Timm Lisbôa

Meu Deus, seu Deus

Uma análise do imaginário dos fiéis e o impacto sobre o diálogo inter-religioso
entre grupos de judeus, cristãos e muçulmanos na cidade de São Paulo

MESTRADO EM CIÊNCIA DA RELIGIÃO

São Paulo

2020

PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DE SÃO PAULO
FACULDADE DE CIÊNCIAS SOCIAIS
DEPARTAMENTO DE CIÊNCIAS SOCIAIS
PROGRAMA DE ESTUDOS PÓS-GRADUADOS EM CIÊNCIA DA RELIGIÃO

Gabriela Timm Lisbôa

Meu Deus, seu Deus

Uma análise do imaginário dos fiéis e o impacto sobre o diálogo inter-religioso entre grupos de judeus, cristãos e muçulmanos na cidade de São Paulo

Dissertação apresentada à Banca Examinadora da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo como exigência parcial para obtenção do título de Mestre em Ciência da Religião, área de concentração: Estudos empíricos da religião, sob orientação do Prof. Dr. Frank Usarski.

São Paulo

2020

Autorizo exclusivamente para fins acadêmicos e científicos, a reprodução total ou parcial desta Dissertação de Mestrado por processos de fotocopiadoras ou eletrônicos.

Assinatura_____

Data_____

e-mail: gabitlisboa@gmail.com

L769

Meu Deus, seu Deus: uma análise do imaginário dos fiéis e o impacto sobre o diálogo inter-religioso entre grupos de judeus, cristãos e muçulmanos na cidade de São Paulo / Gabriela Timm Lisbôa. -- São Paulo: [s.n.], 2020.

162p.

Orientador: Frank Usarski. Dissertação (Mestrado)-- Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, Programa de Estudos Pós Graduados em Ciência da Religião.

1. diálogo inter-religioso. 2. Deus monoteísta. 3. paz entre as religiões. 4. Judaísmo, Cristianismo e Islã. I. Usarski, Frank. II. Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, Programa de Estudos Pós Graduados em Ciência da Religião. III. Título.

Gabriela Timm Lisbôa

Meu Deus, seu Deus

Uma análise do imaginário dos fiéis e o impacto sobre o diálogo inter-religioso entre grupos de judeus, cristãos e muçulmanos na cidade de São Paulo

Dissertação apresentada à banca examinadora da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, como exigência parcial para obtenção do título de Mestre em Ciência da Religião, sob a orientação do Prof. Dr. Frank Usarski.

Aprovada em ____/____/_____

BANCA EXAMINADORA

O presente trabalho foi realizado com apoio da
Coordenação de Aperfeiçoamento de
Pessoal de Nível Superior - Brasil (CAPES)
Código de Financiamento: 88887.313847/2019-00.

O presente trabalho foi realizado com apoio da Fundação São Paulo (FUNDASP), a qual também agradeço a todo o trabalho oferecido por seus colaboradores e colaboradoras, nas áreas administrativas e operacionais, pois reconheço que sem este importante apoio não seria possível realizar a presente pesquisa e produção deste texto dissertativo.

AGRADECIMENTOS

Ao Prof. Dr. Frank Usarski, a quem admiro desde a especialização, pela paciência e dedicação com que orientou este trabalho;

Aos amigos Marília Gallindo, Arthur Gallindo, Atilla Kus e José Luiz Goldfarb pela ajuda na hora de contatar os voluntários. A pandemia dificultou a produção das entrevistas, sem vocês eu não teria conseguido;

Aos 24 entrevistados que gentilmente cederam alguns minutos do seu tempo e tanto me ensinaram sobre fé e sobre Deus;

À Andreia de Souza e a todos os professores com quem tive o prazer de conviver e aprender nesses dois anos de caminhada;

À Beatriz Prates e aos colegas do My News pela compreensão, não tenho como agradecer a folga de última hora;

E a Deus, seja lá que imagem tenha...

A todos o meu muito obrigada!

A pluralidade dos caminhos que levam a Deus
continua sendo um mistério que nos escapa.

Claude Geffré

RESUMO

Esta dissertação de mestrado visa descobrir como leigos do Judaísmo, Cristianismo e Islã interpretam Deus e se seus entendimentos correspondem à teologia oficial e ao reconhecimento das diferenças inter-religiosas de suas tradições. Um segundo objetivo consiste em responder à pergunta se o Deus monoteísta poderia ser um ponto focal entre as religiões e, portanto, servir de base para o diálogo entre essas tradições em questão. Neste contexto, o trabalho apresenta uma visão geral do diálogo inter-religioso na história ocidental, seus requisitos, bem como os modelos e abordagens desenvolvidos pelos principais autores neste campo. A hipótese subjacente é que, da perspectiva dos crentes, todos oram ao mesmo Deus e a divindade pode ser um denominador comum e um estímulo para o diálogo. Para tanto, o presente trabalho se baseia em entrevistas com fiéis das três religiões monoteístas da cidade de São Paulo. Os resultados desta pesquisa encontram-se no terceiro capítulo indicando convergências e divergências entre os entrevistados que podem ser pontos de partida para uma convivência construtiva.

Palavras-chave: diálogo inter-religioso, Deus, Judaísmo, Cristianismo, Islã, conflitos.

ABSTRACT

This master-thesis aims to discover how laypeople of Judaism, Christianism and Islam interpret God and if their understandings correspond to the official theology and the recognition of inter-religious differences of their traditions. A second objective consists of the response to the question if the monotheistic God could be a focal point between the religions and, therefore, work as a basis for the dialogue between these tradition in question. Against this background, the thesis presents an overview of the inter-religious dialogue in western history, its requirements as well as the models and approaches developed by leading authors in this field. The underlying hypothesis is that from the perspective of the believers, everyone pray to the same God and the deity might be a common denominator and a stimulus for dialogue. For this purpose, the present draws on interviews with believers of the three monotheistic religions in the city of São Paulo. The results of this research are in the third chapter indicating convergences and divergences between the interviewed that could be departure points for a constructive coexistence.

Keywords: inter-religious dialogue, God, Judaism, Christianism, Islam, conflicts.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 – Imagem mostrada para os participantes judeus	98
Figura 2 – Imagem mostrada para os participantes católicos	99
Figura 3 – Imagem mostrada para os participantes muçulmanos	101

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	1
CAPÍTULO 1	10
IMAGENS E CONCEITOS DE DEUS NAS TRÊS RELIGIÕES MONOTEÍSTAS	10
1.1 JUDAÍSMO	10
1.1.1 Observações Gerais	10
1.1.2 Deus dos judeus	11
1.1.3 O papel de Deus na criação do mundo e do homem	14
1.1.4 Formas de se relacionar com a sociedade	15
1.1.5 Salvação	19
1.1.6 Imagens e representações	21
1.2 CRISTIANISMO	27
1.2.1 Observações Gerais	27
1.2.2 Deus dos cristãos	30
1.2.3 O papel de Deus na criação do mundo e do homem	33
1.2.4 Formas de se relacionar com a sociedade	36
1.2.5 Salvação	39
1.2.6 Imagens e representações	41
1.3 ISLÃ	44
1.3.1 Observações Gerais	44
1.3.2 Deus dos muçulmanos	46
1.3.3 O papel de Deus na criação do mundo e do homem	49
1.3.4 Formas de se relacionar com a sociedade	50
1.3.5 Salvação	53
1.3.6 Imagens e representações	55
CAPÍTULO 2	59
AS POSSIBILIDADES DE DIÁLOGO E ENTENDIMENTO ENTRE AS RELIGIÕES	59
2.1 A PRÉ-DISPOSIÇÃO PARA O DIÁLOGO INTER-RELIGIOSO	59
2.2 MODELOS E POSSIBILIDADES DE DIÁLOGO INTER-RELIGIOSO	63
2.2.1 Modelo Exclusivista	63
2.2.2 Modelo Inclusivista	67
2.2.3 Modelo Pluralista	69
2.2.4 Modelos de Knitter	75
2.2.5 Küng e a nova ética mundial	79
2.2.6 Síntese do diálogo inter-religioso no Judaísmo e no Islã	86

2.3 SÍNTESE DA HISTÓRIA OCIDENTAL RECENTE DO DIÁLOGO INTER-RELIGIOSO	91
CAPÍTULO 3	97
CONVERGÊNCIAS E DIVERGÊNCIAS ENTRE JUDAÍSMO, CRISTIANISMO E ISLÃ	97
3.1 O QUE É OU COMO É DEUS.....	98
3.2 AS FORMAS DE SE RELACIONAR COM DEUS.....	108
3.3 UM DEUS PARA AS TRÊS RELIGIÕES UM DEUS PARA CADA RELIGIÃO?.....	119
3.4 OS CONFLITOS ENTRE AS RELIGIÕES.....	124
CONSIDERAÇÕES FINAIS	132
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	141
ANEXO A – ENTREVISTADOS JUDEUS.....	147
ANEXO B – ENTREVISTADOS CATÓLICOS	148
ANEXO C – ENTREVISTADOS MUÇULMANOS.....	149

INTRODUÇÃO

Quem é Deus? Ou como é Deus? Talvez algumas pessoas saibam responder a esta pergunta sem precisar pensar por muito tempo, é uma questão de fé. Elas simplesmente sabem porque acreditam. Eu ainda não sei. Dizem que Deus é quem está vendo. Deus é quem sabe. Deus é aquele que no fim, quis assim. Os dias passam com Deus no comando, com Deus guiando. Foi Deus quem deu. Eu nunca parei para pensar se Deus está comigo aqui, agora, enquanto eu escrevo, ou se está com você enquanto lê esse trabalho. Ou com nós dois. O que sei é que esta pesquisa começou com a pretensão de que as pessoas pudessem me responder o que eu mesma nunca me perguntei. A ideia desta pesquisa surgiu a partir das de uma conversa com o professor doutor Frank Usarski em uma das aulas do curso de especialização em Ciência da Religião da PUC-SP. A dúvida era se existe apenas um Deus monoteísta, objeto de adoração para judeus, cristãos e muçulmanos ou se cada religião tinha o seu próprio Deus, com seu próprio conceito, sua própria interpretação. Meu argumento era simples, e simplista, se as três religiões acreditam no Deus de Abraão, estamos falando de um só. O professor provocou. Ele é rei, pai ou juiz? Me disse para pensar mais – e eu sigo pensando até hoje.

Este trabalho surgiu de uma necessidade pessoal de encontrar uma resposta. Não a minha resposta, mas a resposta de quem crê neste Deus, ou em um destes deuses. A problemática que conduz esta pesquisa pode ser definida a partir de duas questões. A primeira é se existe um ou três deuses e, caso existam três, quais são as semelhanças e diferenças entre o Deus dos judeus, o Deus dos cristãos e o Deus dos muçulmanos no imaginário dos fiéis. A segunda diz respeito ao diálogo inter-religioso e como estas diferenças e semelhanças facilitam ou dificultam o entendimento e a convivência respeitosa entre as crenças.

O ponto de partida foram as hipóteses formuladas: a hipótese principal é que as divergências que existem no imaginário dos fiéis dificultam o bom entendimento entre as três religiões. Como hipóteses secundárias, trabalhamos com cinco possibilidades. Primeiro que judeus, cristãos e muçulmanos possuem interpretações diferentes de Deus. Seguimos com a possibilidade de que judeus aceitam a ideia de que cristãos acreditam no mesmo Deus, mas não aceitam a transformação de Jesus

no próprio Deus, a trindade católica; que cristãos aceitam que judeus acreditam no mesmo Deus, mas alimentam acusações de que judeus foram os responsáveis pela crucificação, apesar do Concílio Vaticano II ter se posicionado contra esta ideia; que judeus e cristãos não aceitam que o seu Deus é o mesmo que revelou o Alcorão para Muhammad e, finalmente, que muçulmanos acreditam que o Deus de Muhammad é o mesmo Deus dos hebreus, seguido por judeus e cristãos, mas alimentam críticas quanto à possível banalização da imagem e manipulação das escrituras.

Sobre a metodologia escolhida, esta é uma pesquisa qualitativa, portanto, as hipóteses apontadas serão verificadas a partir de entrevistas feitas individualmente com dez fiéis de cada uma das três religiões. As questões vão seguir um roteiro elaborado a partir da definição de um tipo ideal de divindade, que será explicado logo mais. Cada entrevistado vai ser provocado a falar sobre Deus, suas interpretações da figura divina, a partir de uma imagem representativa da divindade. Os voluntários também serão questionados sobre Deus nas outras duas religiões.

A imagem parada se mostra um instrumento adequado para tal pesquisa na medida em que é capaz de despertar sentimentos, revelar uma visão de mundo e auxiliar o entrevistado a interpretar e discorrer sobre as próprias ideias¹. A intenção é que, por meio da imagem, o entrevistado consiga expressar, ou projetar, com mais clareza o conceito que acredita que ela representa. Quando fala sobre a projeção de ideias a partir de uma imagem, Malhotra diz que esta é uma forma de “perguntar que incentiva os entrevistados a projetarem suas motivações, crenças, atitudes ou sensações subjacentes sobre os problemas em estudo”². Sendo assim, com influência mínima na narrativa elaborada por cada entrevistado, poderemos chegar a um entendimento mais claro da interpretação que cada participante tem do seu próprio Deus e do Deus das outras duas religiões.

Os voluntários participantes da pesquisa foram recrutados a partir da indicação de representantes e de praticantes de cada uma das três religiões. Serão pessoas com mais de 18 anos, praticantes da religião, possuem o hábito de frequentar uma sinagoga, uma igreja ou uma mesquita e que manifestam a crença em Deus. No caso dos judeus entrevistados, sete nasceram em famílias judias, portanto, seguem a

¹ DIAS, Regina Amanda Martins; DE CASTILHO, Katlin Cristina; SILVEIRA, Viviane da Silva, **Uso e interpretação de imagens e filmagens em pesquisa qualitativa**.

² MALHOTRA, Naresh K., **Pesquisa de Marketing: uma orientação aplicada**, p. 165.

religião desde crianças, um é convertido há mais de 20 anos. Eles têm entre 54 e 70 anos, se dividem entre seis homens e duas mulheres, seis possuem curso superior, três estão aposentados. Eles frequentam três diferentes sinagogas da cidade de São Paulo: a Sinagoga do Clube Hebraica, a Congregação Israelita Paulista e a Sinagoga Chai Menachem.

Entre os católicos, um se converteu há quatro anos, os outros sete nasceram em famílias católicas. Eles possuem entre 28 e 57 anos, são cinco homens e três mulheres, cinco possuem curso superior e todos ainda estão no mercado de trabalho. Eles são frequentadores de sete igrejas ou paróquias diferentes: capela da escola Santa Cruz, Igreja de Nossa Senhora das Dores, Igreja da Santíssima Trindade, Igreja Divino Espírito Santo, Igreja Sant'Ana, Paróquia Nossa Senhora de Lourdes e Paróquia São Gabriel Arcanjo.

Entre os muçulmanos, três nasceram em uma família da mesma religião, cinco são convertidos, todos há mais de cinco anos. Eles têm entre 26 e 59 anos, são três mulheres e cinco homens, quatro possuem ensino superior. Eles são frequentadores de quatro diferentes mesquitas: Mesquita Virgem Maria, Mesquita Brasil, Mesquita Santo Amaro e Mesquita Bilal Al-Ghabash.

Este trabalho foi dividido em três capítulos. O primeiro se propõe a fazer uma revisão bibliográfica das teologias judaica, cristã e islâmica, com foco na interpretação e no conceito que cada uma possui de Deus. A ideia, neste primeiro momento, é explicar como o imaginário de Deus se formou ao longo dos séculos em uma perspectiva histórico-teológica e como ele é apresentado para os fiéis. Foram usados autores especialistas ou pesquisadores de cada religião, desde teólogos e cientistas da religião até autores de outras áreas do conhecimento e que pertencem às ciências sociais como historiadores, sociólogos, antropólogos e filósofos. A partir dos textos analisados, será elaborado um tipo ideal de Deus para cada religião.

A elaboração de três tipos ideais de Deus foi a metodologia escolhida para orientar a revisão bibliográfica e teológica para que cada tipo ideal exerça, além da função compreensiva, o papel de orientar a pesquisa, a análise e a catalogação das respostas dos voluntários entrevistados. Cada tipo ideal construído serve aqui como uma espécie de simplificação e generalização da construção de Deus em cada uma das religiões estudadas.

Tipo ideal é a construção de uma realidade pelo pesquisador, a partir de uma seleção de conceitos e características do objeto a ser estudado e que tem a capacidade de dar uma forma ao objeto. O tipo ideal enfatiza aspectos que devem ser estudados, ao mesmo tempo que pode servir como base de comparação. De acordo com Weber, o tipo ideal não representa uma exposição da realidade, mas atribui à realidade uma forma para que ela possa ser expressada, além de apontar o caminho para a formulação de hipóteses.

Obtém-se um tipo ideal mediante a *acentuação unilateral* de *um ou vários* pontos de vista, e mediante o encadeamento de grande quantidade de fenômenos *isoladamente* dados, difusos e discretos, que se podem dar em maior ou menor número ou mesmo faltar por completo, e que se ordenam segundo pontos de vista unilateralmente acentuados, a fim de formar um quadro homogêneo de pensamento.³

É importante destacar que o tipo ideal não tem como objetivo esgotar todas as possibilidades de interpretação do objeto estudado, mas sim criar um instrumento de análise, dar forma a esse objeto.

Queremos sublinhar desde logo a necessidade de que os quadros de pensamento que aqui tratamos, “ideais” em sentido puramente *lógico*, sejam rigorosamente separados da noção do dever ser, do “exemplar”. Trata-se da construção de relações que parecem suficientemente motivadas para a nossa *imaginação* e, consequentemente, “objetivamente possíveis”, e que pareçam adequadas ao nosso saber metodológico.⁴

Neste primeiro capítulo, os tipos ideais de Deus no Judaísmo, no Cristianismo e no Islã vão ser construídos com ênfase na imagem teológica, nas imagens representativas, no papel na criação do mundo e da humanidade e na forma como cada Deus se relaciona com a sociedade. Também falaremos na possibilidade de salvação descrita pelos pesquisadores de cada religião.

O segundo capítulo pretende discutir como a interpretação de Deus pode influenciar no diálogo inter-religioso. Também cabem aqui definições de diálogo inter-religioso e as diferentes formas em que este diálogo pode acontecer, a partir da visão de teólogos, pesquisadores e cientistas da religião.

³ WEBER, Max, A “objetividade” do conhecimento nas ciências sociais, *in: COHN, Gabriel (org.) ; FERNANDES, Florestan (coord.), Weber - Sociologia*, p.106, grifo do autor.

⁴ *Ibid.*, p. 107, grifo do autor.

A ideia de que cada sociedade possui uma religião não se aplica aos nossos dias. O pluralismo religioso é uma realidade do século XXI, onde as distâncias geográficas são mais curtas, onde o local de nascimento pode não ser o mesmo de pertencimento. Em um mundo cada vez mais digital e com tantas novas possibilidades de trabalho remoto, uma pessoa pode escolher viver em qualquer lugar do globo e ter contato com todo o tipo de religião. É preciso conviver e, cada vez mais, fiéis de diferentes crenças precisam aprender a se respeitar e viver em harmonia, seja na mesma cidade, na mesma vizinhança ou no mesmo local de trabalho.

Segundo Teixeira e Dias, o pluralismo e a diversidade religiosa ganham cada vez mais espaço no panorama mundial na medida em que, de um lado, antigas tradições se mostram de grande vitalidade, e de outro, novas religiosidades surgem. Porém, é preciso levar em conta as tensões que podem florescer de uma convivência que nem sempre se garante harmoniosa.

Se de um lado o pluralismo pode significar a abertura de uma nova conversação dialogal e certo grau de tolerância, ele tende também a acentuar as heranças confessionais e as dissonâncias cognitivas. O fato é que o pluralismo religioso impõe-se hoje como um componente “intransponível”, que desafia todas as religiões ao exercício fundamental do diálogo.⁵

Para Berger, o pluralismo só faz sentido quando está aliado à convivência, quando o diálogo entre os diferentes acontece de forma natural, quando as pessoas conversam umas com as outras, e, de certa forma, se influenciam umas às outras. É o que o autor chama de contaminação cognitiva. Não vamos tratar aqui sobre como as religiões podem misturar conceitos a partir da convivência entre fiéis, mas é importante entendermos a necessidade de diálogo que o pluralismo religioso apresenta.

[...] o pluralismo é uma situação social na qual pessoas de diferentes etnias, cosmovisões e moralidades vivem juntas pacificamente e interagem amigavelmente. Esta última expressão é importante. Faz pouco sentido falar de pluralismo, quando as pessoas não falam umas com as outras – por exemplo, quando as pessoas interagem, mas somente como senhores e escravos, ou quando elas vivem em

⁵ TEIXEIRA, Faustino; DIAS, Zwinglio Mota, **Ecumenismo e Diálogo Inter-Religioso: a arte do possível**, p.119.

comunidades fortemente segregadas e somente interagem em relações exclusivamente econômicas.⁶

Um tanto mais extremista, Küng defende que não haverá paz no mundo sem que exista paz entre as religiões, visto que, na opinião do autor, muitos conflitos econômico-político-militares foram, em parte, causados ou legitimados pelas religiões – o que inclui as duas guerras mundiais e outros conflitos locais como entre os que acontecem entre o Irã e o Iraque, indianos e paquistaneses, católicos e protestantes, sunitas e xiitas, budistas e hinduístas.

O que aconteceria para o mundo de amanhã se os líderes religiosos de todas as grandes e também das pequenas religiões hoje se pronunciassem em favor da responsabilidade pela paz, pelo amor ao próximo, pela não violência, pela reconciliação e pelo perdão? Se em vez de ajudar a provocar conflitos, elas se engajassem na solução? E isso de Washington a Moscou, de Jerusalém a Meca, de Belfast a Teerã, de Amistar a Kuala Lampur! Todas as religiões do mundo devem hoje reconhecer a sua co-responsabilidade pela paz mundial⁷.

Para que as religiões possam conviver em paz, o autor defende uma série de mudanças e atitudes que podem ser tomadas pelas religiões em busca de um diálogo eficaz. Entre elas está uma teologia ecumênica, que exige uma mudança de paradigma: é preciso que cada religião deixe de se centrar apenas em si mesma e passe a olhar a outra com atenção e empatia, focando mais nas convergências do que nas divergências para que, desta forma, possa surgir o diálogo e posterior entendimento.

Nosso principal problema é uma perspectiva crítica de todas as grandes religiões, caso se queira chegar a uma percepção da verdadeira situação religiosa do tempo atual. Nesse sentido, uma reflexão sobre a mudança de paradigma nas grandes religiões parece de enorme interesse, pois levaria em consideração, ao mesmo tempo, períodos e estruturas⁸.

A mudança de paradigma e o caminho para uma teologia ecumênica também passam pela compreensão de que não existe apenas uma verdade religiosa. Compreender e aceitar diferentes caminhos para a salvação, diferentes verdades religiosas, é um dos grandes obstáculos enfrentados por quem se propõe a um diálogo inter-religioso.

⁶ BERGER, Peter L., **Os múltiplos altares da modernidade: rumo a um paradigma de religião numa época pluralista**, p. 20.

⁷ KÜNG, Hans, **Projeto de Ética Mundial**, p. 126.

⁸ KÜNG, Hans, **Teologia a Caminho – Fundamentação para o diálogo ecumônico**, p. 241.

Atualmente existem três principais paradigmas para o diálogo entre as religiões, o exclusivista, o inclusivista e o pluralista – onde está situado o modelo “correlacional e globalmente responsável para o diálogo inter-religioso⁹”, ainda em vias de construção, segundo Faustino. O modelo exclusivista, como o próprio nome diz, está baseado no conceito de exclusão do diferente, na ideia de que a única religião verdadeira é a própria, o que significa que qualquer outra tentativa esboçada por outra religião é rejeitada. Já o modelo inclusivista admite a concordância com outras religiões, mas sem colocar a própria fé em risco, já que a própria religião segue sendo superior a ponto de nortear a interpretação dos elementos da outra. É como se a outra religião só tivesse sentido quando analisada a partir dos critérios estabelecidos pela própria religião¹⁰.

A partir de uma visão cristã, Knitter¹¹ apresenta outras quatro abordagens possíveis para o diálogo inter-religioso: de substituição, satisfação, mutualidade e aceitação. O modelo de substituição parte do princípio que a verdade está no evangelho, em Jesus Cristo, única chance de salvação. O modelo de satisfação admite a existência de outras religiões, mas as coloca em menor grau de importância, são inferiores quando comparadas ao cristianismo. O modelo da mutualidade admite a existência de uma verdade suprema que pode se manifestar em várias religiões, recebendo diferentes interpretações, de acordo com a língua e a cultura de cada povo. Este modelo foca no amor universal e acredita na presença de um mesmo Deus em outras religiões não cristãs, mesmo que apresentado com outras interpretações. Por fim, o modelo de aceitação segue a ideia da teologia pluralista e busca o equilíbrio entre a universalidade e a particularidade.

Como é possível perceber, o diálogo inter-religioso é um desafio amplamente estudado por especialistas de diferentes áreas, como teólogos, sociólogos, antropólogos ou cientistas da religião. Diversas possibilidades já foram propostas. Métodos já foram elaborados, mas ainda é preciso ouvir o que os fiéis de cada religião têm a dizer sobre a possibilidade de uma convivência pacífica entre diferentes religiões. Chegamos, assim, ao terceiro capítulo deste trabalho, onde deve ser feita a

⁹ TEIXEIRA, Faustino, **Diálogo Inter-Religioso face ao Desafio da Responsabilidade Global**, p. 158.

¹⁰ PAINÉ, Scott Randall, **Exclusivismo, Inclusivismo e Pluralismo Religioso**, p. 100.

¹¹ KNITTER, Paul F., **Introdução às Teologias das Religiões**.

verificação das hipóteses a partir da catalogação e interpretação dos resultados das entrevistas. Cada voluntário respondeu, por meio da plataforma zoom, um roteiro de dez perguntas. Importante salientar que a proposta era conversar pessoalmente com cada um, encontrá-los na sinagoga, igreja ou mesquita que frequentam. A ideia era que cada grupo frequentasse o mesmo espaço religioso. Porém, as limitações importas pela pandemia forçaram uma reorganização. No estado de São Paulo, o governo recomendou o fechamento dos templos religiosos na capital e na região metropolitana no dia 19 de março de 2020. No dia seguinte, 20 de março, a Justiça de São Paulo atendeu a um pedido do Ministério Público e proibiu a celebração de qualquer tipo de missa ou culto religioso. A proibição teve o objetivo de evitar as aglomerações e, assim, diminuir a disseminação do novo coronavírus, causados da COVID-19¹². As perguntas feitas foram as seguintes:

- 1 – Como ou o que é Deus?
- 2 – O seu Deus é o Deus de Abraão?
- 3 – O que você sente e como se sente em relação à Deus?
- 4 – Você fala com Deus e Deus fala ou manda sinais para você?
- 5 – Deus tem poder sobre a sua vida, ele pode decidir o seu destino?
- 6 – Você acredita em salvação? Quem pode ser salvo, quais são os critérios para a salvação?
- 7 – O Deus para o qual você reza é o mesmo Deus que os fiéis das outras religiões monoteístas rezam?
- 8 – O que você pensa do Deus das outras religiões monoteístas?
- 9 – Na sua opinião, por que as três religiões brigam?
- 10 – Você acha que as três religiões têm condições de viver em paz?

Espero, neste ponto, a partir das respostas dadas pelos voluntários, ter chegado a uma resolução para o mistério acerca da figura divina. Não se trata de uma resposta definitiva, claro, não ouso ter essa pretensão e, como escreveu Oscar Wilde,

¹² REIS, Vivian, **Coronavírus: Justiça de SP proíbe missas e cultos**, portal G1.

“definir é limitar”¹³. Como seria possível, dessa forma, definir Deus e limitar sua transcendência e amplitude, características encontradas nas três religiões chamadas abraâmicas? Definir Deus de forma definitiva e satisfatória pode ser impossível. Mas, é possível encontrar algumas respostas: afinal, o que é Deus para cada um, para cada crente, e como esse Deus pode trilhar o caminho do bom entendimento e da compreensão.

¹³ WILDE, Oscar, **O retrato de Dorian Gray**, p. 205.

CAPÍTULO 1

IMAGENS E CONCEITOS DE DEUS NAS TRÊS RELIGIÕES MONOTEÍSTAS

Este capítulo foi criado para contextualizar o conceito de Deus nas três religiões monoteístas que são objeto desta pesquisa, começando pela experiência monoteísta dos hebreus e seu Deus invisível, criador do universo, que está acima de todas as criaturas e faz do homem seu parceiro na correção das imperfeições do mundo. A seguir, o Deus dos cristãos, que se fez carne para, por meio do filho, expiar os pecados dos homens, e junto com o Espírito Santo forma a Santíssima Trindade. Por fim, o Deus dos muçulmanos, que nunca gerou e nem foi gerado, cuja forma é tão complexa que não pode ser sequer imaginada nem mesmo pelo mais perfeito dos homens, Muhammad. O ponto de partida é o de que apesar das semelhanças, ao longo do tempo, o Deus monoteísta ganhou diferentes características e interpretações em cada teologia.

1.1 JUDAÍSMO

1.1.1 Observações Gerais

O Judaísmo é, sem dúvida, uma das religiões mais complexas. Para começar, não existem consensos, tudo é uma questão de ponto de vista. É como a máxima que diz que onde estão dois judeus, vão estar três opiniões – e vence a discussão não quem der a melhor resposta, mas quem for capaz de fazer a melhor pergunta.

Definir o que é o Judaísmo ou o que significa ser um judeu é missão quase impossível. A resposta mais fácil é que o judaísmo é uma religião, mas, também pode ser mais. Pode ser uma cultura, um modo de vida, uma etnia, uma nação, e pode, ainda, ser algo que vai além da nacionalidade.

E o que é ser judeu? É fazer a circuncisão e participar da vida em sociedade? É guardar o *shabat*, participar das festas, frequentar a sinagoga e seguir a lei de Moisés? É seguir todas as características, ou pelo menos uma, ou basta ter nascido filho de uma mulher judia? E se apenas o pai for judeu?

E assim como há discordância sobre a definição de judaísmo, também raramente há um único ponto de vista judeu acordado sobre qualquer outro tópico. Como regra geral, se lhe disserem que todos os judeus creem em *x* ou *y*, ficará claro que o proponente deste ponto de vista está errado!¹⁴

Entender a falta de consenso nas principais questões, seja na vida ou na teologia, é importante para compreender a dificuldade do que este trabalho propõe, a dificuldade de entender qual é a interpretação judaica de Deus. Afinal, se é difícil definir o que é palpável, o que é criado pelos homens, pode-se imaginar a dificuldade para definir o que não se pode ver. Como é o Deus dos judeus? O que ele é, além de único? O conceito não é uma unanimidade, até porque, ser judeu não significa, necessariamente, acreditar em Deus.

Dizer que você é judeu pode significar que você acredita no Deus de Israel, que tenta cumprir os Seus mandamentos e que estuda a Torah. Mas pode significar que você veio de uma família judaica. Não dá pra ser muçulmano e ateou ao mesmo tempo, mas, no caso do judaísmo, a regra é flexível: um número razoável de judeus não acredita em Deus.¹⁵

Mesmo sem um consenso sobre como ou o que é Deus para os judeus, é possível traçar uma linha histórica que indica como um panteão com diversos deuses se transformou na morada de apenas um Deus, criador de todo o universo, chamado YHWH, ou Javé.

1.1.2 Deus dos judeus

Segundo a narrativa judaica, que mais tarde seria incorporada por cristãos e muçulmanos, Abraão teria vivido cerca de dois mil anos antes de Cristo na cidade de Ur, na Mesopotâmia. Por volta de 1850 a.C., teria recebido uma ordem divina para migrar pelo deserto com sua família e seu clã de pastores nômades para Canaã, na região onde hoje está a Palestina e que na época era habitada pelos cananeus. A

¹⁴ KESSLER, Edward, **Em que acreditam os judeus?**, p. 12.

¹⁵ PROTHERO, Stephen, **As grandes religiões do mundo**, p. 217.

promessa era de que depois da peregrinação feita, ele seria o pai de uma grande nação, que um dia tomaria posse do país¹⁶.

Anos depois, Jacó, filho de Isaac, neto de Abraão, teve 12 filhos que deram origem às 12 tribos de Israel. Delas surgiu o povo hebreu, mais tarde judeu, adorador de um Deus único, YHWH, o primeiro povo onde o monoteísmo ganhou força e se estabeleceu definitivamente.

[...] tribos que se diziam descendentes de Abraão partiram do Egito para Canaã. Contavam que os egípcios as escravizaram e uma divindade chamada Javé, Deus de seu chefe, Moisés, as libertara. Depois de entrar à força em Canaã, aliaram-se aos hebreus locais e passaram a ser chamados de povo de Israel. A Bíblia deixa claro que o povo que conhecemos como os antigos israelitas era uma confederação de vários grupos étnicos, ligados sobretudo por sua lealdade a Javé, o Deus de Moisés¹⁷.

De acordo com a narrativa teológica judaica – e no judaísmo, nada é mais importante do que a narrativa – a chegada a Canaã foi o resultado de uma aliança que começou a ser desenhada no Egito, mas que foi fechada no exílio, quando Moisés estava no Monte Sinai. Mais uma vez, os hebreus deveriam peregrinar em direção à terra a ser conquistada, mas desta vez a peregrinação foi mais longa. Não se sabe exatamente por quanto tempo ficaram no deserto, simbolicamente diz-se que foram 40 anos até o retorno a Canaã.

E não era o suficiente apenas peregrinar. Aceitar a aliança foi como aceitar uma cláusula de exclusividade em um contrato de fé. A partir daquele momento em que Moisés teria recebido as tábuas da lei, YHWH deveria ser o único Deus adorado pelo povo escolhido para viver na terra prometida.

O fato de serem os primeiros monoteístas não significa que o conceito de monoteísmo tenha sido de pronto assimilado. Segundo Armstrong, quando os israelitas chegaram em Canaã, mesmo tendo os profetas para lembrar a importância de serem fiéis à aliança firmada com YHWH, foi difícil abandonar o culto a outros deuses. Armstrong cita um exemplo: “Javé provava sua habilidade na guerra, mas não era um Deus da fertilidade”¹⁸, desta forma, eles continuavam a adorar outros deuses,

¹⁶ Cf. ARMSTRONG, Karen, **Uma história de Deus: quatro milênios de busca do judaísmo, cristianismo e islamismo.**

¹⁷ *Ibid*, p. 25-26.

¹⁸ *Ibid*, p. 39.

principalmente os deuses locais. Baal era o senhor de Canaã e no panteão estava acompanhado de Asera, Anat e outras divindades às quais antigos rituais ainda eram praticados, mesmo que considerassem YHWH como um Deus acima dos outros deuses, um Deus superior.

Esse cenário começou a mudar em 604 a.C., quando Nabucodonossor II herdou do pai, o rei Nobopolassar, o trono da Babilônia. No reino dos céus, na Babilônia, o trono era de Marduc, uma divindade desconhecida da Suméria, alçada a criadora do universo. Na terra, o novo rei passou a investir na expansão do império, e como consequência, na dominação das regiões fronteiriças.

Nessa altura da história, Canaã já era chamada de Reino Unido de Israel e Judá, formado pelas doze tribos israelitas, que teve como primeiro rei um representante da tribo de Benjamim, Saul. Nabucodonossor II chegou à região em 598 a.C., tomou Jerusalém, a capital, e destruiu o templo que tinha sido construído por Salomão. Derrotados, os israelitas – judeus – foram enviados à Mesopotâmia para, mais uma vez, viver no exílio, episódio chamado de Cativeiro da Babilônia.

A derrota mudou a forma que os judeus viam YHWH. Primeiro não era possível admitir que Marduc era mais forte. Mas se YHWH era superior, se eles eram o povo escolhido e se Israel era a terra prometida, como explicar a derrota e o novo exílio? De acordo com Aslan, foi neste momento que o monoteísmo ganhou força.

A introdução do monoteísmo entre judeus, em outras palavras, foi um meio de racionalizar a derrota catastrófica de Israel nas mãos dos babilônicos. A crise de identidade representada pelo exílio babilônico forçou os israelitas a reexaminar sua história sagrada e reinterpretar sua ideologia religiosa. [...] Se uma tribo e seu deus eram de fato uma entidade, significando que a derrota de um sinalizou o desaparecimento de outro, então, para esses reformadores monoteístas que sofreram o exílio na Babilônia, era melhor inventar um único deus vingativo, cheio de contradições, que desistir daquele deus e, portanto, de sua própria identidade como povo. [...] Esse é o nascimento do judaísmo tal como o conhecemos: não na aliança com Abraão, nem no Éxodo do Egito, mas nas cinzas ardentes de um templo arrasado e na recusa de um povo derrotado em aceitar a possibilidade de um deus derrotado.¹⁹

A partir deste momento, depois de mais de mil anos desde a peregrinação de Abraão, o monoteísmo judaico começou a se consolidar.

¹⁹ ASLAN, Reza, **Deus: uma história humana**, p. 120-121.

1.1.3 O papel de Deus na criação do mundo e do homem

A *Torah*, o livro sagrado dos judeus, é dividida em cinco livros: *Bresheit*, *Shemot*, *Vayicra*, *Bamidbar* e *Devarim*, ou, Gênesis, Éxodo, Levítico, Números e Deuteronômio. O primeiro trata da criação do mundo e do homem.

Segundo o texto, YHWH criou o mundo a partir do caos em sete dias. Nos cinco primeiros fez o céu, a terra, separou as águas, os mares, o firmamento, o dia, a noite, os peixes e as aves. No sexto criou o homem – Adão e Eva – e outros animais, no sétimo descansou. Segundo Armstrong, a criação do mundo segundo o Judaísmo é diferente de outras religiões ou mitologias conhecidas na época, embora contenha algumas semelhanças, principalmente com os mitos da Babilônia.

Mas não houve batalha dos deuses nem luta com Yam, Lotan ou Raab. Javé foi o único responsável pela existência de todas as coisas. Não houve emanação gradual da realidade; ao contrário, Javé impôs a ordem por um simples ato de vontade. [...] Javé fez do cosmo um lugar ordenado, separando a noite do dia, a água da terra, a luz das trevas. Em cada etapa, abençoou e santificou sua obra e declarou-a “boa”. Ao contrário do que ocorre na história babilônica, o surgimento do homem foi o clímax da criação, não o fruto de uma decisão de última hora.²⁰

Freund destaca que a narrativa judaica de criação do mundo é calcada no poder do verbo, palavra cujo “poder mágico” vai ter influência crucial, mais tarde, no surgimento do Cristianismo.

O Gênesis hebreu, que tanto deve ao sumério-babilônico, é a mais conhecida de todas as histórias do verbo, é claro. “E Deus disse: ‘Faça-se a luz’, e a luz foi feita. E Deus disse: ‘Faça-se um firmamento no meio das águas e que ele separe as águas das águas’.” Podemos apenas supor, pelo que sabemos do antigo pensamento judeu, que os autores do Gênesis foram simplesmente literais acerca da força criativa do verbo de Deus.²¹

Essa compreensão mítica à respeito das origens é comum às três religiões monoteístas, o que muda é a forma como as interpretações acontecem e como influenciam a história da própria religião e dos fiéis.

²⁰ ARMSTRONG, Karen, **Uma história de Deus: quatro milênios de busca do judaísmo, cristianismo e islamismo**, p. 86.

²¹ FREUND, Philip, **Mitos da Criação: As origens do universo nas religiões, na mitologia, na psicologia e na ciência**, p. 74.

No caso do Judaísmo, o conflito começa a partir do momento em que Adão e Eva, influenciados por uma serpente, desobedecem a única regra imposta por YHWH e decidem comer um fruto que era proibido, o fruto da árvore do conhecimento do bem e do mal. Por conta da desobediência, o casal é expulso do paraíso, mas recebe oportunidades para aprender e evoluir.

Aqui, colocam-se em movimento dois temas antagônicos e complementares da história judaica: um ritmo de desobediência, castigo e exílio; e um ritmo de aliança, ruptura e nova aliança. Por ser justo, Deus pune os seres humanos por suas transgressões, mas, por ser misericordioso, Ele lhes oferece oportunidades e responsabilidades de um novo relacionamento.²²

Essa forma de se relacionar com a humanidade será explorada mais adiante. O que importa nesse momento é a compreensão de que para os judeus, a desobediência cometida por Adão e Eva não é considerada como um pecado original. Primeiro porque, segundo Peters²³, aconteceu antes da Aliança, portanto, comer o fruto proibido foi um erro, mas não representou uma quebra de contrato. Segundo porque, de acordo com Kaufmann²⁴, o fruto proibido foi uma forma de o homem conhecer o mal, o que garante a liberdade de escolha entre o que é certo e o que é errado.

1.1.4 Formas de se relacionar com a sociedade

O primeiro ponto a destacar na forma como YHWH se relaciona com a humanidade é que os judeus mudaram completamente a forma de acesso ao divino. Nas religiões pagãs do Oriente Médio, os deuses pertencem a um lugar, estão em um templo, precisam ser invocados.

No judaísmo, Deus que vai onde seu povo está, seja no Egito, no deserto ou na terra prometida. De acordo com Debray, o Deus judaico é um Deus capaz de se movimentar no espaço, de percorrer estradas e atravessar desertos. Não poderia ser mais adequado, afinal, o povo hebreu está sempre em movimento. Para os judeus,

²² PROTHERO, Stephen, **As grandes religiões do mundo**, p. 214.

²³ PETERS, Francis Edward, **Os Monoteístas: Judeus, cristãos e muçulmanos em conflito e competição**.

²⁴ KAUFMANN, Yehezkel, **A Religião de Israel: do início ao exílio babilônico**.

está aí mais uma metáfora, YHWH é como o pastor que está sempre perto de suas ovelhas, para cuidar e orientar.

Cada povo cria deuses à própria imagem. Um povo de oradores inventa um Olimpo eloquente e rixoso. Um povo de pastores escolhe, como instrumento de coesão e de independência, um grande pastor celeste [...]. O povo hebreu parece ter adotado o sistema da metáfora, adequado a pastores de pequenos rebanhos. Deus é o pastor de seu povo. Ele tem por missão reunir o gado, impedir sua dispersão.²⁵

YHWH cuida de seu povo, ele dita a melhor forma de se alimentar, de vestir, qual o melhor caminho a ser seguido, cuida da segurança, sempre com atenção e compaixão. De acordo com Kessler, o Deus dos judeus está tão próximo que pode ser sentido, pode ouvir e ser ouvido.

A Bíblia não pergunta se Deus existe, mas sim o que Deus diz pra mim? Por que Deus me criou? Qual é a minha função no mundo? A Bíblia retrata um encontro com um Deus apaixonadamente atento e que se dirige ao homem nos momentos tranquilos de sua existência – o Deus pessoal da Bíblia.

O rabino chefe da Grã-Bretanha, Jonathan Sacks, disse certa vez que ao parar de ler um volume de Homero, ele já não faz mais parte daquele mundo, mas quando para de ler uma Bíblia hebraica, continua escutando a voz de Deus a chamá-lo: “Onde está você?” O Deus da Bíblia, ele acha, não está distante no tempo ou afastado, mas apaixonadamente engajado e presente.²⁶

YHWH também é um Deus com quem se pode falar e até mesmo discutir, contestar. Aliás, nada mais importante para um judeu do que uma boa discussão. Quando fala sobre isso, Prothero cita o escritor judeu Elie Wiesel, vencedor do prêmio Nobel da Paz em 1986:

O que se quer no judaísmo não é concordar, mas se engajar. Como afirmou Elie Wiesel, laureado com o Nobel: “Se um judeu não tem ninguém com quem discutir, discute com Deus, e nós chamamos isso de teologia; ou discute consigo mesmo, e nós chamamos isso de psicologia”²⁷.

A misericórdia está no centro do relacionamento entre Deus e o homem, mesmo naquele Deus brutal dos primeiros tempos. Para Kessler, uma prova da fidelidade divina.

²⁵ DEBRAY, Régis, **Deus, um itinerário: material para a história do Eterno no Ocidente**, p. 73.

²⁶ KESSLER, Edward, **Em que acreditam os judeus?**, p. 70.

²⁷ PROTHERO, Stephen, **As grandes religiões do mundo**, p. 218.

A fidelidade de Deus a Israel, apesar de sua teimosia e má conduta, é um tema bíblico comum, como pode ser testemunhado pela história do bezerro de ouro, que descreve como os israelitas usavam joias para fazer a estátua de um bezerro enquanto Moisés recebia dos Dez Mandamentos no Monte Sinais. Embora eles desobedecessem a Deus de modo explícito e adorassem o ídolo, Deus mostrou compaixão e decidiu não punir os israelitas por suas ações.²⁸

Esta fidelidade é expressa a partir da aliança firmada entre Deus e o povo hebreu. Segundo Prothero, um ato que marca uma mudança na forma de comunicação divina, que se torna mais estreita e intensa: “mudando da comunicação de Deus com toda a humanidade para a comunicação de Deus com um povo particular”²⁹. O que o autor quer dizer é que até que antes que a aliança fosse estreitada com os hebreus durante o exílio, no deserto, Deus, segundo acreditam os judeus, tinha uma outra aliança com toda a humanidade, pactos firmados com Adão e com Noé.

A misericórdia divina também se manifesta na preocupação de Deus com a evolução do homem. Para os judeus, Deus criou o mundo de forma imperfeita, para que o ser humano tivesse a oportunidade de atuar como um parceiro de criação, para que fosse capaz de aprender, evoluir e aperfeiçoar o planeta. Desta forma, quando o castigo divino se apresenta é, na verdade, uma oportunidade para o homem se educar. É o que Hotz explica:

Para o judaísmo, a divindade é um Deus pessoal, que busca pelo ser humano e vai ao seu encontro. Desde os primeiros capítulos da Torá (no livro de Bereshít – Gênesis), Deus aparece ao ser humano, preocupa-se com ele, protegendo-o, educando-o, e, mesmo quando há punição ao ser humano por suas transgressões, esta punição vem acompanhada de uma grande dose de misericórdia, pois ele sabe que o ser humano não é perfeito – embora tenha a capacidade de se aperfeiçoar.³⁰

Para Prothero, no relacionamento entre Deus e o homem, a misericórdia está acompanhada da justiça: “Por ser justo, Deus pune os seres humanos por suas transgressões, mas, por ser misericordioso, ele lhes oferece oportunidades e responsabilidades de um novo relacionamento”³¹.

²⁸ KESSLER, Edward, **Em que acreditam os judeus?**, p. 80.

²⁹ PROTHERO, Stephen, **As grandes religiões do mundo**, p. 214.

³⁰ HOTZ, Theo, **Conceitos básicos do judaísmo - Programa de Conversão**, p. 9.

³¹ PROTHERO, Stephen, **As grandes religiões do mundo**, p. 214.

Apesar do Deus da Guerra, ciumento e vingativo, ter se transformado em uma divindade bondosa e misericordiosa, ele segue sendo o criador de todas as coisas, inclusive do mal, da dor e do sofrimento.

[...] todo mal e dor físicos provêm de Iahweh e não do decreto do destino ou da obra de demônios. Foi ele que ordenou a dor do parto, que amaldiçoou a terra para que o homem desse labutar, que decretou a morte, que encurtou os dias do homem, que confundiu a sua língua e que o dispersou pela face da terra.³²

O Deus dos judeus é um Deus que interfere na história para ajudar o povo escolhido. Foi assim, por exemplo, segundo a *Torah*, quando a divindade abriu o mar para que os hebreus passassem. É natural, portanto, que a Segunda Grande Guerra tenha levantado um questionamento entre os judeus que estavam nos campos de concentração: onde está YHWH? Em seu livro de memórias³³, Wiesel conta que o assunto foi discutido em Auschwitz e que os presos chegaram a fazer um julgamento, onde Deus foi considerado culpado por romper a aliança com o povo escolhido. Apesar da conclusão, todos continuaram fazendo suas orações e, na medida do possível, guardando os dias santos. Kessler chega a admitir que os horrores da guerra fazem com que ele se divida em momentos de dúvida e momentos de fé³⁴. Mas, como vimos, ser judeu não significa, necessariamente, crer em Deus, muito menos em um Deus pessoal, capaz de interferir na história.

Há diversas reações religiosas ao Holocausto. Alguns judeus ultra ortodoxos falam da Shoah como um castigo pela infidelidade israelita. Outros ligam os horrores ao milagre do renascimento do Estado de Israel. Outros ainda veem sua fé em Deus destruída e acreditam que Deus simplesmente abandonou seu povo. Alguns pensadores já falaram de um Deus limitado, que não possui controle total; outros se referiram a um Deus que sofre ou compartilha o sofrimento humano³⁵.

De qualquer forma, a ortodoxia judaica diz que o destino, no judaísmo, é algo definido por Deus, tudo acontece por vontade dele, “dele emanam os decretos que tudo sujeitam”³⁶. Sendo o criador de todas as coisas, YHWH é também o criador de todas as leis, de toda a ordem do cosmo, é quem define tudo o que acontece. Sua vontade é imposta ao homem, que sendo impotente, pouco pode fazer, embora,

³² KAUFMANN, Yehezkel, **A Religião de Israel: do início ao exílio babilônico**, p. 71-72.

³³ WIESEL, Elie, **A Noite**.

³⁴ KESSLER, Edward, **Em que acreditam os judeus?**

³⁵ *Ibid.*

³⁶ *Ibid.*, p. 75.

algumas vezes, essa vontade seja previamente expressa na forma de sonhos simbólicos ou proféticos.

1.1.5 Salvação

No judaísmo, a salvação acontece de forma individual e coletiva, com a crença da vida eterna e na ressurreição dos mortos. A salvação individual depende menos da participação no serviço religioso e mais das ações de cada pessoa durante a vida e de sua capacidade de se arrepender e pedir perdão. Segundo Rosenberg, a crença na sobrevivência da alma é um aspecto importante no Judaísmo, tanto entre ortodoxos quanto entre não ortodoxos, porém, um número pequeno de judeus vai à sinagoga à espera de recompensa divina na vida após a morte. A forma como cada um viveu a própria vida é que define o que acontece no além-túmulo.

O judaísmo ortodoxo ensina que depois da morte as almas dos justos deleitam-se com o brilho da Presença Divina. As almas dos maus são castigadas, mas, segundo a tradição apenas os absurdamente perversos estão sujeitos à condenação eterna. Presume-se que a pessoa comum – que pode não ser suficientemente virtuosa para merecer a Presença Divina na hora da morte – precisa de não mais que um ano de punição para receber as recompensas que esperam os justos.³⁷

O arrependimento dos pecados é crucial para se chegar à presença divina, por isso o *Yom Kipur*, o dia do perdão, é uma das festas mais importantes do Judaísmo, o dia mais sagrado do ano. No calendário judaico, acontece no dia dez do mês de *Tishrei*, o primeiro do ano, um momento para se arrepender dos pecados cometidos durante o ano que passou, analisar os erros, compreender as mudanças necessárias e se reconciliar com as pessoas que foram tratadas de forma injusta.

Todos os pecados são confessados no plural (“nós somos culpados” etc.), enfatizando a responsabilidade comunitária, de que todos fazemos parte. [...] O pecado separa a humanidade de Deus, mas o arrependimento proporciona um retorno, pois Deus mostrará compaixão. [...] arrependimento significa voltar a Deus, dando as costas para o mal em favor do bem.³⁸

Importante destacar que no dia do *Yom Kipur*, o judeu pede perdão para os pecados cometidos contra Deus. Aqueles pecados que foram cometidos contra o

³⁷ ROSENBERG, Roy A., **Guia conciso do Judaísmo: história, prática e fé**, p. 189.

³⁸ KESSLER, Edward, **Em que acreditam os judeus?**, p. 93.

outro só podem ser perdoados por Deus depois de dado o perdão pela pessoa ofendida.

As orações e o jejum no dia de *Yom Kipur* também são um sacrifício para que Deus coloque o nome de cada um no livro da vida, onde estão os nomes de todas as pessoas que foram justas, que viveram de acordo com as escrituras e, portanto, merecem o mundo vindouro e a Presença Divina. De acordo com Peters, o livro da vida registra as boas ações dos merecedores, “Eles serão – diz o Senhor Todo-Poderoso – minha propriedade no dia em que eu agir”³⁹.

A salvação coletiva, de acordo com o Judaísmo, se dará com a vinda do messias. Quando isso acontecer, as almas dos judeus mortos devem voltar aos corpos para viver na terra prometida, em Israel, onde o templo será reconstruído.

Na teoria judaica, o profeta Elias, que, segundo o livro dos Reis, subiu aos céus sem conhecer a morte, retornará no final dos tempos como profeta para anunciar o aparecimento do Messias filho de Davi. Os judeus voltarão dos quatro cantos do mundo para a terra de Israel e o Templo será reconstruído.⁴⁰

É o mundo vindouro, que para alguns teóricos deve começar depois do fim dos tempos, para outros, ele já existe para os que morreram. De acordo com Pinheiro, quando o conceito de ressurreição surgiu no judaísmo, ela estava garantida apenas àqueles que foram sepultados. Ao longo dos anos, outros entendimentos foram elaborados, como o que reservava a ressurreição para todos os judeus ou o que garantia ressurreição para todos, mas a glória eterna apenas para os justos.

A crença na ressurreição seguiu ganhando popularidade, mas, nem todos a entendiam da mesma forma. Se para uns a ressurreição seria o destino comum para qualquer indivíduo, para outros ela seria uma glória digna apenas dos justos da casa de Israel, alcançada no dia do Juízo Final.

Não tardou, surgiu um terceiro entendimento sobre a ressurreição. Desta vez, ela estava ligada a uma ideia de retribuição divina. Todos deveriam ressuscitar, sem exceção. Entretanto, após o retorno à vida, o destino de cada um estava ligado a seus méritos. Os justos ressuscitariam para a glória eterna. Os demais ressuscitariam para a vergonha eterna.⁴¹

³⁹ PETERS, Francis Edward, **Os Monoteístas: Judeus, cristãos e muçulmanos em conflito e competição**, p. 184.

⁴⁰ ROSENBERG, Roy A., **Guia conciso do Judaísmo: história, prática e fé**, p. 208.

⁴¹ PINHEIRO, Marjones Jorge Xavier, **Ruach de resistência - manifestações da cultura sefardita**.

Existe uma discussão dentro do judaísmo sobre se o mundo vindouro está reservado para judeus ou se não-judeus podem ser salvos, caso vivam de acordo com as leis divinas. De acordo com Zinner, os israelitas são o povo escolhido por Deus, desta forma são naturalmente salvos, o que não impede que outros povos também conheçam a salvação, sem que para isso precisem se converter ao judaísmo. Basta acreditar no Deus único e seguir seus conceitos éticos e morais.

De uma perspectiva judaica, a salvação de cristãos e muçulmanos é assegurada pela sua adesão às chamadas leis Noachide, as leis de Noé, que já concordam com os preceitos morais básicos seguidos pelos cristãos e muçulmanos. [...] não há necessidade alguma de um não-judeu se converter ao judaísmo para ser salvo ou para estar a favor de Deus.⁴²

Segundo Rosenberg, o judaísmo reformista rejeita a ressurreição do corpo e não acredita na vinda de um messias, mas sim em uma redenção que deve acontecer a partir da total integração dos judeus aos outros povos, nos países onde vivem. Esse seria o início do mundo vindouro, uma época de paz e fraternidade universal.

1.1.6 Imagens e representações

Quando fala sobre o uso de imagens para fins religiosos, o historiador Simon Chama diz que a *Torah* não deixa dúvidas sobre a proibição do uso ou produção de imagens, principalmente as de forma humana. É assim desde os tempos em que Abraão foi chamado a negar os ídolos de barro, e segue da mesma forma entre os judeus dos dias atuais.

Os judeus modernos são criados no pressuposto de que as imagens em casas de oração e do estudo da Torá, quando chegam a existir, limitam-se a um vitral ocasional e modesto. [...] As imagens não constituem uma espécie de acessório ilustrativo ao judaísmo textual.⁴³

A decisão de banir qualquer tipo de representação não foi arbitrária, pelo contrário. Nasceu do propósito de se diferenciar dos cultos pagãos. De acordo com Kaufmann, nos cultos pagãos os objetos têm papel relevante, podem santificar o portador, podem ser considerados como morada de uma divindade, ou a própria

⁴² ZINNER, Samuel, **A Comparative Analysis of the Abrahamic Religions: Theology and Mysticism**. Tradução nossa.

⁴³ SCHAMA, Simon, **A história dos judeus: à procura das palavras 1000 a.C. - 1492 d. C.**, p. 224-225.

divindade. Desta forma, no politeísmo, o culto às imagens ganhava força na medida em que representavam o próprio culto a um Deus. Para Kaufmann, o combate à idolatria é, ao mesmo tempo, o combate ao desejo dos primeiros hebreus restabelecerem o culto dos “deuses das nações”, como Marduc e Baal. Mas, para Kaufmann, não era assim no princípio, a idolatria foi transformada em pecado a partir de Moisés.

Com Moisés cria-se o pecado da idolatria – particularmente como pecado nacional. Antes a idolatria não era interditada e punida em nenhuma parte. As histórias que retratam a idolatria como pecado nacional pressupõem a existência de um povo monoteísta. Uma vez que tais histórias só começam com Moisés, deduzimos que foi em seu tempo que ocorreu a grande transformação. Fazendo Israel formar uma aliança com o único Deus, ele o tornou um povo monoteísta, o único entre os homens sujeito à punição pelo pecado da idolatria.⁴⁴

De acordo com Scardelai, o monoteísmo judaico tem como base, além da soberania de YHWH, o combate à idolatria, para ser fiel ao Deus único, os hebreus deveriam se afastar de qualquer tipo de representação, imagem ou escultura: “Os maiores rivais de Iahweh não são divindades, e sim os “ídolos” sob formas de imagens esculpidas”⁴⁵.

O monoteísmo poderia ter dispensado a necessidade de que o único Deus tivesse um nome que, eventualmente, o diferenciasse de outros deuses. Para Römer, se só existe um Deus, ele não precisa ser diferenciado por um nome. Segundo Römer, apesar de Deus não ter nome próprio nos primeiros textos da *Torah*, que narram a criação do mundo, isso muda nas páginas seguintes, logo no segundo capítulo do primeiro livro: Deus ganha um nome cuja pronúncia “nos escapa”:

Quando se começou a pôr por escrito os textos que mais tarde serão reunidos na Bíblia, só se escreviam as consoantes, como é ainda o caso, hoje, no hebraico moderno ou em árabe, línguas nas quais os alfabetos são consonânticos. Na versão consonântica, o nome próprio do deus que aparece no capítulo 2 do Gênesis é muito frequentemente, em seguida, escrito Y-h-w-h e essas quatro letras estão na origem do termo “tetragrama” pelo qual se designa o nome do deus de Israel.⁴⁶

⁴⁴ KAUFMANN, Yehezkel, **A Religião de Israel: do início ao exílio babilônico**, p. 228.

⁴⁵ SCARDELAI, Donizete, **Da religião rabínica ao judaísmo: Origens da religião de Israel e seus desdobramentos na história do povo judeu**, p.39.

⁴⁶ RÖMER, Thomas, **A origem de Javé: o Deus de Israel e seu nome**, p. 34.

Mais tarde, a partir do século III, quando as vogais começaram a ser acrescentadas ao texto por um grupo de sábios judeus, o tetragrama ganhou as mesmas vogais de Adonai, ou Senhor, indicando que o nome deveria ser substituído por esta palavra. De acordo com Römer, além de resolver a questão da pronúncia desconhecida, essa foi uma forma de evitar que o nome de Deus fosse dito em vão, como determina um dos mandamentos.

Segundo Peters, também é comum que o tetragrama seja substituído por *Elohim*, que significa divino. O autor também explica que o respeito ao mandamento não é o único motivo que impede a pronúncia ou escrita do nome de Deus.

Desde o começo, o nome deixou de ser pronunciado por reverência (ou medo, pois os antigos acreditavam que os nomes representavam as essências verdadeiras das coisas). Quando as consoantes hebraicas YHWH apareciam no texto, ou eram pronunciadas com vogais diferentes (de onde vem o nosso “Jeová”), ou eram substituídas por um nome totalmente diferente, como Adonai, “Meu Senhor” ou ainda pelo simples *shem* (nome divino), costume que ainda prevalece⁴⁷.

Prothero destaca que até mesmo escrever o nome divino em um papel pode significar um problema para alguns judeus, “para evitar desrespeitar o divino quando o papel no qual aquela palavra estiver escrita for jogado no lixo”⁴⁸.

Como visto, é proibido qualquer tipo de representação divina, seja por meio da escrita do nome ou de qualquer tipo de imagem. No caso das imagens, a representação teria outro obstáculo. O Deus dos judeus não tem forma, apesar de ser retratado em alguns salmos como um rei, sentado em um trono, “como governante divino que marcha para a batalha à frente de sua tribo”⁴⁹.

Schama destaca que YHWH é invisível, “um Deus sem forma humana nem nenhuma outra, um Deus de voz e de palavras”⁵⁰. Embora seja comum em diversas religiões que os deuses tenham forma, seja de algum animal ou humana, no judaísmo a antropomorfia pode ser considerada como uma metáfora.

[...] Embora Deus possa ser vivenciado, Ele não pode ser compreendido porque é inteiramente diferente da humanidade. Todas as afirmações na Bíblia e na literatura rabínica – que usam o

⁴⁷ PETERS, Francis Edward, **Os Monoteístas: os povos de Deus**, p.41.

⁴⁸ PROTHERO, Stephen, **As grandes religiões do mundo**, p. 221.

⁴⁹ KAUFMANN, Yehezkel, **A Religião de Israel: do início ao exílio babilônico**, p.64.

⁵⁰ SCHAMA, Simon, **A história dos judeus: à procura das palavras 1000 a.C. - 1492 d. C.**, p. 72.

antropomorfismo, por exemplo – são entendidas como metáforas linguísticas, caso contrário seria impossível falar sobre Deus. [...] Deus que é verdadeiramente Deus não pode ser expresso, mas somente procurado.⁵¹

Prothero destaca que apesar de ser um Deus pessoal, o Deus dos judeus não deve ser compreendido como um ser de forma humana.

Ao contrário do Deus dos cristãos que assume um corpo em sua encarnação humana, o Deus hebreu se mantém acima e além do mundo que Ele criou, o que equivale a dizer que Ele é radicalmente transcendente (mas sempre com uma dimensão íntima e imanente). Assim como os muçulmanos, os judeus enfatizam a diferença qualitativa radical entre Deus e os seres humanos. E, ao contrário dos católicos, afirmam que Deus não é para ser descrito em forma humana ou adorado em imagens de escultura. Embora o *Tanach* se refira em alguns lugares a Deus em termos quase humanos – Ele é mencionado como tendo mãos e olhos – os judeus insistem que Deus está além de toda a compreensão e descrição.⁵²

Sem forma definida, o Deus dos judeus é capaz de se manifestar aos homens a partir de fenômenos da natureza. De acordo com Scardelai, é importante salientar que, ao contrário dos deuses pagãos, YHWH não era, ou não estava continuamente em um fenômeno específico da natureza, mas podia se manifestar por meio deles.

Imagens popularmente usadas para Deus na Bíblia incluem, por exemplo, “rocha”, “fortaleza”, “deus dos exércitos”, “criador” etc. Isso é um forte indicador de que os escritores da Bíblia usavam metáforas comuns à linguagem humana para se referir à sua experiência com o divino. Exibiam, pois, elementos do divino refletido na natureza (rocha, montanha, fortaleza, fogo etc.), em cima dos quais foi possível construir novas imagens de Deus que espelhassem condições sociais da experiência humana: pastor, reinado, pai.⁵³

Percebe-se que as formas de manifestação são mais uma tentativa de diferenciar YHWH dos deuses pagãos. Kaufmann destaca que os momentos de interação entre Deus e os homens descritos na *Torah* não são festivos, “são assembleias solenes, preocupadas com o julgamento dos homens, governo do mundo ou missões com algum propósito moral”⁵⁴.

Os espetáculos naturais que servem, na imagem retórica bíblica, para acompanhar as teofanias não são considerados aspectos da vida de Deus, mas acessórios externos de sua auto-revelação no mundo.

⁵¹ KESSLER, Edward, **Em que acreditam os judeus?**, p. 72.

⁵² PROTHERO, Stephen, **As grandes religiões do mundo**, p. 221.

⁵³ SCARDELAI, Donizete, **Da religião rabínica ao judaísmo: Origens da religião de Israel e seus desdobramentos na história do povo judeu**, p. 32.

⁵⁴ KAUFMANN, Yehezkel, **A Religião de Israel: do início ao exílio babilônico**, p. 72.

Iahweh não vive os processos da natureza: ele os controla e, através deles, apresenta seu poder ao homem.⁵⁵

O autor exemplifica a questão usando terremotos e erupções vulcânicas, fenômenos da natureza que exprimem a vontade de Deus, mas não são o próprio Deus. Desta forma, um raio pode ser considerado uma flecha divina, e um trovão pode ser ouvido como a voz de Deus: “Fica claro que a Bíblia não concebe a relação de Iahweh com esses fenômenos naturais à maneira pagã pelo fato de não lhes atribuir santidade”⁵⁶. Ou seja, segundo o autor, um terremoto pode ser considerado como uma manifestação divina, não como o próprio Deus.

Se não tem forma, o Deus judeu também está além das questões de gênero, embora nos primeiros tempos, os israelitas o vissem como um ser masculino, o Deus da guerra e dos exércitos.

O Deus que Moisés apresentou ao povo não era, sobre nenhum aspecto, proeminente, bom e carismático. Sempre apresentou-se tacanho, violento e sedento de sangue, que oferecia uma *terra que mana leite e mel* (3:8 e 17), desde que essa fosse conquistada, invadida, saqueada e seus habitantes (infiéis) cortados ao fio da espada (Josué, 6:12).⁵⁷

Armstrong concorda que o Deus monoteísta era essencialmente masculino por conta da sua origem como Deus tribal da guerra. Para a autora, a ascensão de YHWH e o declínio das deusas femininas contribuiu para que as mulheres fossem relegadas a um posto menos importante da sociedade.

Os israelitas continuavam festejando mulheres heroicas como Judite e Ester, mas, depois que Javé venceu as outras divindades de Canaã e do Oriente Médio e se tornou o *único Deus*, os homens prevaleceram em sua religião. O culto das deusas desapareceu, sinalizando uma transformação cultural característica do mundo recém-civilizado.⁵⁸

Embora com características masculinas, YHWH não foi criado, não surgiu das águas ou do fogo, assim como nunca foi gerado, não teve filhos, não possui uma linhagem divina.

O Deus de Israel não tem qualquer linhagem, pais ou gerações; não herda e não lega sua autoridade. Não morre e não é ressuscitado. Não

⁵⁵ *Ibid*, p. 73.

⁵⁶ *Ibid*, p. 73.

⁵⁷ MARQUES, Leonardo Arantes, **História das Religiões e a dialética do sagrado**, p. 330-331.

⁵⁸ ARMSTRONG, Karen, **Uma história de Deus: quatro milênios de busca do judaísmo, cristianismo e islamismo**, p. 71.

tem quaisquer qualidade ou desejos sexuais e não apresenta nenhuma necessidade ou dependência de poderes externos a ele.⁵⁹

Apesar de não ter imagem definida e nem qualquer tipo de história pessoal, YHWH é capaz de ter sentimentos comuns aos homens, de agir como suas próprias criaturas ao julgar, castigar ou pedir provas de devoção. Segundo Aslan, o Deus que surge no período de exílio na Babilônia é capaz de manifestar qualidades e emoções boas e más, comuns aos homens, como o amor, a raiva, a inveja, a benevolência, o sentimento de vingança e principalmente o ciúmes, segundo Aslan, a característica mais marcante. Scardelai fala sobre como a divindade pode ser ciumenta: ele explica que nada deve ser adorado além de YHWH, que exige dedicação exclusiva do seu povo escolhido:

O Deus de Israel é o único Criador. Não se tolera divindades concorrentes e exige-se, por isso, fidelidade exclusiva que beira o ciúme: Não terás outros deuses diante de mim... *não farás para ti imagem esculpida de nada que se assemelha ao que existe lá em cima, nos céus, ou embaixo, na terra* (Ex 20,3-4).⁶⁰

A personalidade de YHWH, segundo Peters, pode ser percebida já no propósito da aliança, que contém o que o autor chama de cláusula de exclusividade. Em troca da proteção divina, os hebreus não poderiam prestar qualquer tipo de homenagem a um Deus de outra nação, de outra tribo, eles deveriam seguir como se os outros deuses não existissem.

Javé, em suas próprias palavras, era um “deus ciumento”, cujo primeiro mandamento a Moisés no Sinai tinha a ver com seus direitos exclusivos sobre dons e rituais que eram devidos a um deus. Ciumento e com fobias: no relato bíblico que estabelece as condições para todo aquele que o adorasse, Javé mandou que todas as formas de “impureza” fossem mantidas a uma distância segura dele, longe do seu trono e de sua casa, longe de sua cidade, longe de seu país.⁶¹

Além de ciumento, o Deus dos judeus também é cruel e vingativo. Cruel a ponto de exigir que Abraão sacrificasse seu filho Isaac, embora tenha recuado no último minuto. Vingativo a ponto de castigar o Egito com dez pragas para que o faraó fosse convencido a libertar seu povo. De acordo com Armstrong, atitudes tomadas por um Deus brutal, sanguinário e guerreiro.

⁵⁹ KAUFMANN, Yehezkel, **A Religião de Israel: do início ao exílio babilônico**, p. 64.

⁶⁰ SCARDELAI, Donizete, **Da religião rabínica ao judaísmo: Origens da religião de Israel e seus desdobramentos na história do povo judeu**, p. 36.

⁶¹ PETERS, Francis Edward, **Os Monoteístas: os povos de Deus**, p. 24.

O Nilo foi transformado em sangue; a terra devastada por gafanhotos e râs; e o país inteiro mergulhou em trevas impenetráveis. Por fim, Deus enviou a mais terrível das pragas: mandou o Anjo da Morte matar todos os primogênitos dos egípcios e poupar os filhos dos escravos hebreus. Diante disso, o faraó decidiu deixar os israelitas partirem, mas depois mudou de ideia e os perseguiu com seus exércitos. Alcançou-os no mar dos Juncos, porém Deus abriu as águas para os israelitas passarem a pé enxuto e tornou a fechá-la para seus perseguidores se afogarem.⁶²

A história do Éxodo pode ser considerada importante para as três religiões monoteístas, mas a própria autora concorda que o Deus que salvou os hebreus da escravidão no Egito foi transformado pelos próprios israelitas em um Deus misericordioso e bom, que se coloca ao lado dos fracos e oprimidos.

O Deus ciumento e misericordioso criou uma nova forma de se relacionar com a humanidade. Ele se movimenta, acompanha seu povo, participa da vida diária e estabelece uma relação de troca: adoração e obediência por prosperidade.

1.2 CRISTIANISMO

1.2.1 Observações Gerais

O cristianismo, de acordo com a narrativa cristã, foi a segunda religião monoteísta a surgir a partir dos descendentes de Abraão. De acordo com Peters⁶³, nos primeiros anos, os cristãos nada mais eram do que um grupo de judeus que tinham em comum a convicção de que Jesus era o messias prometido, ideia renegada pela maioria dos judeus da época. Aos poucos, os primeiros seguidores de Jesus foram expulsos das sinagogas, perseguidos e processados. Como veremos adiante, o novo movimento só se consolidou como religião anos mais tarde. O livro sagrado dos cristãos só foi compilado no início do século V, a partir de textos escritos décadas após a morte de Jesus.

O fato é que nos primeiros anos, os cristãos se consideravam como judeus e acreditam que Jesus simbolizava uma nova aliança. Segundo Küng, “eles liam a

⁶² ARMSTRONG, Karen, **Uma história de Deus: quatro milênios de busca do judaísmo, cristianismo e islamismo**, p. 34.

⁶³ PETERS, Francis Edward, **Os Monoteístas: os povos de Deus**.

mesma Bíblia hebraica, rezavam os mesmos salmos e até mesmo observavam a lei judaica e o sábado”⁶⁴. O que os diferenciava – e ainda diferencia – era a crença de que Jesus era filho de Deus.

Segundo Guite⁶⁵, o Cristianismo nada mais é do que a continuação do Judaísmo e o Segundo Testamento é uma continuação do Primeiro Testamento. É o que Peters chama de “remodelação crítica” da antiga aliança, já que existia uma pretensão de que o cristianismo representasse, além da renovação da aliança, um aperfeiçoamento da antiga tradição.

Aos olhos dos cristãos, Jesus não trouxe uma Escritura; ele próprio, em sua pessoa e mensagem, era uma revelação, a “boa-nova de Deus”. A sua vida e morte sacrificiais selaram uma “Nova Aliança” que Deus firmou com seu povo, e os evangelhos, os relatos dos atos e pensamentos da comunidade cristã primitiva, registrados nos Atos dos Apóstolos, e as cartas de vários dos seguidores de Jesus passaram a ser vistos pelos cristãos como uma Nova Aliança, ou Testamento, a ser posta junto à Antiga – aquela registrada e celebrada na Bíblia judaica.⁶⁶

No que diz respeito à ideia de Deus, os cristãos seguem a ideia judaica de que existe um Deus, onipresente e onisciente, misericordioso, criador do mundo e da humanidade, capaz de interferir na história. A diferença é que, para os cristãos, Jesus faz parte desta santidade. Junto com o Deus Pai e o Espírito santo, Jesus, o Deus filho, forma a Santíssima Trindade, a unicidade divina.

De acordo com a tradição cristã, foi no ano que marca o início do calendário romano que um menino chamado Jesus nasceu em uma família judia, pobre, na cidade de Belém, na Judeia, há menos de 10 quilômetros de Jerusalém, uma das cidades mais antigas do mundo, atualmente considerada sagrada por judeus, cristãos e muçulmanos.

Pouco se sabe sobre a infância ou o início da vida adulta, mas o que importa aqui é no que aquele menino se transformou. Segundo os Evangelhos, em cerca de três anos de vida pública, Jesus falou sobre um Deus amoroso, compreensivo, misericordioso e prometeu o reino dos céus para quem fosse capaz de amar e perdoar. A mensagem não agradou a todos, o nazareno foi perseguido pelo Império

⁶⁴ KÜNG, Hans, **Religiões do Mundo: em busca de pontos comuns**, p. 218.

⁶⁵ GUITE, Malcolm, **Em que acreditam os cristãos?**

⁶⁶ PETERS, Francis Edward, **Os Monoteístas: Judeus, cristãos e muçulmanos em conflito e competição**, p. 20.

Romano, preso e condenado à violenta morte na cruz. De acordo com Küng, quando os primeiros seguidores se organizaram, também foram perseguidos, alguns resistiram, outros foram presos, torturados e mortos. A violência seguiu por três séculos, até que o imperador Constantino, que viveu entre os anos de 272 e 337, reconheceu o cristianismo como uma nova religião.

Embora não fosse cristão, Constantino atribuiu ao Deus dos cristãos e ao signo da cruz, que ele vira num sonho na noite anterior, a vitória na batalha decisiva que o colocaria no trono imperial. Para grande alegria dos cristãos, em 313 d.C., este frio mestre de *realpolitik*, com seu co-regente Lícínio, concedeu liberdade de religião ilimitada em todo o império. Em 315 foi abolido o castigo da crucificação, e, em 321, o domingo foi introduzido como um feriado legal, e a igreja autorizada a receber legados.⁶⁷

Quando discute os títulos de Jesus, Sproul afirma que o próprio se autodenominava Filho do Homem, título em que comumente usava para se referir a ele mesmo, segundo consta nos quatro evangelhos da Bíblia. O autor destaca que no livro sagrado dos cristãos, Jesus também aparece como Filho de Deus, referências às narrativas que apontam momentos em que a própria voz de Deus foi ouvida.

Deus foi zeloso em anunciar que Jesus Cristo era seu filho. No batismo de Jesus, os céus se abriram, e a voz de Deus foi ouvida, dizendo: “Este é o meu Filho amado, em quem me comprazo” (Mateus 3:17). Em outra ocasião, o Pai declarou do céu: “Este é o meu filho amado; a ele ouvi” (Marcos 9:7). Portanto, o título que do céu foi dado a Jesus é Filho de Deus.⁶⁸

A questão não é simples. Por muitos anos se discutiu a natureza de Jesus, se era filho de Deus, portanto homem; se era uma parte de Deus, como um semideus ou uma divindade inferior; ou se ele próprio era Deus que se fez homem para salvar a humanidade do pecado. Foi preciso mais de um concílio – com defesas e críticas acaloradas – para que a questão encontrasse uma resposta, mesmo que ainda hoje desperte questionamentos.

⁶⁷ KÜNG, Hans, **Igreja Católica**, p. 63.

⁶⁸ SPROUL, Robert Charles, **Quem é Jesus?**, p. 51.

1.2.2 Deus dos cristãos

Nos primeiros anos de cristianismo já existia a ideia de que Jesus não era apenas um homem, um profeta ou um mestre, ele estaria além destas definições, era o ponto de encontro entre Deus e a humanidade.

Durante os anos que se seguiram à morte e à ressurreição de Jesus, os cristãos passaram a crer que Cristo era ele mesmo a completa encarnação e a plena manifestação de Deus. Foi a partir da experiência íntima que tiveram com Jesus como Deus encarnado que eles puderam dizer, com convicção, não apenas que Deus dá ou recebe amor, mas que Deus é amor⁶⁹.

Segundo Guite, a fé cristã está baseada na transcendência de Jesus, no fato de que ele ressuscitou e foi capaz de manter contato com os discípulos após a ressurreição. Mas a divindade do Cristo não foi unânime desde o início. A partir do momento em que o cristianismo deixou de ser um pequeno movimento e alcançou o protagonismo, questionamentos teológicos começaram a surgir. O principal deles era a natureza de Jesus.

Pois quanto mais Jesus como o Filho – em contraste com o paradigma judaico-cristão – era elevado ao mesmo nível de ser que Deus Pai, e a relação entre Filho e Pai passou a ser descrita com categorias e noções naturalistas helenísticas, mais difícil ficou conciliar a figura do Filho divino com o monoteísmo. Parecia haver dois Deuses.⁷⁰

A questão foi discutida – porém não totalmente resolvida – no primeiro Concílio de Nicéia, uma reunião de bispos convocada por Constantino no ano de 325. Segundo Küng, foi neste encontro que o cristianismo foi alçado à religião imperial: “um Deus, um imperador, um império, uma igreja, uma fé”⁷¹. Foi também aí que se substituiu a subordinação do Filho ao Pai pela igualdade essencial. A partir deste momento, se construiu a crença de que Pai e Filho são feitos da mesma substância, o que faria de Jesus um ser igualmente divino, ideia defendida pelo teólogo Tertuliano de Cartago.

[...] Tertuliano acreditava que essa substância tomara forma como três seres separados: o Pai (Javé), o Filho (Jesus Cristo) e o Espírito Santo (o espírito divino de Deus no mundo). Para ajudar a explicar sua teoria, Tertuliano apoiou-se em analogias. “Quando um raio é disparado do Sol”, ele escreveu, “uma parte é tomada pelo todo; mas haverá Sol no raio porque é um raio de Sol; sua natureza não é separada, mas estendida. ... Assim, também, o que procede de Deus é Deus e o Filho de Deus, e ambos são um”. Tertuliano cunhou uma nova palavra para

⁶⁹ GUILE, Malcolm, **Em que acreditam os cristãos?**, p. 19.

⁷⁰ KÜNG, Hans, **Igreja Católica**, p.64.

⁷¹ *Ibid*, p. 65.

descrever essa teologia inovadora: ele a chamou de *trinitas*, ou Trindade⁷².

Foi no segundo concílio, o de Constantinopla, convocado pelo imperador Teodósio I no ano 381, que se discutiu o conceito do Espírito Santo e, ainda segundo Küng, se coroou a religião cristã com o dogma da trindade, formada por três substâncias igualmente divinas: o Pai, o Filho e o Espírito Santo. Segundo o que foi estabelecido após os debates,

Trindade = “um ser divino (substância, natureza) em três pessoas” (Pai, Filho e Espírito). No quarto concílio ecumênico de Calcedônia, em 451, a fórmula ortodoxa foi então suplementada pela forma cristológica clássica: Jesus Cristo = “uma pessoa (divina) em duas naturezas (uma divina e uma humana)”⁷³.

De acordo com Sproul, o Concílio de Calcedônia, em 451, definiu que Jesus possui duas naturezas, é homem e ao mesmo tempo é Deus, sendo que sua natureza divina é totalmente divina, portanto, não se trata de um semideus pois possui todos os atributos da deidade.

A natureza humana morreu, mas a natureza divina não morreu. É claro que, na morte, a natureza divina estava unida a um corpo humano. A unidade estava presente, mas a mudança que ocorreu foi no âmbito da natureza humana e não da natureza divina. É muito importante que entendamos isso.⁷⁴

A Trindade foi interpretada por vários teólogos ao longo dos séculos. Um dos principais foi Agostinho, bispo de Hipona, que viveu entre os anos de 354 e 430, um dos responsáveis por moldar a teologia cristã ocidental. Partindo da unidade absoluta de Deus, o futuro santo cristão reestabeleceu, ou reforçou, conceitos judaicos quando escreveu que Deus é um, eterno e imutável, mas foi além ao dizer que apesar dessas características, Deus pode se manifestar sob três formas, o Pai, o Filho e o Espírito santo.

Deus significa, não como os gregos, em sentido absoluto, o Pai, mas a Trindade das pessoas, pois “a Trindade é o único Deus verdadeiro”. Desta unidade passa à consideração de cada uma das Pessoas. Essa diferenciação da unidade vem da relação absolutamente substancial que é própria de Deus. As relações que Deus tem para consigo mesmo não são determinações ulteriores ou modificadoras de sua essência; são esta mesma essência em correlação imanente, inerente e eterna. Estas relações absolutas constituem o único Deus verdadeiro que se

⁷² ASLAN, Reza, **Deus: uma história humana**, p. 135.

⁷³ KÜNG, Hans, **Igreja Católica**, p. 68.

⁷⁴ SPROUL, Robert Charles, **O que é a Trindade?**, p. 42.

chama Pai, Filho e Espírito Santo. A unidade da Trindade e a Trindade da unidade: eis a fórmula básica de Agostinho.⁷⁵

Segundo Küng, Agostinho considerava que a trindade não surgia a partir de um Deus Pai, ela surgia a partir de uma natureza divina que era comum aos três elementos, sem que um esteja subordinado ao outro. Portanto, a unidade não aconteceria a partir do Pai, mas sim da natureza divina.

Para desenvolver a ilustração dada acima: três estrelas não brilham uma após a outra, mas lado a lado num triângulo no mesmo nível – aqui a primeira e a segunda estrelas juntas dão luz à terceira. [...] O Filho é “gerado” a partir do Pai “segundo o intelecto”. O pai sabe e gera no Filho sua própria palavra e imagem. Mas o Espírito “procede” do Pai (como o amante) e o Filho (como o amado) “segundo a vontade”. O Espírito é a personificação do amor entre o Pai e o Filho: procede tanto do Pai quanto do Filho.⁷⁶

De acordo com Boff, o significado do Deus cristão passa sempre pela comunhão entre o Pai, o Filho e o Espírito Santo, esta é a totalidade de Deus. Para o autor, não se trata de três pessoas divinas que se unem para formar um, mas sim de uma unidade da mesma substância, da mesma origem.

Pela radical e eterna comunhão entre as três pessoas divinas, “o pai está todo no Filho e todo no Espírito Santo; o Filho está todo no Pai e todo no Espírito Santo; o Espírito Santo está todo no Pai e todo no Filho, ninguém precede ao outro em eternidade ou o excede em grandeza ou o sobrepuja em poder” como se disse no Concílio de Florença, em 1442.⁷⁷

Aos que acreditam que a Trindade é uma contradição ou que passa a ideia de que os cristãos acreditam em três deuses, Sproul diz que a ideia de triteísmo foi rejeitada pela igreja e que Trindade significa três unidades e uma mesma essência.

Quando confessamos nossa fé na Trindade, afirmamos que Deus é um em essência e três em pessoa. Portanto, Deus é um em A e três em B. Se disséssemos que ele é um em essência e três em essência, isso seria uma contradição. Se disséssemos que ele é um em pessoa e três em pessoa, isso também seria uma contradição. Mas, por mais misteriosa que seja a Trindade, talvez muito acima e muito além da nossa capacidade de compreendê-la em sua plenitude, a fórmula histórica não é uma contradição.⁷⁸

Para Armstrong, Pai, Filho e Espírito são apenas símbolos usados para que os cristãos possam explicar a complexa natureza divina, que ela considera muito além

⁷⁵ BOFF, Leonardo, **A Trindade e a Sociedade**, p. 91.

⁷⁶ KÜNG, Hans, **Igreja Católica**, p. 80.

⁷⁷ BOFF, Leonardo, **A Trindade e a Sociedade**, p. 110.

⁷⁸ SPROUL, Robert Charles, **O que é a Trindade?**, p. 8.

de qualquer interpretação. Para a autora, “a Trindade não deve ser vista como um fato literal, e sim como um paradigma que corresponde a fatos na vida oculta de Deus”⁷⁹. Sendo assim, a Trindade pode apenas ser vivida ou sentida, não formulada ou explicada, pois a natureza divina ultrapassa a capacidade humana de compreensão.

Explicável ou não, a concepção da Trindade, segundo Aslan, difere das religiões politeístas que poderiam encontrar em muitos homens, ou animais, manifestações divinas. No cristianismo, Jesus é a única manifestação do único Deus. Ideia que não rompe só com o politeísmo, mas também com o monoteísmo judaico, que considera Deus como um ser único e indivisível. A Trindade marca o surgimento do que Ries chama de uma nova aliança, mediada por Jesus Cristo.

O sagrado cristão desenvolveu um conceito de grande originalidade. Distingue-se do sagrado das religiões não cristãs por ter como referência a pessoa de Jesus Cristo, o “Santo de Deus”, que teve uma relação única com Ele, o mediador da Nova Aliança. Deus santifica e justifica os homens por meio de Jesus Cristo, a quem comunicou, por primeiro, a plenitude da própria santidade e da própria justiça⁸⁰.

Nesta nova aliança, que tem Jesus como mediador, o compromisso de Deus não é mais com um povo escolhido, mas com toda a humanidade. Uma aliança baseada no amor ao próximo e no perdão.

1.2.3 O papel de Deus na criação do mundo e do homem

A partir da incorporação de parte da *Thorá* judaica na Bíblia cristã como Segundo Testamento, podemos afirmar que o relato do livro do Gênesis sobre a criação do mundo por Deus em seis dias mais um de descanso também é uma crença cristã. Gnilka destaca que o livro possui duas narrativas da criação, uma mais antiga onde Deus cria o mundo com as mãos e outra mais recente, onde ele ordena, com a palavra, que a criação se faça.

Segundo a mais recente, em 1,3ss, Deus cria falando. Ele cria mediante a palavra. Segundo a narrativa mais antiga, perpassada de antropomorfismos, Deus cria como um artesão ou artista: ele molda a criatura humana do pó da terra, elabora Eva da costela de Adão. Para

⁷⁹ ARMSTRONG, Karen, **Uma história de Deus: quatro milênios de busca do judaísmo, cristianismo e islamismo**, p. 158.

⁸⁰ RIES, Julien, **O sagrado na história religiosa da humanidade**, p. 241.

Adão e sua mulher faz vestes de pelegos para que possam vestir-se (3,21). No centro de ambas as narrativas está a criatura humana.⁸¹

Na primeira narrativa, a mais antiga, Adão e Eva são criados à imagem de Deus, o ponto alto de toda a criação, todos os outros animais estão ali para ajudá-los a tornar o paraíso ainda mais perfeito. Na segunda, a mais recente, Adão e Eva são feitos em tempos diferentes, ele no início, ela no fim, o que para Gnilka, acaba servindo de moldura para toda a criação. Nas duas narrativas, a criação leva, conduz, ao criador porque a partir da totalidade da criatura, se conhece o criador. Importante destacar que muitos autores consideram que as duas narrativas se sobrepõem e acabam formando uma mesma história da criação.

A divergência entre a narrativa judaica e a narrativa cristã acontece a partir do momento em que Adão e Eva decidem comer o fruto proibido. De acordo com a tradição cristã, Deus criou o primeiro homem, Adão, e a primeira mulher, Eva, para que os dois pudessem viver juntos no paraíso, porém, a desobediência do primeiro casal da humanidade deu origem ao pecado.

Deus cria um homem chamado Adão e uma mulher chamada Eva e os estabelece no jardim do Éden. A vida corre bem até que os dois desobedecem a Deus ao comerem o fruto da única árvore proibida para eles. Como consequência dessa transgressão, Adão e Eva são expulsos do jardim, e o pecado, a morte e o sofrimento entram na história humana.⁸²

Embora judeus, cristãos e muçulmanos acreditem na mesma história da criação, a teologia do pecado original é uma exclusividade cristã. De acordo com Armstrong, foi criada por Agostinho, influenciado pela “profunda tristeza” causada pela queda de Roma frente às tribos bárbaras. Segundo a autora, a doutrina traz de volta o Deus implacável do Primeiro Testamento, da *Thorá* judaica.

Ele acreditava que Deus condenara a humanidade à danação eterna por causa do único pecado de Adão. A culpa se transmitia a todos os seus descendentes por intermédio do ato sexual, poluído pelo que Agostinho chama de “concupiscência”. A concupiscência, ou o desejo irracional de extrair prazer de simples criaturas, e não de Deus, é mais intensa no ato sexual, quando nossa racionalidade sucumbe à paixão e à emoção, quando esquecemos Deus e vergonhosamente nos comprazemos uns com os outros.⁸³

⁸¹ GNILKA, Joachim, **Bíblia e Alcorão: o que os une - o que os separa**, p. 100.

⁸² GUILE, Malcolm, **Em que acreditam os cristãos?**, p. 66.

⁸³ ARMSTRONG, Karen, **Uma história de Deus: quatro milênios de busca do judaísmo, cristianismo e islamismo**, p. 166.

Desta forma, por meio do desejo sexual, o pecado é passado a cada geração, já que os filhos são fruto do desejo dos pais. Por isso o pecado, para Agostinho, estava implícito na essência humana. Todos os homens estavam representados em Adão, todos os seus descendentes, portanto, todos fazem parte da culpa. É o “esquema da herança”, segundo Ricouer, que diz que a queda de Adão dividiu a história em duas partes – mais tarde, a morte de Jesus irá fazer o mesmo.

Este esquema é mesmo o inverso daquele que comentámos até aqui, o inverso da declividade individual; ao contrário de todo o começo individual do mal, trata-se de uma continuação, de uma perpetuação, comparada a uma tara hereditária transmitida a todo o género humano por um primeiro homem, ancestral de todos os homens. Como se vê, este esquema de herança é solidário da representação do primeiro homem, considerado como o iniciador e propagador do mal.⁸⁴

Segundo Peters, o texto bíblico deixa claro que todos pecam, e que, se o pecado original possui uma causa, essa causa provavelmente é Eva. “Como Bem Sira pós-bíblico afirmou: ‘Foi pela mulher que o pecado começou, e é por causa dela que todos morremos’ (25,24)”⁸⁵. Essa antipatia pela mulher é uma concepção patriarcal da doutrina do pecado original, compartilhada por Tertuliano, que exprimiu sua fúria em um livro sobre as vestes femininas. O teólogo do século II, considera a mulher perigosa, uma ameaça à humanidade, uma tentação sedutora, a causa da queda da raça humana.

Você não acredita que é (cada uma) uma Eva? A sentença de Deus sobre seu sexo continua viva mesmo em nossos dias e, portanto, é necessário que a culpa também continue. Você é quem abriu a porta para o diabo, você quem primeiro colheu o fruto da árvore proibida, você é o primeiro que abandonou a lei divina; foi você quem convenceu aquele a quem o diabo não era forte o suficiente para atacar.⁸⁶

Embora não fosse uma unanimidade, a voz de Tertuliano encontrou eco entre os que consideravam a vaidade feminina como uma falha moral. Para Agostinho, por exemplo, não o homem, mas a mulher que foi seduzida e caiu em transgressão, e por meio dela, o homem também transgrediu: “Portanto, também ele foi enganado de um

⁸⁴ RICOEUR, Paul, **O Pecado Original: estudo de significação**, p. 12.

⁸⁵ PETERS, Francis Edward, **Os Monoteístas: Judeus, cristãos e muçulmanos em conflito e competição**, p. 175.

⁸⁶ TERTULIANO, **Vestuário Feminino**, posição 51.

outro modo; mas julgo que não podia de forma alguma ser seduzido pelo engano da serpente pelo mesmo modo pelo qual a mulher foi seduzida”⁸⁷.

Outro ponto de desacordo entre judeus e cristão acerca da criação é o papel de Jesus como mediador.

Para a fé cristã, Cristo é o mediador da criação, o Cristo preexistente junto a Deus antes de todos os tempos e antes do mundo, depois feito criatura humana. A mediação de Cristo na criação é de modo especial afirmada em textos hínicos, textos, portanto, que eram recitados na liturgia das comunidades com a intenção de celebrar Cristo.⁸⁸

Segundo Gnilka, Jesus é o mediador das mãos de Deus tanto na redenção quanto na criação, por meio dele e em função dele tudo foi criado. Para os judeus, Jesus foi um homem, talvez mais sábio que os outros, mas nada mais do que isso.

1.2.4 Formas de se relacionar com a sociedade

Para os cristãos, Deus é onipresente e onisciente, ele está em todos os lugares e sabe de tudo o que acontece. Ele acompanha o homem. É um Deus pessoal, que tem uma relação íntima com o crente. É o pai capaz de saber o que o filho precisa antes mesmo que ele próprio perceba, ainda assim, ele ouve os pedidos e decide se vai, ou não vai, atender. É uma relação muito próxima, muito íntima, Deus sempre está por perto e é capaz de ouvir, até mesmo, os pensamentos mais silenciosos. Segundo Guite, essa relação é uma novidade, não existia desta forma no Judaísmo, e é reforçada com a oração do Pai Nossa, que teria sido ensinada pelo próprio Jesus.

O segredo desta oração é um relacionamento de intimidade e confiança com Deus como Pai. No Evangelho de Mateus, Jesus prefacia essa passagem dizendo: “... o seu Pai sabe do que vocês precisam...” Esse era, em certos aspectos, um ensinamento novo e radical. O termo Pai era usado na Torá para Javé, o Deus de Israel, mas só em termos gerais, cósmicos ou coletivos: ele é o “Pai das Luzes” ou o “Pai de Israel”, e tais referências são proporcionalmente raras. Certamente, ninguém ousaria chamá-lo “Pai” pessoalmente. No entanto, foi isso que Jesus fez, usando a forma íntima em aramaico *Aba* em sua oração.⁸⁹

⁸⁷ AGOSTINHO, Santo, **Comentário ao Gênesis**, p. 258.

⁸⁸ GNILKA, Joachim, **Bíblia e Alcorão: o que os une - o que os separa**, p. 113.

⁸⁹ GUITE, Malcolm, **Em que acreditam os cristãos?**, p. 108.

Mas a principal novidade cristã no relacionamento entre Deus e a humanidade é a figura de Jesus. No Cristianismo, Jesus é o ponto de encontro entre Deus e a humanidade, é o próprio Deus que se fez carne e habitou entre os homens por cerca de 30 anos. Ele nasceu, foi criança como todas as crianças, foi jovem como todos os jovens e teve uma rápida vida adulta. Pouco se sabe com segurança sobre a vida de Jesus e, segundo Castillo, também é difícil definir por quê ou para quê ele veio ao mundo.

Ocorre que, quando se pensa esse assunto, existe o perigo de abordá-lo com certa superficialidade. Tenho a impressão de que se trata de um perigo em que frequentemente incorrem não apenas muitos cristãos, mas também alguns teólogos. De que se trata? Dizendo da forma mais simples que me ocorre, há aqueles que pensam que Jesus foi um profeta. Outros dizem que foi um místico, um homem de Deus. Em outros casos, há quem defenda que Jesus foi um homem bom, um “judeu marginal” (J. Meier), o fundador do cristianismo, uma pessoa exemplar e direita ou, pelo contrário, um revolucionário daqueles grupos que, alguns anos mais tarde, foram chamados “zelotas”, os que lutaram para libertar seu povo do julgo do Império. E há aqueles para quem Jesus foi um asceta do deserto, assim como o eram os “essênios” ou os monges de Qumran.⁹⁰

De acordo com Shah, a encarnação de Jesus é o clímax de um conceito de divindade antropomórfica que já estava sendo construído no judaísmo, embora o Segundo Testamento não tenha tantas expressões antropomórficas quanto o Primeiro. Para o autor, a revelação final do cristianismo não é que Jesus é Deus, mas sim que Deus é Jesus, uma divindade que viveu uma vida completamente mortal, porém sem pecado, em meio aos homens⁹¹.

Durante sua vida pública, por cerca de três anos, Jesus não prega sozinho. Ele reúne doze homens, simples como ele, homens do povo, que o ajudam a propagar a doutrina, são os responsáveis por levar sua obra adiante. Uma das promessas era que o reino de Deus estava próximo e de portas abertas para aqueles que fossem capazes de amar e perdoar.

O reino ou a soberania de Deus, que se encontra no centro da pregação de Jesus, não se orienta somente para o juízo, pois o Reino de Deus não é apenas uma grandeza futura, mas, com Jesus, com sua prática (curas e milagres) e com sua vida, está já presente e eficaz

⁹⁰ CASTILLO, José M., **Jesus: a humanização de Deus: ensaio de cristologia**, p. 109-110.

⁹¹ SHAH, Zulfiqar Ali, **Anthropomorphic Depictions of God: The Concept of God in Judaic, Christian and Islamic Traditions**, p. 10.

entre as pessoas. Por fim, ele é idêntico com Deus, que com Jesus se tornou experienciável para as pessoas.⁹²

Se no Judaísmo YHWH vai ao encontro do homem como divindade, no Cristianismo Deus encontra o homem como homem, na encarnação de Jesus, que traz à terra não só o próprio Deus, mas todo o reino dos céus.

Onde quer que essa oração seja feita com sinceridade e respondida, o Reino – que é governo real de Deus – de fato vêm à terra, e a vontade de Deus é mesmo feita por meio das ações que são fruto dessa oração. Foi isso que os discípulos viram em Jesus, e também o que o próprio Cristo anunciou (“... o Reino de Deus está entre vocês”).⁹³

Segundo Guite, Jesus não só trouxe o reino dos céus para a terra, mas, por meio da própria morte, abriu as portas dos céus para todos aqueles que creem na Santíssima Trindade. A partir de Cristo, Deus espera que o homem escolha o bem, o amor ao próximo, que viva dentro dos mandamentos que instituem que é proibido roubar, matar ou cobiçar a mulher do próximo, mas principalmente, amar a Deus sobre todas as coisas.

Castillo aponta que Jesus modificou o que, até então, se entendia por experiência de Deus, o Filho levou o homem a conhecer o Pai, pois tinha uma relação muito próxima, íntima e singular com Ele. O Deus dos judeus estava muito acima, era pessoal, mas ao mesmo tempo distante, nem mesmo o nome YHWH podia ser pronunciado, era uma divindade ciumenta, vingativa e temível. Castillo acredita que a sociedade da época não estava preparada para uma mensagem tão revolucionária, uma novidade não só teológica, mas ética e social. Para se aproximar do Deus apresentado por Jesus era preciso se humanizar, este não era um Pai marcado pela autoridade, pelo poder, mas um Pai amoroso, acolhedor e tolerante, que não trata com indiferença e nem exige que se submetam a Ele, mas sim que se pareçam com Ele.

Sendo assim, comprehende-se que a presença e os ensinamentos de Jesus sobre Deus, tal como as apresentam os evangelhos, tinham que produzir surpresa em muita gente, entusiasmo em outros e, como é inevitável em situações assim, a rejeição e até mesmo escândalo nos grupos e pessoas mais observantes e de mentalidade mais conservadora. Simplesmente, a linguagem de Jesus sobre Deus,

⁹² GNILKA, Joachim, **Bíblia e Alcorão: o que os une - o que os separa.**

⁹³ GUTE, Malcolm, **Em que acreditam os cristãos?**, p. 110.

naquele povo e naquele momento, foi uma espécie de novidade inaudita.⁹⁴

Para Gebara, entre as contribuições de Jesus – e do Cristianismo – à humanidade estão a esperança e a solidariedade. Esperança na mudança, no fim do sofrimento, das dores e das injustiças. Solidariedade como capacidade de se doar, de ajudar o outro, de colaborar para a diminuição do sofrimento.

No cristianismo, a dimensão individual e coletiva da esperança como um mesmo movimento parece ter um lugar de destaque. Muito embora haja discursos de Jesus às multidões, há igualmente uma preocupação com o indivíduo, com o sujeito, visto que ele é o convidado a sair de seu egoísmo, de sua doença e a acolher o outro caído na estrada, a dividir seu pão e partilhar suas túnicas. O passo individual leva à mudança nas relações coletivas e as mudanças coletivas tocam a vida individual.⁹⁵

A esperança cristã e essa capacidade de ser solidário, de amar o próximo, vai influenciar diretamente na ideia de salvação dentro do cristianismo, como veremos a seguir.

1.2.5 Salvação

O Cristianismo é uma religião de redenção, onde aquele capaz de se arrepender dos pecados pode receber o perdão divino e o direito de entrar no Reino de Deus. A ideia de salvação no Cristianismo começa a se desenhar com Adão, no paraíso, e se conclui em Jesus Cristo, a violenta morte na cruz e a ressurreição.

De acordo com o evangelho de João (1:8), todos os homens têm pecado e o pecado os distancia de Deus e do paraíso, assim como Adão e Eva. Para os cristãos, a única forma de redenção, de resgate, é se voltar para Cristo, que, segundo a tradição, morreu crucificado para redimir os pecados da humanidade.

Naquele dia, um Jesus sem pecado levou nossos pecados sobre Ele. Três dias depois, naquilo que os cristãos comemoram como a Páscoa, Ele demonstrou o poder de Deus sobre o pecado ao ressurgir dos mortos. A “boa notícia”, portanto, é que qualquer um que der ouvidos a esta história, confessar seus pecados e se voltar para Jesus em arrependimento será perdoado e salvo.⁹⁶

⁹⁴ CASTILLO, Jesus: a humanização de Deus: ensaio de cristologia, p. 112.

⁹⁵ GEBARA, Ivone, O que é Cristianismo, posição 514.

⁹⁶ PROTHERO, Stephen, As grandes religiões do mundo, p. 65.

Peters explica que a doutrina do pecado original estabelece que o pecado cometido por Adão e Eva tornou a natureza humana permanentemente frágil, fraca, sendo assim, para Agostinho, era impossível que a humanidade se salvasse da decadência moral, a não ser que acontecesse uma intervenção divina.

Está claro na Escritura que nem todos se salvaram, e Agostinho não hesitou em tirar uma conclusão dolorosa: toda a humanidade estava condenada por sua natureza decaída – uma *massa damnata* – exceto aqueles a quem Deus livre e gratuitamente escolheu salvar. O resto enveredaria inevitavelmente pelo caminho da perdição.⁹⁷

Ao longo dos séculos, ainda segundo Peters, a igreja encontrou formas de conciliar o determinismo divino e a liberdade de escolha do ser humano, o que não apaga totalmente a ideia de pecado original.

Segundo Gebara, apesar de existir essa crença de que desde o princípio da humanidade todos os seres humanos pecam por meio de Adão e Eva, as doutrinas cristãs de encarnação, trindade e redenção atestam que o Deus trino é capaz de expiar a culpa e salvar cada um para sempre. A esperança do fim do sofrimento em vida se transforma aqui na esperança de merecimento do Reino de Deus. Para os cristãos, Deus é justo e o sofrimento na Terra será recompensado por uma vida melhor depois da morte.

A esperança tornou-se o paraíso celeste, o lugar de delícias imaginado para depois da morte. Já que a esperança desejada não conseguia ser realizável nos limites da história, sobretudo dos marginalizados, passou a ser esperança de vida eterna, esperança de desfrute e de consolo na eternidade de Deus. Assim, a imaginação religiosa veio ajudar os injustiçados da história a forjarem para si um prêmio eterno e a afirmarem a justiça de Deus como radicalmente diferente da justiça humana.⁹⁸

De acordo com Guite, Cristo é a personificação desta esperança, um sinal de que Deus não abandonou a humanidade, apesar dos erros cometidos. Ao contrário, é um sinal de que ele está disposto a oferecer uma oportunidade de resgate e de conciliação. Para o autor, ao comer o fruto proibido, Adão e Eva excluem uma relação de amor do Deus para optar pelo ego, pelo amor a si mesmo, é o “orgulho de mortais que desejaram ser como deuses”⁹⁹.

⁹⁷ PETERS, Francis Edward, **Os Monoteístas: Judeus, cristãos e muçulmanos em conflito e competição**, p. 184.

⁹⁸ GEBARA, Ivone, **O que é Cristianismo**, posição 548.

⁹⁹ GUITE, Malcolm, **Em que acreditam os cristãos?**, p. 100.

Para os cristãos, a humanidade caída está alienada do Criador e precisa de resgate e restauração. A essência do evangelho cristão é a crença de que Deus, mesmo condenando com justiça a desobediência dos seres humanos, não os abandonou à própria sorte, mas prometeu vir e resgatá-los – promessa cumprida em Cristo.¹⁰⁰

Segundo Künig, é preciso ir ao encontro de Cristo, mas não da figura idealizada, distante cronologicamente. Nos dias de hoje, é preciso pensar em um cristo real, uma figura mais concreta e humana. Neste século, o que importa, segundo o teólogo, é que o homem não se deixe levar pela ânsia do poder e do dinheiro, mas que tenha a liberdade necessária para viver para Deus e para o outro.

[...] o que importa é que em vista do reino de Deus, ele viva segundo a vontade de Deus e leve em conta o bem do próximo: não querer dominar sobre o outro, mas procurar servir. Uma nova solidariedade com os fracos, com os pequenos e com os pobres. Praticar a bondade e o perdão. Não apenas observar os mandamentos: não matar, não mentir, não roubar, não praticar luxúria. Mas engajar-se despretensiosamente com o próximo: um amor que também respeita o adversário e não liquida o inimigo. Uma mensagem de não-violência, de misericórdia e de paz.¹⁰¹

Para Prothero, é possível chegar à salvação pela fé em Jesus Cristo, pelas obras, pelo que foi feito na terra, ou pelas duas coisas. A salvação é um remédio para o pecado, dado aos humildes, aos que creem em Jesus Cristo, aos que são capazes de amar o próximo – e forma mais certeira de alcançar este remédio é seguindo o exemplo de pessoas consideradas santas.

1.2.6 Imagens e representações

Segundo o livro da Gênesis (1:26-27), no Primeiro Testamento, no sexto dia da criação, Deus criou o homem como uma cópia de si próprio para que ele fosse o soberano, para que dominasse sobre todas as outras criaturas.

Deus disse: “Façamos o homem à nossa imagem, como nossa semelhança, e que eles dominem sobre os peixes do mar, as aves do céu, os animais domésticos, todas as feras e todos os répteis que rastejam sobre a terra”. Deus criou o homem à sua imagem, à imagem de Deus ele o criou, homem e mulher ele os criou.¹⁰²

¹⁰⁰ *Ibid.*, p. 101

¹⁰¹ KÜNG, Hans, *Religiões do Mundo: em busca de pontos comuns*, p. 216.

¹⁰² *Bíblia de Jerusalém*, p. 34.

Se no judaísmo, como visto, a antropomorfia não passa de uma metáfora, no cristianismo, a partir de Jesus, Deus ganhou um rosto palpável, descritível. Apesar disso, de acordo com Peters, ainda sob influência judaica, os primeiros cristãos não tinham o hábito de construir ou adorar imagens, as representações cristãs só começaram a aparecer a partir do século IV. O que não significa que tenham sido, de pronto, bem aceitas. O uso de imagens gerou discussões quase tão calorosas quanto a natureza de Jesus, e foi preciso mais de um concílio para discutir a questão. O primeiro, convocado por Constantino V no ano de 754, decidiu pela proibição das imagens. Após um período iconoclasta, o sétimo concílio ecumênico realizado em Nicéia em 787 mudou o entendimento.

O concílio rejeitou a política de Leão III e a teologia de Constantino V. “Mantemos imutáveis todas as tradições eclesiásticas que nos foram transmitidas, as escritas e as não escritas”, decretou o concílio, “e uma delas é a fabricação de representações pictóricas... Portanto... definimos com toda a certeza e exatidão, que assim como a figura de uma cruz preciosa e vivificadora, também as imagens veneráveis e santas, tanto em pintura como em mosaico, ou outros materiais aptos, devem ser expostas nas sagradas igrejas de Deus... E a elas se deve dar a devida saudação e a reverência (*proskynesis*) honrosa, não de fato a verdadeira adoração (*lotreia*), que pertence somente à natureza divina”.¹⁰³

As imagens ainda foram proibidas mais uma vez na história da igreja Católica – portanto, não se considera aqui a discussão levantada pelo reformista Martinho Lutero. Essa proibição aconteceu no ano de 815, por ordem do imperador Leão V, e durou até o ano de 843, quando a imperatriz Teodora convocou um novo concílio e decidiu que os ícones sagrados poderiam ser objetos de veneração.¹⁰⁴

De acordo com Küng, as primeiras imagens eram feitas para recordação, mas a partir dos séculos VI e VII passaram a representar santos e figuras bíblicas e a ser objeto de adoração nos cultos, pois

Muitos acreditavam que elas atrairiam o auxílio das figuras bíblicas ou dos antigos santos que elas representam. [...] Por influência dos monges, foi introduzida uma prática que nos primeiros séculos era rigorosamente considerada como idolatria: acender velas ou lâmpadas diante de imagens e oferecer incenso. As imagens chegam mesmo a

¹⁰³ PETERS, Francis Edward, **Os Monoteístas: Judeus, cristãos e muçulmanos em conflito e competição**, p. 249.

¹⁰⁴ *Ibid.*

ser beijadas, lavadas, vestidas e veneradas com genuflexões. [...] Não são razão são atribuídos “milagres” a determinadas imagens.¹⁰⁵

Para Peters, essa veneração é diferente da idolatria proibida aos judeus, já que Jesus é a encarnação de Deus, o Deus que se fez homem, diferente de YHWH, um Deus invisível, sem forma, impossível de ser imaginado e traduzido em uma imagem de barro ou em um mosaico¹⁰⁶.

Isso não significa que a imagem de Jesus seja conhecida, como se houvesse uma fotografia incontestável. Muitos cristãos modernos, por exemplo, se recusam a aceitar a versão de um Cristo que não seja branco e de olhos claros, como as primeiras imagens reconstruídas por pesquisadores nos últimos anos que dão conta de um homem como os outros judeus da época, moreno e baixinho¹⁰⁷. Segundo Prothero, cada sociedade cria uma imagem para Jesus que se aproxime da sua própria realidade.

Jesus tem significados diferentes para pessoas diferentes, em diferentes tempos e lugares. Variando de acordo com os ventos culturais, políticos e econômicos, as imagens de Jesus são tão firmes quanto o tempo na região dos tornados no Meio-Oeste americano. No mundo antigo, Ele foi o messias em Jerusalém, um mensageiro da verdade na Grécia e um imperador em Roma. Nos Estados Unidos de hoje, Ele tem sido branco e negro, macho e gay, conservador e liberal, capitalista e socialista, pacifista e guerreiro, atleta e asceta, inspirador dos direitos humanos e membro da Ku Klux Klan.¹⁰⁸

Embora as representações de Jesus Cristo como símbolo da trindade sejam mais comuns tanto nas casas dos fiéis e nos templos religiosos, as representações de Deus também aparecem – em sua grande maioria, originais ou reproduções de obras de grandes nomes das artes plásticas. Para os pintores renascentistas, por exemplo, Deus tem forma humana, um homem normalmente mais velho, de barba e cabelo branco, que normalmente ocupa uma posição de observador do mundo por Ele criado.

¹⁰⁵ KÜNG, Hans, *Religiões do Mundo: em busca de pontos comuns*, p. 229.

¹⁰⁶ PETERS, Francis Edward, *Os Monoteístas: Judeus, cristãos e muçulmanos em conflito e competição*.

¹⁰⁷ VEIGA, Edison, *O que os historiadores dizem sobre a real aparência de Jesus*.

¹⁰⁸ PROTHERO, Stephen, *As grandes religiões do mundo*, p. 63-64.

1.3 ISLÃ

1.3.1 Observações Gerais

O Islã é a terceira religião monoteísta do Oriente Médio, a terceira a surgir a partir de Abraão. De acordo com a narrativa islâmica, do filho que Abraão teve com a escrava Agar, Ismael, chamado pelos muçulmanos de Ismail, descenderam os árabes, que no ano de 610 começaram a receber a revelação do Deus único, o Deus de Abraão, por meio do primeiro profeta de língua árabe da história monoteísta, Muhammad¹⁰⁹ O Islã não se considera como uma novidade, mas sim como uma continuação, uma adaptação da religião do chamado “povo do livro”, os judeus e os cristãos, com quem os árabes negociavam mercadorias.

O islamismo não afirma ser uma nova religião. Apresenta-se como uma continuação da tradição religiosa instaurada por Abraão que, na verdade, remonta a Adão. Esse não teria sido apenas o primeiro homem, mas também o primeiro profeta, portanto, os seguidores dos primeiros profetas – judeus, cristãos e outros – eram todos, do ponto de vista do islamismo, verdadeiros crentes em Deus.¹¹⁰

Não é possível estabelecer com exatidão a data de nascimento de Muhammad Ibn Abdullah ibn Abdul Mutalib ibn Hashem, conhecido no Ocidente como Maomé, mas é certo que foi por volta do ano 570 da era cristã. Ele nasceu pobre, embora fosse da tribo coraixita, conhecida pela prosperidade comercial.

Ele veio ao mundo como filho único de uma viúva numa cidade onde as viúvas viviam sem proteção. Ficou órfão ainda criança, numa sociedade que tratava os órfãos como objeto de compra e venda. Com a assistência de um tio caridoso, o jovem Maomé conseguiu evitar esse destino e ganhar a vida de maneira precária, em idas e vindas comerciais para o norte (Síria) e para o sul (Iêmen). Aos vinte anos, suas perspectivas melhoraram de repente, quando ele se casou com uma comerciante mais velha, chamada Kadija, e assumiu a gestão de um bem-sucedido negócio de caravanas.¹¹¹

O fato de ser comerciante e viajar por toda a região com suas caravanas proporcionou a Muhammad o contato com outros povos, com quem negociava mercadorias. Entre esses povos estão os monoteístas judeus e cristãos, com quem o

¹⁰⁹ HOURANI, Albert, **Uma história dos povos árabes**.

¹¹⁰ SARDAR, Ziauddin, **Em que acreditam os muçulmanos?**, p. 39.

¹¹¹ ASLAN, Reza, **Deus: uma história humana**, p. 139.

futuro profeta teria aprendido sobre o Deus único, a criação do mundo e outras particularidades de cada religião.

A história de Muhammad é diferente de Jesus, Moisés ou outras personagens religiosas importantes ligadas ao monoteísmo. A vida do profeta muçulmano foi amplamente documentada e suas ações servem de exemplo para os muçulmanos.

As atividades cotidianas, interações com os outros e conversas foram registradas durante sua vida, e extensas bibliografias foram publicadas após a sua morte. Portanto, temos uma rica reserva de fontes que nos possibilitam apreciar e compreender quem ele era e como viveu.¹¹²

Muhammad nasceu em uma época de crise social. A região onde estava a Arábia era formada por uma série de tribos que, constantemente, guerreavam entre si. Saques, roubos e sequestros eram comuns e as vítimas acabavam no mercado de escravos. Apesar da brutalidade, Meca já era considerada uma cidade próspera, era rota do comércio internacional, das caravanas que levavam mercadorias para o extremo Oriente. De acordo com Armstrong, a corrida pela riqueza fez com que as tribos perdessem antigos valores, o código nômade determinava que os membros mais fracos das tribos fossem cuidados, no entanto, os coraixitas se aproveitavam do posto de comerciantes para ganhar dinheiro às custas dos clãs mais pobres. Afora isso, ainda existia uma inquietação religiosa.

Os árabes sabiam que o judaísmo e o cristianismo, então praticados nos impérios bizantino e persa, eram mais sofisticados do que suas tradições pagãs. Alguns chegavam a acreditar que o Deus supremo de seu panteão, Alá (al-Lah) (cujo nome significava simplesmente “o Deus”) era a divindade que cristãos e judeus veneravam, mas acreditavam também que essa divindade não enviara aos árabes nenhum profeta nem nenhum livro sagrado em língua árabe.¹¹³

Foi nesse contexto que no mês do Ramadã do ano de 610 d.C., quando tinha por volta de 40 anos, o comerciante Muhammad se retirou para uma caverna, no cume do monte Hira, nos arredores de Meca. Como era costume, todos os anos nesta época ele fazia um retiro espiritual para rezar, jejuar e dar esmolas aos pobres. Foi naquele lugar, segundo a tradição islâmica, que o futuro profeta recebeu a visita do anjo

¹¹² SARDAR, Ziauddin, **Em que acreditam os muçulmanos?**, p. 40.

¹¹³ ARMSTRONG, Karen, **O Islã**, p. 41-41.

Gabriel, o mesmo que na tradição cristã deu à Maria a notícia que daria à luz o filho de Deus.

Mais tarde, Maomé expressaria esta vivência do inefável dizendo que foi visitado por um anjo que apareceu ao seu lado e lhe deu ordens de recitar. Como alguns dos profetas hebraicos, que também relutaram em proclamar a Palavra de Deus, Maomé recusou. “Eu não sei recitar!”, insistiu, achando que o anjo o havia tomado por um *Kahin*, um adivinho da Arábia.¹¹⁴

De acordo com a tradição, o anjo abraçou Muhammad e foi assim que ele recebeu as primeiras frases do Alcorão, o livro sagrado dos muçulmanos. Demorou dois anos para que o profeta começasse a pregar. Os primeiros convertidos vieram dos clãs mais pobres, insatisfeitos com a nova realidade social, e desigual, de Meca.

Aos poucos o número de seguidores foi crescendo, e as famílias poderosas de Meca passaram a ver Muhammad como uma ameaça à autoridade política. A oposição fez com que a vida na cidade ficasse difícil, por isso, em 622, profeta e seguidores fugiram para Medina, onde, finalmente, o comerciante se tornaria um líder religioso e político. Mais tarde, os muçulmanos deram ao episódio o nome é hégira e o marcaram como o início da era islâmica.

1.3.2 Deus dos muçulmanos

O Islã não possui nenhum ritual de conversão, não tem batismo como o Cristianismo, não é preciso fazer um estudo aprofundado de leis, mitos ou ritos como no Judaísmo. Basta pronunciar e crer sinceramente na *Shahadah*, o testemunho de fé islâmico que diz que não existe nenhuma divindade além de Deus e Muhammad é o profeta de *Allah*. Uma frase simples, mas direta, que já deixa clara a primeira característica do Deus muçulmano, ele é o único. Para os muçulmanos, se converter ao Islã é assumir o compromisso com um monoteísmo transcendental que não abre espaço para confusões ou ambiguidades. O Islã nega com convicção todos os outros conceitos de divindade, que não o monoteísta.

A primeira parte da Shahadah – “Não há divindade além de Deus” – declara a singularidade de Deus. O muçulmano acredita em um Deus onipotente, onipresente e misericordioso. Como princípio básico, os muçulmanos não percebem Deus em termos humanos. Na verdade,

¹¹⁴ ARMSTRONG, Karen, **Maomé: uma biografia do profeta**, p. 97.

afirmam ser impossível para a mente humana compreender um Deus infinito que é responsável por buracos negros e flocos de neve, pelo amor incondicional de uma mãe e pela devastação de um desastre natural.¹¹⁵

Deus é único e absoluto em sua pessoa e em suas obras. Esta é a essência da pregação de Muhammad e, na época, era algo totalmente novo para as tribos árabes, todas politeístas. E era uma novidade para o próprio profeta, que apesar de ter contato com os monoteístas judeus e cristãos por meio do comércio, vivia em uma sociedade que cultuava vários deuses esculpidos em pequenas estátuas de barro dentro da Caaba.

Alguns pesquisadores são da opinião que o próprio Maomé passou por um processo de desenvolvimento até chegar ao monoteísmo. A consequente pregação monoteísta teria acontecido somente em um segundo estágio, em Meca, de qualquer modo. Fala-se de um segundo período mecano. No primeiro haveria um monoteísmo apenas embrionário.¹¹⁶

Para os muçulmanos, a unicidade divina é indiscutível, pois é determinada pelo Alcorão – e o Alcorão é indiscutível – na sura 112, que trata da pureza da fé e diz que Deus é “o único da Unicidade Absoluta” e que “não gera, nem é gerado”¹¹⁷. Ünal, intérprete do Alcorão, explica essa unicidade absoluta a partir de uma analogia com o sol.

O sol engloba inúmeras coisas na sua luz. Isso pode servir para compreender a Unicidade de Deus. Mas para manter a totalidade de sua luz em nossas mentes, seria necessário um grande poder conceitual e perceptual. Então, para que o sol não seja esquecido, cada objeto brilhante reflete suas propriedades (luz e calor) da melhor maneira possível e assim se manifesta o sol.¹¹⁸

Esta não é a única sura que trata da unicidade divina. O Alcorão reforça em diferentes momentos que Deus é um só, e não pode ser três, deixando clara a diferença com o Cristianismo. É o caso da sura 4, versículo 171, que diz que Jesus foi um mensageiro e que Deus é uno, portanto, não pode ser parte de uma trindade¹¹⁹.

O Alcorão rejeita categoricamente o conceito cristão da Trindade ou divisão de pessoas na Divindade. O Alcorão afirma ter vindo como um retificador dos excessos cometidos por judeus e cristãos contra Deus. A tradição cristã afirma ter acreditado no monoteísmo, mas, para o

¹¹⁵ SARDAR, Ziauddin, **Em que acreditam os muçulmanos?**, p. 23-24.

¹¹⁶ GNILKA, Joachim, **Bíblia e Alcorão: o que os une - o que os separa**, p. 85.

¹¹⁷ ÜNAL, Ali, **O Alcorão com interpretação anotada**, p. 1.333.

¹¹⁸ *Ibid*, p. 1.334.

¹¹⁹ *Ibid*, p. 241.

Alcorão, o dogma cristão da Trindade e da encarnação foi uma clara violação da unidade e da transcendência divina.¹²⁰

A unicidade divina é chamada pela palavra árabe que significa unificação, *tawhid*, segundo Aslan, uma ideia teológica que exige que “Deus não seja apenas indivisível, mas também totalmente único”¹²¹. Deus é único e não possui qualquer tipo de característica, muito menos atributos humanos que façam parte da sua essência. Para os muçulmanos, o homem é muito pequeno para que Deus se pareça com ele.

No Islã, Deus está sozinho: transcendente e majestoso. A fé é marcada por um estrito monoteísmo ético, significando absoluta unidade, unicidade e transcendência de Deus, no sentido mais elevado e puro, e que elimina formal e inequivocadamente todas as funções de politeísmo, panteísmo, dualismo, monolatria, henoteísmo, triteísmo, e, de fato, qualquer postulação ou concepção da participação das pessoas na divindade de Deus. Assim, é uma verdade universal que o islamismo sempre enfatizou a transcendência absoluta e a unidade de Deus, evitando noções corpóreas e imagens antropomórficas do Seu ser.¹²²

Sobre o antropomorfismo, Shah diz que no Alcorão existem poucas expressões que poderiam levar a uma percepção ligeiramente antropomórfica, caso fossem levadas ao pé da letra. São frases que se referem a mãos, olhos, ao rosto de Deus, e que são consideradas um mistério para alguns pesquisadores, ou formas figurativas, metáforas, para outros.

A segunda parte da *Shahadah* diz respeito ao encontro de Deus com o homem por meio de Muhammad, o último profeta. Vale destacar que se trata do último, não o único. O Alcorão cita mais de vinte profetas e mensageiros, entre eles Abraão, Ismael, Isaac, Jacó, Moisés e Jesus, mas, de acordo com Gülen, não se sabe ao certo quantos profetas foram enviados ao mundo, esse número pode chegar a 224 mil: “O número exato não é importante, pelo contrário, devemos dar-nos conta de como nenhuma nação foi privada de seu próprio profeta”¹²³.

Na época da revelação, os primeiros ensinamentos do Islã não eram diferentes do que cristãos e judeus acreditavam: existia um Deus que criara o mundo e os homens. *Allah* não era uma divindade nova. Mesmo antes do início da pregação de

¹²⁰ SHAH, Zulfiqar Ali, *Anthropomorphic Depictions of God: The Concept of God in Judaic, Christian and Islamic Traditions*, p.50. Tradução nossa.

¹²¹ ASLAN, Reza, *Deus: uma história humana*, p. 144.

¹²² SHAH, Zulfiqar Ali, *Anthropomorphic Depictions of God: The Concept of God in Judaic, Christian and Islamic Traditions*, p. 48. Tradução nossa

¹²³ GÜLEN, M. Fethullah, *Perguntas e respostas sobre a fé islâmica*, p. 69.

Muhammad, os árabes já acreditavam que o Deus único adorado por judeus e cristãos fazia parte do panteão árabe, era *Al-allah*, o Deus superior. Quando ele foi transformado em único Deus, a relação com YHWH, o Deus judaico, foi inevitável.

[...] Maomé identificou explicitamente Alá com Javé, o deus dos judeus. Os árabes conheciam bem Javé. Os judeus viviam na península Arábica havia centenas de anos, talvez desde o exílio babilônico, e participavam da sociedade árabe em todos os níveis. [...] Na realidade, Maomé não estava substituindo Javé por Alá; ele simplesmente via Javé e Alá como o mesmo Deus.¹²⁴

Na Sura 29, o Alcorão deixa claro que *Allah* e YHWH são o mesmo Deus, o Deus de Abraão, quando diz: “Nós acreditamos no que te foi enviado e no que foi enviado a vós, e vosso Deus e o nosso Deus é Um só e o mesmo”¹²⁵.

1.3.3 O papel de Deus na criação do mundo e do homem

Assim como o Cristianismo, o Islã também incorporou o mito de criação do mundo judaico. Segundo Gnilka, a diferença é que enquanto o livro do Gênese possui duas narrativas da criação – pelo verbo e pelo barro – os muçulmanos cruzaram elementos das duas e transformaram em apenas uma. Sendo assim, o Alcorão assume a narrativa de que *Allah* criou o mundo em seis dias mais um de descanso e que fez Adão e Eva do barro.

[...] manifesta assim Maomé seu conhecimento das tradições bíblicas. Ele já não distingue as duas narrativas da criação, mas justapõe elementos de ambas, repetida e aleatoriamente. Ele partilha com a Bíblia a concepção arcaica de que a luz seria um elemento autônomo, que Deus retira de seus depósitos durante o dia, tendo o sol e a lua a tarefa de indicar o dia e a noite.

No entanto, o Alcorão nega que Deus tenha feito o homem à sua imagem e semelhança, afinal, como já vimos, *Allah* é transcendente demais para que o homem possa se parecer com ele. No Alcorão, a sura 55 esclarece que Deus criou o universo em sua misericórdia e lista pontos da criação, como o homem, o sol, a lua, as estrelas, as árvores e os gênios, ou *djinn*, seres sobrenaturais, como espíritos, criados de um tipo de fogo sem fumaça, que podem se associar ao bem

¹²⁴ ASLAN, Reza, **Deus: uma história humana**, p. 143.

¹²⁵ ÜNAL, Ali, **O Alcorão com interpretação anotada**, p. 880.

ou ao mal¹²⁶. De acordo com Gülen, Deus criou o universo como uma forma de demonstrar poder e força, sua onipotência e seu talento criador.

O Criador quer Se apresentar claramente a todos nós. Ele deseja comprovar Sua Magnificência por meio da variedade e da beleza da criação. Sua Vontade e Poder por intermédio da ordem e harmonia magníficas do universo demonstram Sua Misericórdia, Compaixão e Graça por meio da concessão de tudo aquilo que queremos, e inclusive, até nossos desejos mais ocultos.¹²⁷

Assim como os judeus, os muçulmanos rejeitam a ideia de pecado original, de que toda a humanidade está sendo castigada pelo desvio de conduta cometido por Adão e Eva. Se, no dia do juízo, cada alma vai ser julgada pelas próprias obras, não faz sentido que todos sejam responsabilizados pelos erros de um. É o livre-arbítrio. Cada um é capaz de fazer as próprias escolhas e, por isso mesmo, ser responsabilizado por elas.

O islamismo prega que seremos responsáveis, perante Deus, por nossas escolhas nesse mundo, e rejeita totalmente a ideia de “pecado original”. O que quer que Adão tenha feito no Éden, foi ele quem fez. Arrependeu-se de sua má ação pessoal, e Deus perdoou-o. As ações dele não lançam uma sombra sobre o restante da humanidade.¹²⁸

Sendo assim, Adão e Eva foram os primeiros a receber o perdão de *Allah* e o pecado não pode ser transmitido como uma herança hereditária, ele cabe a cada pessoa.

1.3.4 Formas de se relacionar com a sociedade

O próprio significado da palavra *Islam* já indica o que *Allah* espera de um muçulmano: submeter-se. Segundo Armstrong, o muçulmano é aquele que se submete à vontade de Deus e “ao pedido deste para que os seres humanos agissem uns em relação aos outros com justiça, equidade e compaixão”¹²⁹. O Alcorão é a forma como este Deus se manifesta entre os homens e estabelece as regras para essa convivência. De acordo com Hourani, o Alcorão está para os muçulmanos, assim como Jesus está para os cristãos.

¹²⁶ *Ibid*, p. 1149.

¹²⁷ GÜLEN, M. Fethullah, **Perguntas e respostas sobre a fé islâmica**, p. 24.

¹²⁸ SARDAR, Ziauddin, **Em que acreditam os muçulmanos?**, p. 28.

¹²⁹ ARMSTRONG, Karen, **O Islã**, p. 44.

Para os cristãos, a revelação é de uma pessoa, e a questão teológica básica nos primeiros séculos era o da relação dessa Pessoa com Deus; para os muçulmanos, a revelação é um Livro, e portanto o problema do *status* do Livro é fundamental.¹³⁰

A tradição islâmica acredita que o Alcorão é palavra de Deus que foi ditada a Muhammad, sem nunca ter sido alterada. O árabe é a língua do livro sagrado – e apenas o árabe, o livro é intraduzível e, por isso, as milhares de publicações que existem pelo mundo não são consideradas sagradas. O livro é dividido em 114 capítulos, chamados de suratas, que estão organizados por tamanho, do mais longo para o mais curto, e não pela ordem com que, segundo a tradição, foram revelados. Diferente da Bíblia, as suratas não contam narrativas, mas versam sobre leis, espiritualidade, política, economia e questões sociais. Segundo Prothero, o Alcorão ensina como adorar *Allah* e estabelece normas para a vida em sociedade.

Ele foi escrito não por Maomé, mas pelo próprio Alá, que transmitiu as palavras a um anjo, o qual, por sua vez, as repassou a Maomé, que as relatou a seus companheiros (mas nunca as escreveu de próprio punho). [...] Então, o Alcorão é uma escritura somente em árabe. Ao contrário do que ocorre com a Bíblia, para o Alcorão as traduções não valem.¹³¹

Segundo Sardar, os muçulmanos acreditam que o Alcorão é a palavra literal de *Allah* e que uma pessoa que se propõe a ser muçulmana, deve seguir as orientações que acreditam terem sido reveladas por Deus ao profeta Muhammad: “Os princípios e injunções deste oferecem as normas que formam o comportamento muçulmano e estabelecem padrões pelos quais são julgados o sucesso e o fracasso”¹³².

Submeter-se a Deus também significa estar totalmente entregue à vontade dele. Na tradição islâmica, nada acontece na terra sem a permissão de *Allah*. Ele sabe de tudo o que já aconteceu, o que está acontecendo e tudo o que ainda vai acontecer – e nada acontece sem que ele saiba. Apesar de acreditarem no livre-arbítrio, os muçulmanos também creem na predestinação, a capacidade de Deus, onipotente e onipresente, fazer cumprir seus próprios planos. A vontade de Deus incide sobre todas as coisas e todas as ações humanas. É um paradoxo. Como Deus pode julgar os homens por ações determinadas pelo próprio Deus? Segundo Peters,

¹³⁰ HOURANI, Albert, **Uma história dos povos árabes**, p. 95.

¹³¹ PROTHERO, Stephen, **As grandes religiões do mundo**, p. 37.

¹³² SARDAR, Ziauddin, **Em que acreditam os muçulmanos?**, p. 25.

O problema surgiu, naturalmente, com aqueles atos para os quais os humanos são considerados responsáveis por Deus como se eles, não ele, os tivessem criado. Os pensadores muçulmanos tradicionais rejeitaram essa possibilidade, que parecia, inevitavelmente, atribuir um ato de criação aos mortais. Preferiram viver com os próprios paradoxos da Escritura de um criador onipotente que julgava a humanidade pelo que pareciam ser as próprias ações do Criador.¹³³

Hourani levanta a mesma questão, que ele considera como mais uma questão inerente à fé monoteísta, assim como a teologia da Trindade. Nesse caso, como pode um Deus que se supõe misericordioso julgar o homem por atos que foram determinados por ele?

[...] é o homem livre para iniciar seus atos, ou vêm eles de Deus? Se ele não é livre, será justo Deus julgá-lo? Se é livre, e por conseguinte pode ser julgado por Deus, será ele julgado por um princípio de justiça que pode reconhecer? Se assim é, não haverá um princípio de justiça determinando os atos de Deus, e pode Deus então ser chamado de todo-poderoso? Como serão julgados os muçulmanos: por sua fé, pela fé juntamente com a expressão verbal dela, ou também pelas boas obras?¹³⁴

Hourani explica que no século II da era islâmica, que equivale ao século VIII da era cristã, surgiu uma escola de teologia islâmica mais racionalista, a *Mu'tazila*, que se propôs a encontrar uma solução para o problema. A conclusão foi que se Deus é justo e o homem é livre, pois não seria justo que fosse julgado por atos sobre os quais não teve responsabilidade e não era livre para cometer.

Sobre essa relação entre predestinação e livre-arbítrio, Gülen escreve que Deus manda o homem para o universo para que ele tenha oportunidade de compreender e aperfeiçoar a própria essência. Segundo o teólogo, Deus já sabe o resultado da prova, mas é a prova em si que vai fazer com que o homem evolua para chegar ao paraíso.

Certamente, Allah sabe como nós vamos comportar, mas, mesmo assim, Ele nos envia para este mundo para examinar os talentos com os quais nos forneceu. [...] A humanidade tem sido situada na criação para ser purificada e ser assim preparada para a felicidade eterna no Paraíso.¹³⁵

¹³³ PETERS, Francis Edward, **Os Monoteístas: Judeus, cristãos e muçulmanos em conflito e competição**, p. 203.

¹³⁴ HOURANI, Albert, **Uma história dos povos árabes**, p. 96.

¹³⁵ GÜLEN, M. Fethullah, **Perguntas e respostas sobre a fé islâmica**, p. 25.

Ao contrário de YHWH, *Allah* não precisa atuar, ou interferir na história porque ele já sabe como cada prova vai terminar. Segundo Armstrong, “Alá é mais impessoal que Javé”¹³⁶, não tem a mesma paixão, a mesma passionalidade que o Deus dos judeus e é tão transcendente que é impossível alcançá-lo.

1.3.5 Salvação

Se no Judaísmo a salvação está ligada ao pertencimento a um povo e no Cristianismo depende da fé em Jesus Cristo e na Santíssima Trindade, no Islã a salvação acontece pela combinação entre a fé e as obras, mas preferencialmente pela fé na unicidade divina. Uma não é o suficiente sem a outra e o pecado não é uma questão que pode diminuir a possibilidade de salvação. Os muçulmanos rejeitam a doutrina do pecado original. Ao renegar essa ideia, o Islã entende que os homens não são como seres “caídos”, com inclinação para o mal e que precisam ser salvos do pecado. Segundo Prothero, a tradição islâmica acredita que o homem nasce inclinado a praticar o bem, “de forma que o pecado não é um problema que interesse ao islã”¹³⁷, portanto, não existe a necessidade de que o homem seja salvo do pecado.

O Alcorão afirma repetidamente que o caminho para o Paraíso é pavimentado com fé e boas obras – “os fiéis que praticam o bem alcançarão... o grande benefício” (85:11) – , mas o islã se aproxima do judaísmo e se distancia do cristianismo ao priorizar a ortopraxia (bom comportamento) em relação à ortodoxia (doutrina correta).¹³⁸

Segundo a tradição islâmica, um dia o mundo vai acabar e todos os mortos vão se encontrar em um último julgamento. Nesse dia, tudo o que foi feito na Terra, cada intenção, movimento, pensamento e palavra pronunciada será levada em conta. Aqueles que viveram no bom caminho receberão recompensas e serão levados para o paraíso, do contrário, o castigo é o inferno – mesmo que os conceitos de céu e inferno sejam metafóricos.

O termo usado com mais frequência para se referir ao paraíso é “jardim. [...] Em contraste, o inferno costuma ser sinônimo de fogo, um local de tormenta. No entanto, essas descrições, como o próprio

¹³⁶ ARMSTRONG, Karen, **Uma história de Deus: quatro milênios de busca do judaísmo, cristianismo e islamismo**, p. 189.

¹³⁷ PROTHERO, Stephen, **As grandes religiões do mundo**, p. 29.

¹³⁸ *Ibid*, p. 29.

Alcorão declara, são apenas “semelhanças”: a verdadeira natureza do céu e do inferno só é conhecida por Deus.¹³⁹

Sardar destaca que, no Islã, a crença não é o suficiente para garantir a salvação, ela deve ser complementada por boas obras, pela busca da justiça e da caridade. No dia do juízo, são as obras de cada um, e não a fé, que vão para a balança, só estará salvo aquele que, sendo fiel, tem o lado das boas ações mais pesado que o lado das más ações. A salvação não é uma certeza.

A crença no Dia do Juízo significa que a morte não é o fim da vida, mas um portal para a vida eterna. [...] A explicação a ser dada no Dia do Juízo é uma explicação pessoal, relativa apenas aos próprios atos e não a intercessão de algum outro que levará à salvação.¹⁴⁰

A certeza de um julgamento final faz com que o Islã tenha como crença a imortalidade da alma, mas rejeite veementemente a doutrina da reencarnação da alma. Importante ressaltar a diferença entre reencarnação e ressurreição. O Islã rejeita a ideia de que a alma possa voltar a viver em outro corpo, em outra vida, mas acredita na ressurreição do corpo no dia do juízo final.

A crença no Islam requer a crença na Ressurreição e no juízo Final, em que a justiça se impõe devido ao que cada alma fez enquanto estava viva. Se a alma passa por diferentes vidas, em que forma ou personalidade será ressuscitada e julgada para que possa render contas e ser recompensada ou castigada?¹⁴¹

Depois do julgamento, os justos e fiéis ganham o direito de passar por uma ressurreição final para vida eterna no paraíso. Segundo Ries, a ressurreição dos corpos exerce papel fundamental na fé muçulmana, ela pode marcar o início do sofrimento ou de uma vida plena.

Para os muçulmanos, *Allah* é o Deus de toda a humanidade, visto que todas as sociedades receberam profetas que transmitiram a palavra de *Allah*. Sendo assim, todos são iguais e com iguais possibilidades de entrada no paraíso.

Somos todos iguais perante Deus. Ninguém, não importa credo, cor, classe, sexo ou princípios, é superior ou inferior ao outro. Esse padrão de igualdade, eu diria, também se estende à noção de verdade. Maomé foi um mensageiro, mas houve inúmeros antes dele. Cada

¹³⁹ SARDAR, Ziauddin, **Em que acreditam os muçulmanos?**, p. 87.

¹⁴⁰ *Ibid*, p. 87-88.

¹⁴¹ GÜLEN, M. Fethullah, **Perguntas e respostas sobre a fé islâmica**, p. 53.

comunidade tem alguma concepção da verdade reconhecida e apreciada pelo islã: a verdade não é a mesma para todos.¹⁴²

Se para ser salvo é preciso ser bom e para ser bom é preciso seguir o que está escrito no Alcorão, então, o livro sagrado dos muçulmanos acaba sendo, mais uma vez, o que Jesus é no Cristianismo, o guia e mediador da salvação.

1.3.6 Imagens e representações

No Ocidente, a palavra Alá, ou *Allah*, é normalmente confundida com um nome próprio de Deus. Como se existisse um Deus que se chama *Allah*. É um equívoco. Segundo Prothero, “Alá é a palavra árabe para Deus, portanto os muçulmanos, e também os cristãos de idioma árabe, se referem a Deus como Alá – que, literalmente, significa “o Deus” (*al-ilah*)”¹⁴³. A palavra não possui número ou gênero, ou seja, não pode ir para o plural, como deuses, nem para o feminino, como deusa. De acordo com Gnilka, a palavra *Allah* tem a mesma raiz das palavras hebraicas usadas pelos judeus para descrever YHWH.

[...] o nome divino Alá, já conhecido na Arábia pré-islâmica, é aparentado com os nomes divinos bíblicos *el*, *eloah* e *elohim*. *El* significa Deus. A derivação etimológica é discutível. A palavra *el* aparece nas frases primitivas de todas as principais línguas semíticas. A evolução deve ter ocorrido de forma que *al-ilah* (= o Deus, com artigo), por assimilação do “l”, tenha surgido *allah*. A assimilação pode ser esclarecida pelo uso frequente da palavra. O importante é que o nome divino bíblico *el* e o *allah* do Alcorão remontam à mesma raiz. O nome divino bíblico *Yahveh* não foi assumido pelo Alcorão.¹⁴⁴

Segundo Aslan, o fato de *Allah* significar “o Deus” é uma indicação de que o Deus do Islã está mais para um espírito divino do que para uma personalidade divina. *Allah*, na história árabe, nunca teria sido representado por um ídolo, uma estátua de barro, ao contrário das outras divindades adoradas pelos árabes antigos, “o que teria sentido se ele fosse percebido como um espírito animador sem forma física”¹⁴⁵.

¹⁴² SARDAR, Ziauddin, **Em que acreditam os muçulmanos?**, p. 26-27.

¹⁴³ PROTHERO, Stephen, **As grandes religiões do mundo**, p 33.

¹⁴⁴ GNILKA, Joachim, **Bíblia e Alcorão: o que os une - o que os separa**, p. 86.

¹⁴⁵ ASLAN, Reza, **Deus: uma história humana**, 140.

No Islã, Deus é um ser inatingível, existe uma grande distância entre *Allah* e o homem. Segundo Sardar, para os seres humanos é impossível sequer imaginar a forma de Deus, isto está além da imaginação humana.

Certamente, Deus não possui gênero, mas por convenção os muçulmanos se referem a Deus como Ele (sempre com letra maiúscula!). Ele é tanto transcendente como imanente. Criou o universo, o mantém e o sustenta. O único modo de a mente humana entendê-Lo é por meio de Seus atributos. Ele é descrito como Amoroso, Generoso e Benevolente. É o primeiro (estava lá antes do *Big Bang*) e o Último (estaré lá após o fim do Universo).¹⁴⁶

A partir desta total incapacidade de imaginar a forma de Deus, é possível perceber que o Islã rejeita a ideia presente na tradição judaico-cristã de que o homem foi feito à sua imagem e semelhança.

[...] não pode haver semelhança física entre Alá e sua criação, razão pela qual, ao contrário de quase todos os outros mitos de criação que surgiram no antigo Oriente Próximo, o Corão rejeita expressamente a crença de que Deus criou os seres humanos à sua imagem. Deus não tem imagem. Ele não tem corpo, não tem substância, não toma forma alguma, seja ela humana ou não.¹⁴⁷

Ainda segundo Aslan, assim como a Bíblia, o Alcorão também possui descrições antropomórficas de Deus, referências a rosto, mãos e olhos, por exemplo, mas essas descrições devem ser lidas metaoricamente, não como descrições literais.

Gülen reforça a rejeição à possibilidade de Deus ter feito o homem à sua imagem e semelhança quando diz que *Allah* “é absolutamente diferente de Sua criação uma vez que não é possível que o Criador seja um dos seres de Sua criação”¹⁴⁸. Para o teólogo, o homem é um ser muito pequeno diante de toda a criação, por isso incapaz de ver ou entender Deus e tudo o que foi criado por ele.

Muçulmanos e judeus se aproximam quando o assunto é a adoração de imagens. Primeiro porque, para o Islã, nenhuma imagem é capaz de captar a realidade do divino.

Para os muçulmanos, Deus é absoluta e totalmente transcendental, muito além de todas as concepções humanas a Seu respeito. Em razão disso, enquanto a arte ocidental tem se preocupado, até hoje,

¹⁴⁶ SARDAR, Ziauddin, **Em que acreditam os muçulmanos?**, p. 24.

¹⁴⁷ ASLAN, Reza, **Deus: uma história humana**, p. 145.

¹⁴⁸ GÜLEN, M. Fethullah, **Perguntas e respostas sobre a fé islâmica**, p. 19.

com a verdadeira imagem de Cristo, a arte islâmica se concentrou na caligrafia e na gravura, com ênfase nas letras árabicas do Alcorão.¹⁴⁹

Segundo, porque a religião proíbe a idolatria, embora não exista no Alcorão uma sura específica para a proibição do uso e adoração de imagens. Esta é uma das questões que os muçulmanos resolvem a partir dos exemplos de Muhammad. Segundo Armstrong, no ano de 630, o profeta liderou um exército de dez mil homens e marchou sobre Meca. Naquela época, já existia na cidade a Caaba, um santuário que guarda um cubo de granito de pouco mais de 15 metros de altura, onde fica a pedra negra, um provável meteorito considerado sagrado. Nos tempos de administração coraixita, o santuário era dedicado ao Deus *Hubal*, uma divindade importada do reino dos nabateus, atual Jordânia. Ao tomar a cidade, Muhammad destruiu todas as 360 imagens que ficavam no santuário¹⁵⁰.

De acordo com Peters, não se sabe, exatamente, quando a proibição de imagens se deu, porém, mesmo antes do episódio da Caaba, Muhammad já se posicionava contra a adoração de ídolos.

Desde o começo, o Profeta não fez segredo de suas intenções com respeito aos ídolos onipresentes dos árabes. Às tribos que abraçaram o islã durante a sua vida, pediu que destruissem os seus ídolos ou, se fossem incapazes eles mesmos de realizar tal ato, o Profeta enviava alguns muçulmanos mais convictos para fazer o trabalho de demolição no lugar deles.¹⁵¹

As imagens foram substituídas pelas letras. Segundo Küng, nas mesquitas e nas casas dos muçulmanos, as imagens, tanto pinturas, quanto estátuas, foram substituídas pela caligrafia. Nas paredes é comum que sejam escritas, de forma artística, palavras ou frases do Alcorão cercadas de arabescos, ornamentos não figurativos. Também é comum o uso da letra ﷺ, o que significa *Allah* em árabe.

Ao contrário dos judeus do período tardio, até hoje os muçulmanos não têm qualquer escrúpulo em pronunciar o nome de Deus. Mas, no tocante à proibição de imagens, eles são talvez ainda mais radicais do que os judeus. O lugar das imagens proibidas é ocupado entre eles pela escrita, o das artes representativas pela caligrafia: a arte da bela escrita, antigamente cultivada também nos mais altos círculos.¹⁵²

¹⁴⁹ PROTHERO, Stephen, **As grandes religiões do mundo**, p. 33.

¹⁵⁰ ARMSTRONG, Karen, **O Islã**.

¹⁵¹ PETERS, Francis Edward, **Os Monoteístas: Judeus, cristãos e muçulmanos em conflito e competição**, p. 251.

¹⁵² KÜNG, Hans, **Religiões do Mundo: em busca de pontos comuns**, p. 254.

De acordo com Peters, as letras são desenhadas de forma complexa, o que, às vezes, às deixa ilegíveis. Apesar disso, para o muçulmano a compreensão é fácil, afinal, trata-se de escritos conhecidos, familiares, normalmente textos do Alcorão.

CAPÍTULO 2

AS POSSIBILIDADES DE DIÁLOGO E ENTENDIMENTO ENTRE AS RELIGIÕES

Depois de compreendermos, por meio da criação de tipos ideais, qual é a interpretação que cada religião tem de Deus, este capítulo pretende apresentar as possibilidades de diálogo entre as três religiões estudadas. Serão apresentadas as diferentes possibilidades desenvolvidas ao longo dos anos por estudiosos e representantes das religiões. Trata-se, portanto, das possibilidades de diálogo entendidas por aqueles que carregam a responsabilidade de representar a elite religiosa. A partir desta compreensão poderemos, mais adiante, entender como o diálogo inter-religioso pode acontecer entre leigos e como ele pode ser melhorado.

2.1 A PRÉ-DISPOSIÇÃO PARA O DIÁLOGO INTER-RELIGIOSO

A realidade do pluralismo religioso pode ser perturbadora em certo sentido, porém é inevitável. Perturbadora porque desafia o crente à interação com o diferente, exige reciprocidade, capacidade de compreensão do outro, capacidade de estar disponível, de renunciar ao protagonismo religioso e ao controle da verdade. Inevitável porque faz parte do mundo globalizado, faz parte do século XXI, de uma sociedade onde a troca de informações e experiências acontece de forma assustadoramente rápida, onde a religiosidade não depende mais do destino, do lugar ou da família onde cada indivíduo nasceu, mas sim da escolha que cada um fizer, inclusive, mais de uma vez, já que no mundo moderno a troca de religião é permitida. Essa liberdade de escolha, portanto, cria a possibilidade de trânsito religioso, se cada um escolhe o que quer ser, cada um escolhe em que quer crer e nada mais moderno do que mudar de opinião.

Novas formas de espiritualidade surgem a cada momento e, quanto maior o número de possibilidades, maior o número possível de divergências teológicas entre as religiões. E maior também é a necessidade de se buscar um entendimento entre

elas – importante destacar que entendimento e compreensão não significam, necessariamente, concordância.

Para Berger, um mundo religioso plural exige um tipo de diálogo em que exista conversação e relacionamento constante entre iguais e diferentes; além disso, exige trocas sobre uma variedade de temas, em um processo que o autor chama de contaminação cognitiva. É a capacidade que as pessoas têm de, em um ambiente plural, conversar umas com as outras ao mesmo tempo em que influenciam e se deixam influenciar. Porém, isso pode levar a uma relativização das realidades, das crenças, e ao enfraquecimento das certezas.

[...] a relativização é a compreensão de que a realidade pode ser percebida e vivida de uma maneira diferente daquela que alguém pensava ser a única forma possível. Ou, simplificando, as coisas podem ser de fato realmente difíceis.¹⁵³

Faustino formula normas para que o diálogo aconteça. Segundo o autor, o processo dialogal deve preservar a individualidade de cada interlocutor, a liberdade de escolha, ao mesmo tempo em que celebra a diversidade das experiências religiosas e permite o aperfeiçoamento da própria identidade. Sendo assim, o diálogo inter-religioso deve acontecer entre aqueles que estão verdadeiramente comprometidos com a própria fé e verdadeiramente disponíveis ao aprendizado por meio da diferença.

O diálogo inter-religioso implica o exercício de reciprocidade. Assim como um dado interlocutor exige respeito às suas convicções, o outro com o qual entra em relação exige igual direito e respeito às suas posições, que reclamam para si o mesmo reconhecimento de autenticidade e verdade.¹⁵⁴

Para que o diálogo inter-religioso aconteça, Faustino diz que é preciso que os interlocutores sejam capazes de reconhecer o valor do pluralismo religioso, o que não pode ser considerado um processo simples. Aceitar o pluralismo de crenças pode, por exemplo, significar o início de questionamentos sobre a própria fé.

Nenhum conhecimento ou interpretação permanecem ilesos diante da provocação plural. Perspectiva alguma consegue firmar-se como única e inquestionável, mas permanece sempre aberta à apropriação de outras possibilidades. E é justamente isso que provoca a

¹⁵³ BERGER, Peter L., **Os múltiplos altares da modernidade: rumo a um paradigma de religião numa época pluralista**, p. 24.

¹⁵⁴ TEIXEIRA, Faustino; DIAS, Zwinglio Mota, **Ecumenismo e Diálogo Inter-Religioso: a arte do possível**, p.127.

insegurança em muitos, que se sentem despreparados e desprotegidos num mundo “cheio de possibilidades de interpretações”. Ao acentuar dissonâncias cognitivas, o pluralismo provoca em indivíduos ou grupos um sentimento de insegurança significativamente ameaçador para a plausibilidade de sua inserção no mundo.¹⁵⁵

O que Berger e Faustino querem dizer é que o pluralismo pode levar o fiel menos preparado para o diálogo a uma crise religiosa. Como já dito, dialogar é um desafio.

Ao mesmo tempo em que teólogos, cientistas da religião e pesquisadores de outras áreas do conhecimento seguem analisando as possibilidades de entendimento entre as diferentes crenças, conflitos e preconceitos seguem ganhando força em algumas partes do mundo. Para se vencer esta barreira é preciso que o diálogo comece a partir de uma pré-disposição ao entendimento, não só por parte dos líderes, mas também dos fiéis de cada corrente religiosa.

Para que o diálogo encontre um resultado satisfatório para todas as partes envolvidas, Sanchez diz que é preciso que essas partes, os representantes de cada religião, apresentem duas características primordiais: a flexibilidade e a dialogicidade. Segundo o pesquisador, a primeira diz respeito à capacidade dos agentes se movimentarem no campo religioso para atender a expectativa do sujeito que aceita uma concepção religiosa; enquanto a segunda se refere à capacidade de se adaptar às mudanças na sociedade e de se relacionar com outros atores religiosos e com a própria sociedade.

A existência do pluralismo religioso e, portanto, do diálogo entre os diversos sujeitos, numa determinada sociedade, vai depender da flexibilidade e da dialogicidade existente no interior do campo religioso. Um campo religioso onde a flexibilidade e a dialogicidade inexistem não favorecerá a existência do diálogo entre as várias religiões existentes.¹⁵⁶

Soma-se a estes dois pontos, outra característica fundamental, a coerência entre o discurso e a prática. Para Sanchez, é a disposição para o diálogo e para uma convivência pacífica que vão legitimar uma religião na sociedade moderna, que não aceita o monopólio religioso, assim como não aceita que exista apenas um dono da

¹⁵⁵ *Ibid*, p. 129.

¹⁵⁶ SANCHEZ, Wagner Lopes, **Pluralismo Religioso: as religiões no mundo atual**, p. 56.

verdade. Nos tempos modernos, as certezas são relativizadas e o espaço está aberto para que se coloque na mesa um variado leque de cosmovisões.

A abertura de uma religião para o diálogo inter-religioso e, como decorrência, para a convivência pacífica e para a cooperação é, atualmente, um dos critérios utilizados na sociedade ocidental para reconhecer a legitimidade desta. Uma religião que não aceita dialogar e que é intolerante em suas posições tem dificuldade para ser reconhecida. Num mundo plural, que não admite mais a posição hegemônica de uma ou outra religião e que defende a liberdade religiosa, a abertura para o diálogo inter-religioso é fundamental para a consolidação do pluralismo religioso.¹⁵⁷

Sanchez destaca, ainda, que o diálogo deve colocar em condição de igualdade todas as tradições religiosas envolvidas no processo sem que, para isso, seja preciso que algum participante abandone alguma convicção pessoal que esteja inserida na própria tradição religiosa.

Faustino e Dias destacam a necessidade de que o diálogo aconteça entre agentes dispostos ao aprendizado da diferença. Os autores elencam características essenciais para que o bom entendimento seja possível. O primeiro é a consciência da humildade, a disposição para compreender e acolher o outro com respeito e consciência de que todas as tradições religiosas têm igual valor.

A maior resistência ao diálogo advém de pessoas ou grupos animados pela auto-suficiência [sic !], pela arrogância e pela *hybris* totalitária. O sentimento de superioridade constitui um real obstáculo ao diálogo inter-religioso e só pode ser superado com a experiência fundamental da humildade. Experimenta-se no diálogo a consciência dos limites e a percepção da presença de um mistério que a todos ultrapassa.¹⁵⁸

Para os autores, a “experiência da humildade” acontece no momento em que o agente supera o apego excessivo à própria fé e se permite ir além dos muros que cercam a sua visão de mundo, se permite conhecer o outro e ter contato com novos horizontes. Um diálogo eficiente também exige o reconhecimento do valor da diversidade e do quanto ela pode agregar à experiência humana, é a capacidade de legitimar a convicção religiosa do outro sem que, para isso, seja necessário abrir mão da fidelidade à própria tradição religiosa.

Não há como ser cidadão do mundo fora de um enraizamento particular. A abertura dialogal ocorre sempre no seio de um

¹⁵⁷ *Ibid*, p. 59.

¹⁵⁸ TEIXEIRA, Faustino; DIAS, Zwinglio Mota, **Ecumenismo e Diálogo Inter-Religioso: a arte do possível**, p. 141.

compromisso determinado, de uma tradição referencial. O diálogo ganha riqueza e sustentação quando acompanhado pelo aprofundamento do próprio compromisso identitário. Para melhor dialogar, ninguém precisa romper com a religião de sua própria cultura e herança.¹⁵⁹

É preciso que se compreenda, no entanto, segundo os autores, que a identidade religiosa não deve ser fechada, pelo contrário, está em permanente construção e os interlocutores devem estar abertos ao acolhimento das verdades que fazem parte da tradição do outro.

2.2 MODELOS E POSSIBILIDADES DE DIÁLOGO INTER-RELIGIOSO

Apresentada a necessidade e os pré-requisitos para que o diálogo aconteça de forma satisfatória e de fato promova o bom entendimento e a convivência pacífica entre as religiões, é preciso compreender quais são as possibilidades estabelecidas. Do ponto de vista cristão, foram estabelecidas, ao longo dos anos, três perspectivas de diálogo inter-religioso: o exclusivista, o inclusivista e o pluralista.

2.2.1 Modelo Exclusivista

O modelo exclusivista, como o próprio nome diz, está baseado no conceito ultraconservador de exclusão do diferente, na ideia de que a única religião verdadeira é a própria, o que significa que qualquer ideia ou visão esboçada por outra religião é rejeitada. É quando uma religião se fecha sobre si mesma e entende que qualquer conceito apresentado por religiões diferentes não condiz com a verdade e não merece qualquer tipo de atenção ou consideração. Desta forma, o diálogo com a outra religião também não merece dedicação, já que o outro não tem o que oferecer em termos de identidade religiosa. O exclusivista descarta o diálogo pois considera uma superioridade prévia da própria religião, única detentora da verdade; o outro não é capaz de apresentar mais do que uma verdade deficiente.

¹⁵⁹ *Ibid*, p. 145.

Essa exclusão pode acontecer em diferentes níveis, do mais radical a um nível mais ameno, porém, o fim é sempre o mesmo: apenas uma religião é verdadeira, todas as outras estão fadadas ao erro.

O exclusivismo realça a confissão da própria fé ou a afirmação da posição religiosa pessoal, exclui a possibilidade de qualquer outra religião que compartilhe a verdade e o acesso à transcendência de forma igual ou de comparável valor. As outras tradições são vistas como diversos graus de erro e de confusão. Tal exclusivismo pode ser absoluto quando as outras tradições são vistas como sob o poder do mal, ou desesperadamente vinculadas ao erro; ou pode ser menos categórico, reconhecendo elementos de verdade e valor fora da própria religião, mas mantendo a afirmação de que só a última possui a verdade integral.¹⁶⁰

Segundo Paine, o exclusivismo traz a ideia de que apenas a religião do indivíduo é válida na medida em que cada integrante de uma religião entende que aquela tradição é a responsável pela manifestação do transcidente em sua vida, uma responsabilidade que não admite concorrência.

Do ponto de vista católico, o exclusivismo considera que apenas as religiões que afirmam o compromisso com o Cristo possuem a verdade e são capazes de oferecer a salvação. Durante séculos a igreja do Vaticano foi a única capaz de oferecer os recursos necessários para essa salvação, era o *extra ecclesiam nulla salus*, ou, fora da igreja não há salvação, ou seja, para ser salvo o indivíduo precisa acreditar no Cristo e fazer parte da igreja. De acordo com Sanchez, esta expressão, que tão bem traduz a visão exclusivista, surgiu a partir de Orígenes, Cipriano e Agostinho logo nos primeiros séculos da era cristã. Foi discutida no IV Concílio de Latrão, realizado em Roma, em 1215, sob o comando do Papa Inocêncio III, e reafirmada pelo Concílio de Florença, que aconteceu entre os anos de 1431 e 1445 nas cidades de Basileia, Ferrara e Florença, na Itália. A posição exclusivista também serviu como argumento para o combate à Reforma Protestante, movimento reformista liderado pelo monge e teólogo Martinho Lutero a partir de 1517, que alegava que a salvação não estava na igreja, mas em Jesus Cristo.

Tal posição levou a Igreja católica romana a afirmar um eclesiocentrismo que ainda hoje paira como sombra sobre essa instituição e a negar a validade não só das igrejas originadas da Reforma, mas também das demais religiões.

¹⁶⁰ PAINÉ, Scott Randall, **Exclusivismo, Inclusivismo e Pluralismo Religioso**, p. 100.

Do ponto de vista teórico, a posição exclusivista foi o sustentáculo da posição hegemônica exercida pelo catolicismo durante toda a Idade Média e, em alguns países, mesmo durante a Modernidade.¹⁶¹

Segundo Queiruga, o exclusivista só admite a existência de uma revelação verdadeira – a da própria religião> Porém, atualmente, essa postura já não encontra público. A exceção são grupos cristãos fundamentalistas, de visão mais restrita, fechados ao diálogo por natureza.

Em sua forma rígida, hoje é sustentada por quase ninguém; na prática acaba se tornando “contrafigura” para fixar as demais posturas. Pode, de qualquer modo, apresentar-se em formas mais abertas que não excluem todo o diálogo e tendem à segunda postura.¹⁶²

Hick lembra que a visão exclusivista foi repudiada, primeiro, pelo Concílio Vaticano II, e poucos anos depois, em 1979, pelo Papa João Paulo II em sua primeira encíclica *Redemptor Hominis*, mas concorda que a ideia de que os não-cristãos vão para o inferno ainda está viva em círculos fundamentalistas extremados.

Os únicos exclusivistas da salvação são uns poucos católicos ultraconservadores, seguidores do falecido Arcebispo Lefebvre, que foi excomungado em 1988; e um grupo bem mais numeroso, vociferante e influente de fundamentalistas protestantes. Sua posição é consistente e coerente para aqueles que conseguem crer que Deus imputa a condenação eterna à maior parte da raça humana, que nunca deparou nem aceitou o evangelho cristão.¹⁶³

O autor é um entusiasmado crítico do exclusivismo e defende que o dogma que diz que não existe salvação fora da igreja deve ser esquecido.

Fosse eu um católico, deixaria a velha fórmula do *extra ecclesiam* transladar-se silenciosamente para o museu dos dogmas defuntos, ao invés de revivê-la e tentar defendê-la na atualidade. Foi uma formulação profundamente infeliz, e com certeza é melhor que seja esquecida em nossos dias.¹⁶⁴

Portella acredita que a visão exclusivista está encontrando coro na igreja Católica moderna, pós Vaticano II, entre grupos mais tradicionais, saudosistas de uma igreja hegemônica e inflexível que acreditam que a abertura para o diálogo enfraqueceu e relativizou a identidade cristã.

Daí que têm crescido na Igreja Católica o número de organizações – novas comunidades, institutos seculares e religiosos, movimentos, etc

¹⁶¹ SANCHEZ, Wagner, **Pluralismo Religioso: as religiões no mundo atual**, p. 69.

¹⁶² QUEIRUGA, Andrés Torres, **O Diálogo das Religiões**, p. 18.

¹⁶³ HICK, Jhon, **Teologia Cristã e pluralismo religioso: o arco-íris das religiões**, p.43.

¹⁶⁴ *Ibid*, p. 120.

– que se propõem a uma fidelidade estrita à Igreja Católica e à sua defesa contra um presumido relaxamento de ardor e doutrinário pela qual a mesma estaria passando, ou contra supostos abusos e esquecimentos teológicos, devocionais, litúrgicos e morais após o Concílio Vaticano II. Em outras palavras: defensores de uma suposta restauração da verdadeira e fiel identidade católica que, segundo alguns, estaria corrompida quando da abertura pós-conciliar da Igreja ao diálogo – teológico, litúrgico e moral – com o mundo moderno.¹⁶⁵

Estes novos grupos, segundo o autor, pretendem resgatar uma identidade católica forte, já que consideram que a igreja perde poder ao se colocar ao lado de ideias seculares, laicas, iluministas, racionais ou democráticas. A abertura à modernidade, para esses grupos, transformou a igreja em um organismo condescendente que aceita renunciar a símbolos tradicionais para se adequar a uma realidade. Entre esses símbolos, Portella coloca o latim, que já foi falado nas missas, e as vestes sagradas, que foram substituídas por trajes comuns. Segundo o autor, esses grupos exclusivistas se consideram os únicos puramente e verdadeiramente católicos, se dedicam a combater mais do que a negação de Deus, mas também a decadência de um mundo que se entrega à corrupção espiritual.

Daí que tais organizações, ainda que não oficialmente, mas na prática, constituam-se em eclesiolas em que se faz presente, em resistência providencial, a Igreja verdadeira em todo seu esplendor, totalidade e verdade, longe de decadência e laxismos doutrinários e simbólicos. Por isso, em tais movimentos, reforça-se a experiência subjetiva de que fora deles, fora da Igreja, ou melhor, fora da Igreja que se manifesta neles há uma Igreja mais pálida e fraca, e seu crente igualmente.¹⁶⁶

A Igreja Católica abandonou oficialmente a posição exclusivista no Concílio Vaticano II – falaremos sobre isso logo mais, mas por hora é importante sabermos que foi a partir daí que a Igreja assumiu uma posição mais voltada para o inclusivismo, o segundo paradigma, ou a segunda postura, de diálogo inter-religioso que admite que outros caminhos que estão fora do Cristianismo levem à salvação, porém, não deixa de considerar a superioridade da teologia cristã.

¹⁶⁵ PORTELLA, Rodrigo, **Ser Católico é Ser Exclusivista? Reflexões e Provocações Sobre um Fenômeno “Moderno”**, p. 259.

¹⁶⁶ *Ibid*, p. 264.

2.2.2 Modelo Inclusivista

No diálogo inclusivista a flexibilidade é maior do que no diálogo exclusivista. O interlocutor admite a concordância com outras religiões, mas sem colocar a própria fé em risco, já que acredita que a própria religião segue sendo superior e, por isso, acaba sendo usada para nortear a interpretação dos elementos da outra religião. É como se a outra só encontrasse algum sentido quando analisada a partir dos critérios estabelecidos pela própria religião.

O inclusivismo entende uma tradição religiosa como já contendo, implícita, se não explicitamente, o essencial das verdades e dos valores positivos de outras tradições. Dessa forma, uma atitude positiva pode ser adotada para com elas.¹⁶⁷

Segundo Paine, o inclusivismo pode acontecer de duas maneiras. Na primeira pode afirmar que de uma forma ou de outra todas as religiões dizem a mesma coisa, possuem o mesmo discurso no que diz respeito à doutrina moral. Desta forma, caminham para um mesmo objetivo com diferenças, apenas, de linguagem, estilo ou cultura. Na segunda, o inclusivismo pode admitir até mesmo um alto grau de semelhança ou de elementos comuns entre as religiões, mas não deixa de destacar diferenças, por vezes, inumeráveis e inconciliáveis.

Queiruga afirma que o inclusivismo não exclui a verdade ou a salvação nas outras religiões, mas, do ponto de vista católico, mantém a centralidade do Cristianismo, que pode incluir, ou absorver, verdades das outras religiões. Para o autor, o inclusivismo pode funcionar como uma opção de resposta do Cristianismo “às preocupações legítimas do respeito e da abertura aos demais, sem para tanto ceder à vertigem do relativismo”¹⁶⁸. O autor considera que o real sentido do inclusivismo é a ideia de que o Cristo não é exclusivo dos cristãos, mas sim “uma oferta a todos como possível culminação da fé que eles já têm”¹⁶⁹.

Segundo Sanchez, o ponto de partida do inclusivismo é o cristocentrismo, pois deixa de colocar a Igreja como figura central da salvação e transfere esse papel para Jesus Cristo. Sendo assim, Cristo passa ser a única forma de salvação para toda a humanidade, para todas as religiões, sejam ou não cristãs.

¹⁶⁷ PAINÉ, Scott Randall, **Exclusivismo, Inclusivismo e Pluralismo Religioso**, p. 100.

¹⁶⁸ QUEIRUGA, Andrés Torres, **O Diálogo das Religiões**, p. 20.

¹⁶⁹ *Ibid*, p. 32.

Assim, as demais religiões salvam por causa de Jesus Cristo e não porque manifestam por si mesmas a salvação. Em outras palavras, embora essa posição represente um avanço em relação ao exclusivismo, ela nega às demais religiões autonomia e legitimidade própria. A legitimidade das demais religiões é uma legitimidade derivada da ação salvífica de Jesus Cristo. Afirma-se, desta forma, o caráter absoluto do cristianismo em contraposição às religiões não-cristãs que são deficientes e incompletas.¹⁷⁰

De acordo com Hick, o inclusivismo é hoje a postura adotada pela maioria dos teólogos católicos e protestantes, que acreditam que a salvação pode acontecer em qualquer religião, mas nunca vai deixar de ser obra de Cristo.

Salvação, de acordo com esta perspectiva, depende da morte expiatória de Jesus no Calvário, ainda que seus frutos não se limitem aos cristãos, mas estejam disponíveis, em princípio, a todos os seres humanos. Desse modo, pessoas de outras religiões mundiais podem ser incluídas dentro da esfera da salvação cristã. Na famosa expressão de Karl Rahner, podem ser “cristãos anônimos”.¹⁷¹

O autor destaca que mesmo alguns inclusivistas consideram essa expressão um tanto imperialista, no entanto afirma que ela traduz bem a ideia de que se judeus, muçulmanos ou fiéis de qualquer outra religião são salvos, isso não acontece de outra forma senão por meio de Jesus Cristo, mesmo que eles não saibam disso e que acabem encontrando Jesus apenas depois da morte. Para Hick, a figura salvífica que os cristãos chamam de Cristo pode ser considerada a mesma que os muçulmanos chamam de *Allah* ou que budistas e hinduístas chamam de *Dharma* e isso pode significar a existência de uma pluralidade de inclusivismos, portanto, para o autor, “o inclusivismo religioso é uma concepção vaga que, quando é pressionada a aclarar-se, se move na direção do pluralismo”¹⁷².

A citação à Rahner cria uma necessidade de explicação. O sacerdote católico é considerado um dos primeiros teólogos a pensar o diálogo inter-religioso pela perspectiva inclusivista. Segundo Caldas Filho, Rahner é a expressão mais eloquente do inclusivismo com sua tese dos “cristãos anônimos”, que diz que a salvação é construída a partir da graça de Deus, que ele chama de Existência Sobrenatural. Essa graça está ligada ao homem por natureza e, ao se manifestar, é a autocomunicação de Deus no homem. Sendo assim, o Deus cristão está ligado, naturalmente, a todos os homens, mesmo aos que não são batizados ou não conhecem o Cristo ou a

¹⁷⁰ SANCHEZ, Wagner Lopes, **Pluralismo Religioso: as religiões no mundo atual**, p. 72.

¹⁷¹ HICK, John, **Teologia Cristã e pluralismo religioso: o arco-íris das religiões**, p. 44.

¹⁷² *Ibid*, p. 47.

Trindade Cristã. Um ateu é um teísta cristão anônimo. Um fiel de outra religião não é mais do que um cristão anônimo, possui a existência sobrenatural dentro de si e por isso pode receber a graça de Deus e a salvação.

Rahner parte de uma teologia da graça: toda salvação é dom gratuito, escandaloso e misterioso da graça de Deus. A graça antecede a experiência da salvação. Mais que isto, a graça antecede a própria busca pela salvação. O ser humano busca o que Rahner chama de “existencial sobrenatural”, e a busca em si já é iniciativa da graça divina em atuação no coração humano.¹⁷³

Caldas Filho destaca que esta tese desagrada exclusivistas e pluralistas e que ao se defender a existência de cristãos anônimos é preciso levar em conta a possível existência de muçulmanos anônimos, judeus anônimos ou anônimos de outras religiões. Mesmo assim, ele considera que o ponto de vista inclusivista é um avanço: “Resumindo: na visão inclusivista ‘todas as religiões são boas, mas a minha é a melhor’”.¹⁷⁴

2.2.3 Modelo Pluralista

Chegamos, então, ao modelo pluralista, o terceiro modelo de diálogo inter-religioso, que substitui a visão cristocentrista por uma visão teocentrista, ou seja, a salvação não está em Cristo, está em Deus, independente da narrativa ou da figura salvífica que o indivíduo use para chegar a Ele. Em uma análise mais ampla, o pluralismo entende que cada religião possui uma verdade, ou uma fração de uma verdade maior. O modelo reconhece em cada religião um caminho para Deus e para a salvação.

A diferença entre inclusivismo e pluralismo é apenas uma diferença de abordagem. O inclusivismo ainda se articula de dentro de uma dada tradição, com o intuito de abrir a perspectiva teológica a um horizonte mais inclusivo, mas sem largar a adesão à religião em questão. O pluralismo, em contrapartida, olha as religiões com uma atitude mais objetiva, talvez até secular e não-crente e procura [...] descrever e entender o sentido e a origem da pluralidade das formas religiosas.¹⁷⁵

¹⁷³ CALDAS FILHO, Carlos Ribeiro, **Diálogo inter-religioso: perspectivas a partir de uma teologia protestante**, p. 116.

¹⁷⁴ *Ibid*, p. 117.

¹⁷⁵ PAINÉ, Scott Randall, **Exclusivismo, Inclusivismo e Pluralismo Religioso**, p. 101.

Segundo Paine, dentro do pluralismo, existem abordagens reducionistas, que explicam a pluralidade com base apenas em fatores culturais, sem avaliar ou aceitar a possibilidade de existência de um conteúdo transcidente, o que pode relativizar as experiências religiosas. No entanto, para o autor, o pluralismo pode focar no desafio de compreender com maior profundidade e amplitude as particularidades de cada religião.

O pluralismo, porém, pode ser também formulado de maneira não redutivista nem relativista, mas nem por isso menos diferenciada. Ele pode, filosoficamente, deixar intacto o mistério da panóplia das religiões e procurar apenas entender, com mais profundezas e mais amplitude, o caráter próprio de cada uma.¹⁷⁶

De acordo com Sanchez, o modelo pluralista surge da necessidade de se fazer uma transição do cristocentrismo para o teocentrismo, um modelo de diálogo que reconheça os diferentes caminhos que podem levar a Deus sem relativizar ou diminuir aquelas religiões que oferecem vias alternativas: “Nessa perspectiva, as diferentes religiões são vias variadas que conduzem a Deus e, por isso, têm a mesma validade”¹⁷⁷. O autor concorda com Paine quando diz que existem diferentes tonalidades no contexto pluralista, mas destaca que Deus é o elemento comum entre as diferentes visões. Nesse ponto, Sanchez levanta um problema que também é colocado por Queiruga¹⁷⁸, a possibilidade de relativização da fé ou das religiões.

Como é possível perceber, o grande desafio que se coloca para o cristianismo é, justamente, a questão cristológica. Se a centralidade de Deus possibilita um maior diálogo com as outras religiões, traz desafios para a visão cristocêntrica presente no cristianismo, pois relativiza o significado universal da figura de Jesus Cristo e, portanto, do cristianismo.¹⁷⁹

Para o Sanchez, o dilema se resolve à medida que o indivíduo comprehende que é possível reconhecer os caminhos para Deus e para a salvação apontados por outras religiões ao mesmo tempo em que, internamente, reafirma a centralidade de Cristo.

Hick defende que o diálogo pluralista é uma forma de colocar, aos poucos, as tradições religiosas no mesmo patamar, sem que se defenda a superioridade de uma. O autor explica essa possibilidade a partir de uma análise das mudanças que os

¹⁷⁶ *Ibid*, p. 101.

¹⁷⁷ SANCHEZ, Wagner Lopes, **Pluralismo Religioso: as religiões no mundo atual**, p. 73.

¹⁷⁸ Cf. QUEIRUGA, Andrés Torres, **O Diálogo das Religiões**.

¹⁷⁹ SANCHEZ, Wagner Lopes **Pluralismo Religioso: as religiões no mundo atual**, p. 74.

últimos anos trouxeram para a humanidade. Ele destaca que chegamos nos dias atuais influenciados por uma série de fatores que alteraram a nossa forma de compreender o mundo das religiões. Entre esses fatores, ele coloca o número crescente de informações que chegam ao Ocidente sobre as diferentes religiões mundiais, as oportunidades de viagem, que levam os indivíduos para os lugares e culturas mais distantes e a imigração em massa, influenciada pelos mais variados motivos. Uma convivência, por vezes forçada, mas que levou a bons resultados.

[...] uma descoberta razoavelmente comum a de que nossos concidadãos muçulmanos, judeus, hinduístas, siques ou budistas são, no geral, tão ou mais gentis, honestos e solícitos com as outras pessoas, e tão ou mais verazes, honrados, amorosos e compassivos do que a maioria de nossos concidadãos cristãos. Os adeptos de outras religiões não são, em média, seres humanos comprovadamente melhores do que os cristãos; por outro lado, tampouco são, em média, piores.¹⁸⁰

Desta forma, Hick analisa que não é possível estabelecer uma superioridade moral nesta ou naquela tradição religiosa, assim como não é possível estabelecer a verdade nesta ou naquela religião mundial.

Houvesse somente uma religião, digamos o cristianismo, uma interpretação religiosa naturalmente identificaria o Real com a Santa Trindade. Mas, dado o fato de que há diversas religiões mundiais que parecem estar soteriologicamente mais ou menos em pé de igualdade, uma interpretação religiosa da religião não pode identificar o Real com o objeto intencional de qualquer uma delas em detrimento das outras, e, portanto, tem de apelar para a distinção entre o Real como é em si mesmo e o Real como é variavelmente pensado e experimentado nas diferentes tradições.¹⁸¹

O que Hick propõe é que o Real, termo que o autor usa para se referir à Realidade Última, pode ser compreendido de diferentes modos, como o Real em si, o Real numênico e o Real humanamente percebido. Quando o autor fala em Real numênico, ele faz referência a Kant, que defendeu o argumento de que a percepção final de algo não é um registro passivo, mas sim o resultado de uma combinação de fatores e percepções. Assim, existe o mundo fenomênico, humanamente percebido, e o mundo numênico, que existe em sua imperceptibilidade. Trazendo o exemplo para a experiência religiosa, Hick acredita que o indivíduo toma consciência do ambiente sobrenatural a partir de uma categoria de percepções que vão formar a experiência

¹⁸⁰ HICK, John, **Teologia Cristã e pluralismo religioso: o arco-íris das religiões**, p. 36.

¹⁸¹ *Ibid*, p. 53.

religiosa. Cada tradição religiosa segue, portanto, existindo em sua particularidade, em sua própria resposta ao real, mesmo convivendo com outras tradições que apresentam outras respostas.

Conforme diminui o sentimento de rivalidade, todas participarão cada vez mais do diálogo inter-religioso, afetando-se mutuamente, e, em consequência de mudanças graduais, cada qual influenciando e sendo influenciada pelas outras. E contudo, nesta interação crescente, cada uma irá manter-se basicamente a mesma.¹⁸²

Para o autor, está demonstrada a importância da possibilidade pluralista do diálogo inter-religioso. Cada tradição religiosa pode se colocar como uma entre várias possibilidades, entre várias respostas e percepções humanas do Real, todas válidas, e cada uma, aos poucos, sendo capaz de diminuir a ênfase em sua própria superioridade. Hick considera que esse exercício pode ser mais fácil para uma tradição do que para outra, ou até mesmo para um indivíduo do que para outro, o que não o torna menos necessário.

Hick acredita que o diálogo inter-religioso vem se desenvolvendo em escala crescente há mais de uma geração e que deve continuar na mesma velocidade nos próximos anos. A igualdade religiosa pode fazer com que os indivíduos se beneficiem das diferentes percepções espirituais, sendo livres para se unirem no enfrentamento aos problemas sociais, econômicos e políticos do mundo. Porém sem perder as suas singularidades.

Portanto, claramente, este próximo passo não significa que as diferentes religiões vão se tornar uma só, unindo-se para formar algum tipo de nova religião global. Pelo contrário, sua pluralidade e diversidade são positivas e valiosas. A variedade das diferentes formas de ser humano ao redor do mundo, as grandes culturas e religiões da Terra, é algo para celebrar e entender, não algo para tentar passar por cima.¹⁸³

Outro defensor do pluralismo é Geffré, que afirma que a Igreja Católica atravessa uma crise de credibilidade, uma espécie de desencanto causado pela deterioração de antigos cristianismos na Europa Ocidental e pelo crescimento das igrejas evangélicas na América Latina, na África e na Ásia. Entre os motivos que levam a essa deterioração e ao rápido crescimento de igrejas mais jovens, o autor coloca o

¹⁸² *Ibid*, p. 55.

¹⁸³ HICK, Jhon, **The Next Step beyond Dialogue**, in: KNITTER, Paul F. (Org.), *The Myth of Religious Superiority*, p. 3 - tradução nossa.

desafio de um pluralismo religioso quase intransponível, que questiona diretamente a compreensão da identidade cristã em sua reivindicação de singularidade e universalidade. O autor afirma que o pluralismo religioso se choca com as representações tradicionais da identidade cristã e que é uma consequência da revolução teológica inaugurada pelo Concílio Vaticano II.

Mesmo que o texto da *Nostra Aetate* não fale explicitamente do valor salvífico de outras religiões, ele reconhece nelas sementes de verdade e santidade. Como continuar afirmando, então, o Cristianismo como a única religião verdadeira entre as religiões do mundo? E se somente Deus salva, por que confessar o caráter único da mediação de Cristo para a salvação de todos os homens no tempo e no espaço? Por último, se os homens e mulheres de boa vontade podem alcançar a salvação sendo fiéis à sua própria tradição religiosa, como pode ser a condição de membro da Igreja a condição de salvação eterna?¹⁸⁴

Geffré também coloca este modelo como uma resposta a uma nova situação histórica onde o indivíduo já não vive regionalizado, ele tem contato com outras sociedades, outras religiosidades e pode escolher aquela que mais lhe agrada. Para Geffré, essa nova realidade levou a uma crise interna do Cristianismo, porém, toda a crise traz uma oportunidade e o pluralismo pode ser encarado como um convite a elaboração de uma nova interpretação do Cristianismo como a religião do Evangelho. O autor considera que não é suficiente encorajar o diálogo inter-religioso, é necessário atribuir-lhe um fundamento teológico e compreender de maneira diferente afirmações estabelecidas pela teologia católica. Entre essas afirmações ele coloca o caráter absoluto da verdade cristã e a reivindicação da universalidade do Cristianismo.

Para Silva, Geffré busca respostas para um dilema: como é possível participar do diálogo sem sacrificar a identidade cristã.

Ele não considera suficiente apenas passar do cristocentrismo ao teocentrismo como defendem alguns teólogos pluralistas. Sem abrir mão da normatividade da cristologia, Geffré sustenta que é possível partir do centro mesmo da fé cristã, a saber, a manifestação de Deus na particularidade histórica de Jesus de Nazaré, crucificado e confessado como o Cristo, para tirar a prova do caráter necessariamente dialogal do cristianismo. Então, afirmar a centralidade de Jesus, longe de obstaculizar o diálogo, viabiliza-o, na medida em que a prática do diálogo leva ao aprofundamento da

¹⁸⁴ GEFFRÉ, Claude, **La crisis de identidad cristiana en la época del pluralismo religioso**, p. 302 - tradução nossa.

própria identidade cristã que, por sua vez, se configurará sempre mais em termos não totalitários.¹⁸⁵

Entre os principais representantes do paradigma pluralista está Paul Knitter, que considera que embora ainda esteja em construção, este é o modelo mais “correlacional e globalmente responsável para o diálogo inter-religioso”¹⁸⁶. Para Knitter, o pluralismo chega com uma visão teocentrista, em detrimento da cristocentrista, esta teologia é descrita no livro *One Earth Many Religions: Multifaith Dialogue and Global Responsibility*, publicado em 1995, analisado por Faustino:

Em favor de uma real partilha de direitos no campo do diálogo entre as diversas tradições religiosas, Knitter pontua que, em razão mesmo de suas diferenças com respeito ao cristianismo, as outras religiões podem ser igualmente válidas e eficazes enquanto portadoras de verdade, paz e bem-estar com Deus. Isto não significa propalar um relativismo ou fácil universalismo. Longe de afirmar uma uniformidade, o que vem proposto é justamente o contrário, ou seja, a defesa e a singularidade da diversidade. O que propugna uma teologia pluralista e correlacional é antes de tudo o reconhecimento das diferenças evidentes e reais entre as diversas tradições religiosas; a afirmação da validade deste mundo de diferenças, irremovíveis e irrevogáveis; o reconhecimento de que esta diversidade preciosa e importante deve ser compartilhada e comunicada.¹⁸⁷

O pluralismo de Knitter não deixa de reconhecer Jesus Cristo como salvador, mas abre espaço para o reconhecimento de outras formas de salvação, apresentadas por outras religiões, sem a necessidade de que elas sejam absorvidas ou incluídas no Cristianismo. Para o autor, um diálogo inter-religioso eficaz passa pelo reconhecimento e pela aceitação das diferenças, pelo respeito à diversidade como base para o surgimento de uma cultura de tolerância e de reconhecimento da identidade do outro, é a formação de uma grande comunidade dialógica, formada por uma pluralidade de comunidades religiosas.

As religiões mundiais agora se defrontam umas com as outras como nunca antes e vivenciam um novo sentido de identidade e finalidade porque, como os átomos, os seres humanos e as culturas, percebem as possibilidades de uma unidade que se deixa penetrar, impregnar mais, mediante melhores relacionamentos uma com as outras. [...] Nas diversas religiões, cada vez mais intensamente os fiéis sentem o desafio de encontrar e desenvolver suas identidades pessoais dentro da comunidade mais ampla das outras religiões. Para ser cristão ou

¹⁸⁵ SILVA, Antônio Carlos da, **O Paradoxo Cristológico: a proposta de Claude Geffré para o diálogo inter-religioso**, p. 383.

¹⁸⁶ TEIXEIRA, Faustino, **Díalogo Inter-Religioso face ao Desafio da Responsabilidade Global**, p. 155.

¹⁸⁷ *Ibid*, p. 159.

hindu, a pessoa tem que fazer parte dessa comunidade religiosa mais ampla. Hoje em dia, assim parece, é preciso ser religioso *inter-religiosamente*.¹⁸⁸

Para além dos três modelos já apresentados neste trabalho, Knitter desenvolveu outras quatro abordagens para o diálogo inter-religioso que serão apresentadas a seguir.

2.2.4 Modelos de Knitter

Os modelos desenvolvidos por Knitter são os modelos de substituição, de satisfação, de mutualidade e de aceitação. O modelo de substituição, o mais fechado, parte do princípio de que a verdade está no evangelho, em Jesus Cristo, única chance de salvação, enquanto no outro extremo está o modelo de aceitação, que é mais aberto ao diálogo e segue a ideia da teologia pluralista.

O modelo de substituição, semelhante ao modelo exclusivista, entende que o destino do Cristianismo é substituir as outras religiões na preferência dos fiéis. Segundo Knitter, foi a postura dominante na maior parte da história da Igreja Católica.

Muito embora houvesse divergências de pontos de vista sobre a maneira de levar à cabo essa substituição e porque ela era necessária, os missionários cristãos lançaram-se no mundo, ao longo dos séculos, com a convicção de que a vontade de Deus é tornar cristãos todos os povos. No final – ou o quanto antes – Deus quer que haja apenas uma religião, a religião de Deus: o cristianismo.¹⁸⁹

No modelo de substituição, as outras religiões podem ter apenas valor provisório. Aqui o amor de Deus é universal, porém, esse amor só pode ser concretizado a partir da comunhão com Cristo. Este modelo pode ser dividido em duas categorias: total e parcial. A primeira entende que o Cristianismo estaria destinado a substituir todas as outras religiões – e a substituição deve ser feita por todos aqueles que buscam a salvação, possível apenas em Cristo. Neste modelo, o diálogo acontece com o único objetivo de convencer as outras religiões de que o Cristianismo é a única religião verdadeira e, portanto, a única capaz de levar à salvação. A substituição total

¹⁸⁸ KNITTER, Paul **Introdução às Teologias das Religiões**, p. 29.

¹⁸⁹ *Ibid.* p. 39.

"considera as comunidades das demais crenças tão deficientes, ou tão aberrantes, que o cristianismo precisa afinal entrar e lhes tomar o lugar"¹⁹⁰.

O modelo parcial é uma versão um pouco mais branda, aberta e ecumênica, onde se vê certa disposição para o reconhecimento de que Deus pode atuar em outras religiões, não apenas nos círculos cristãos. Quer dizer, existe revelação para além do Cristianismo, pessoas de outras religiões podem alcançar a Deus. Apesar disso, quando o assunto é a salvação, o modelo de substituição parcial se iguala ao modelo de substituição total. A salvação só acontece por intermédio de Jesus Cristo, não existe, em nenhuma hipótese, salvação nas outras religiões.

Isto é, eles não têm problema em reconhecer que Deus se exprime por intermédio de outras religiões. Mas não afirmam, porque sentem não poder fazê-lo, que Deus igualmente conduz as demais pessoas de fé àquilo que os cristãos chamam de salvação – isto é, à unidade com Deus, a uma percepção de ser amado, afirmado, perdoado e sustentado por Deus, e à garantia de vida eterna após a morte.¹⁹¹

Enquanto o modelo de substituição total não encontra valor em outras religiões, o parcial se esforça para encontrar algo positivo, porém sem abrir mão da centralidade de Jesus Cristo.

O segundo modelo de Knitter é o modelo de satisfação, também chamado de modelo de complementação, que admite a existência de outras religiões, e se esforça para compreendê-las, mas as coloca em menor grau de importância, são inferiores quando comparadas ao Cristianismo. É como se a teologia cristã pudesse – ou tivesse o dever de – complementar as outras teologias para que as outras religiões, com Cristo, pudessem alcançar a plenitude.

[...] o novo modelo representa o que se considera um passo à frente no esforço cristão por chegar a uma compreensão ponderada das demais tradições religiosas. Oferece-nos uma teologia que atribui pesos iguais a duas convicções cristãs de que já ouvimos falar: que o amor de Deus é universal, estendendo-se a todos os povos, mas também que o amor de Deus é particular, tornado real, concreto, em Jesus Cristo.¹⁹²

De acordo com Knitter, enquanto o modelo de substituição foi dominante durante a maior parte da história cristã, o de complementação representa o

¹⁹⁰ *Ibid*, p. 45.

¹⁹¹ *Ibid*, p. 66.

¹⁹² *Ibid*, p. 107.

Cristianismo dos dias atuais, já que representa o pensamento das principais igrejas, entre elas, a Católica, a Grega Ortodoxa, Anglicana, Luterana e a Metodista. Para o autor este modelo representa um limite que para muitos não pode ser ultrapassado, é como se a corda já tivesse sido espichada ao máximo e insistir, ir mais para frente, significaria, sim, um maior reconhecimento das outras religiões, mas também significaria a perda da identidade cristã.

O terceiro modelo é o de mutualidade, que admite a existência de uma verdade suprema que pode se manifestar de diferentes formas, em diferentes religiões, recebendo diferentes interpretações, de acordo com a língua e a cultura de cada povo. Os seguidores deste modelo buscam um diálogo mais autêntico, mas compreender as diferenças é o lado mais desafiador da proposta de amar ao próximo.

[...] sua preocupação fundamental é como promover o genuíno diálogo com outras religiões. Para os cristãos seguidores desse modelo, essa preocupação não é menos profunda e nem menos fundamental do que a preocupação em seguir Jesus e permanecer fiel a seu Evangelho. Uma preocupação tem de sustentar a outra. Esses cristãos não conseguem imaginar-se seguindo Jesus sem conviver e debater coletivamente com pessoas de outras crenças – e vice-versa. Para esses cristãos, o diálogo com outras religiões é um imperativo, um imperativo ético.¹⁹³

Para Knitter, o indivíduo busca o modelo de mutualidade para compreender as outras religiões. Enquanto o modelo de complementação focava na particularidade de Jesus, o de mutualidade se atém ao amor universal e à presença de Deus em outras religiões, sem diluir a importância do Cristo. Segundo Usarski:

Em tensão com o modelo de satisfação, porém, o modelo da mutualidade não toma posição em favor de nenhuma das religiões concretas. Em vez disso, defende a ideia de uma única verdade suprema. Consequentemente, o modelo da mutualidade salienta a diversidade substancial do mundo religioso apenas relativizando-a pela ideia de que todas as religiões possuem um denominador comum. A identificação desse denominador depende das preferências dos “advogados” do modelo da mutualidade. Autores que se aproximam da diversidade religiosa a partir de uma perspectiva filosófica argumentam que, por trás das diversas formas culturais nas quais a religião se exprime, há um “absoluto” universal e, portanto, presente — de uma ou outra forma — em todas as religiões.¹⁹⁴

¹⁹³ *Ibid*, p. 176.

¹⁹⁴ USARSKI, Frank, **A Ciência da Religião como disciplina auxiliar da Teologia das Religiões**, p. 725-726.

Knitter aponta três vias, ou pontes, para que o cristão encontre o caminho do diálogo de mutualidade. A primeira é a via filosófico-histórica, que compreende as limitações históricas de cada religião e a possibilidade filosófica de existir uma realidade divina em cada uma. A segunda é a místico-religiosa, que mostra que o divino está além de qualquer religião, ao mesmo tempo que também está presente em cada uma delas. A terceira é a via ético-prática, que leva ao entendimento de que existem, entre os fiéis de todas as religiões, dilemas e necessidades comuns. Sendo assim, as religiões têm uma tarefa a cumprir, e se cumprirem juntas vão ter a oportunidade de conhecerem melhor a si a às outras.

O quarto e último modelo é, segundo Knitter, o mais jovem de todos e ganhou visibilidade nas últimas décadas do século XX. É o modelo de aceitação, que se propõe a buscar um maior equilíbrio entre a universalidade e a particularidade, entre a ideia de que apenas o Cristianismo tem valor e as demais religiões não servem, e a ideia de que todas têm valor, o que pode ser visto como um enfraquecimento do Cristianismo.

[...] ele assim o faz não pela defesa da superioridade de uma religião qualquer, nem pela busca daquele algo em comum que torna todas elas válidas, mas pela aceitação favorável da real diversidade de todas as crenças. As tradições religiosas que o mundo apresenta são mesmo diferentes, e temos que aceitar essas diferenças – esse, talvez se possa dizer, é o resumo desse modelo em uma única frase.¹⁹⁵

Para o autor, esta postura está diretamente ligada à nova forma de pensar e de compreender o mundo apresentada pela pós-modernidade. Teólogos pós-modernos e pós-liberais tendem a defender que o diálogo inter-religioso seja feito da mesma forma como se faz a tradicional política da boa vizinhança. É preciso evitar a invasão ao quintal vizinho e superar a tentação de querer fazê-lo igual ao nosso.

As religiões têm de ser boas vizinhas umas com as outras. Porém, ao fazê-lo, cada uma delas precisa reconhecer que, realmente, “boas cercas fazem bons vizinhos”. Cada religião possui seu próprio quintal. Não há “algo em comum” que todas elas compartilham. Para serem boas vizinhas, então, que cada religião cuide do seu próprio quintal, mantendo-o limpo e arrumado. Ao falar com um vizinho religioso – e é isso que bons vizinhos fazem uns com os outros –, recomenda-se assim fazê-lo pela cerca dos fundos, sem tentar pisar no quintal um do outro para descobrir o que porventura houver de comum entre si.¹⁹⁶

¹⁹⁵ KNITTER, Paul F. *Introdução às Teologias das Religiões*, p. 272.

¹⁹⁶ *Ibid.*, p. 287.

O bom vizinho não retira a cerca e não tenta convencer para a construção de áreas comuns. Ele apenas se esforça para ser quem é, e permite que os outros o vejam como é ao mesmo tempo que procura conhecer o outro, mesmo que cada um esteja de um lado da cerca.

2.2.5 Küng e a nova ética mundial

Chegamos, desta forma, a Küng e seu desejo de construção de uma nova ética mundial onde todas as religiões, como boas vizinhas, são capazes de bem se relacionar e incentivar nos fiéis o espírito de amizade, seguindo preceitos de paz e respeito mútuo. O bom entendimento e amizade entre as religiões pode proporcionar um ambiente de paz entre as nações.

Küng defende que o diálogo pode acontecer de forma mais eficaz se as religiões estiverem dispostas a promover uma mudança de paradigma em sentido amplo, o que envolve uma mudança de modelo, de convicções e de valores, o que não inclui mudanças rituais ou teológicas. Não se trata de promover uma mudança na crença, mas na forma como a religião se relaciona com o mundo, deixando de se concentrar em si mesma e se abrindo para uma melhor compreensão do que acontece em volta. É ter a capacidade de olhar para as outras religiões, e perceber onde estão as convergências e as divergências e como as semelhanças podem colaborar para a construção de um diálogo que leve ao entendimento e à convivência pacífica. É a criação de um novo paradigma que assuma de forma crítica e construtiva as experiências proporcionadas ao homem pela transição da modernidade para a pós-modernidade.

Nosso principal problema é uma perspectiva crítica de todas as grandes religiões, caso se queira chegar a uma percepção da verdadeira situação religiosa do tempo atual. Nesse sentido, uma reflexão sobre a mudança de paradigma nas grandes religiões parece de enorme interesse, pois levaria em consideração, ao mesmo tempo, períodos e estruturas.¹⁹⁷

Para o autor, as religiões precisam evoluir e se adaptar às mudanças, às novas necessidades da sociedade, já não é mais possível centrar-se em si mesma. A tarefa imposta por um mundo globalizado é a capacidade de identificar convergências e

¹⁹⁷ KÜNG, Hans, *Teologia a caminho: fundamentação para o diálogo ecumênico*, p. 241.

divergências e, principalmente, compreender qual ponto pode ser o início para um diálogo. Um desafio. Küng considera que encontrar uma nova forma de viver a própria religião e, ao mesmo tempo, se debruçar sobre a história complexa de outras diferentes religiões, é um empreendimento trabalhoso – afinal as religiões representam um modelo de mundo, um estilo de vida, uma convicção, um conjunto de valores – mas é necessário.

Cada vez mais, porém, tomei consciência de que o diálogo com as outras religiões do mundo é vital para a paz dos povos. Não são as religiões que permeiam, inspiram e legitimam os conflitos políticos mais fanáticos e mais cruéis? Quanto teriam ganho os povos se as religiões tivessem percebido mais cedo sua responsabilidade pela paz, pela fraternidade, pela não-violência, pela reconciliação e pelo perdão, se tivessem resolvido conflitos em vez de incentivá-los! Uma teologia ecumênica deve, portanto, reconhecer hoje sua corresponsabilidade em frente da paz mundial.¹⁹⁸

Segundo o autor, antes que se chegue na construção da paz entre as religiões mundiais, é preciso construir uma teologia ecumênica, capaz de levar à paz todas as igrejas cristãs. O ecumenismo mundial começa com o ecumenismo entre as igrejas cristãs.

A mudança de paradigma e o caminho para uma teologia ecumênica também passam, inevitavelmente, pela questão da busca da verdade. Afinal, existe um monopólio ou cada religião possui a sua própria verdade? Küng acredita que não é possível que todo o sofrimento causado pela afirmação da posse da verdade seja esquecido sem que se encontre uma saída pacífica para o dilema.

Nenhum problema produziu na história das Igrejas e das religiões tantas controvérsias, tantos conflitos sangrentos e até tantas “guerras de religião” como o problema da verdade. Em todos os tempos e em todas as Igrejas e religiões, o fanatismo cego pela verdade atormentou, queimou, destruiu e assassinou impiedosamente. Não raro, a consequência [sic!] foi o cansaço da verdade, a desorientação e o abandono das normas, de modo que muitos já não crêem [sic!] em nada.¹⁹⁹

Por isso Küng considera que é necessário construir o entendimento de que uma religião não possui o monopólio da verdade e menos ainda, o direito de criar um único testemunho da verdade. Entende-se que cada religião pode ter a sua própria verdade e, ao mesmo tempo, sem que seja preciso renunciar a isso, admitir que outra religião

¹⁹⁸ *Ibid*, p. 261.

¹⁹⁹ *Ibid*, p. 262.

também possua uma verdade própria, o diálogo não exclui o testemunho. É possível que cada um respeite a verdade do outro, sem deixar de lado a própria crença.

Seria absolutamente pretencioso identificar de antemão as fronteiras entre verdade e falsidade com as fronteiras entre a própria religião e as outras. Permanecendo lúcidos, reconheceremos que as fronteiras entre verdade e falsidade também passam pela própria religião. Quantas vezes temos e ao mesmo tempo não temos razão! Por isso, a crítica responsável das posições dos outros pressupõe uma decidida autocritica. Só assim será possível assumir com responsabilidade a integração dos valores dos outros.²⁰⁰

Compreender e aceitar diferentes caminhos para a salvação, diferentes verdades religiosas, é um dos grandes obstáculos do diálogo inter-religioso. Como já descrito neste trabalho, o desafio ainda é comum a todas as religiões, inclusive para as igrejas cristãs, apesar do avanço que significou o Concílio Vaticano II.

Segundo Hans Küng,

Isso não significa que a posição católica tradicional já não é, em nossos dias, a posição católica oficial. Também as religiões não-cristãs podem ser caminhos de salvação, visto que o ser humano está ligado social e historicamente a certas formas de religião. Talvez não sejam caminhos normais ou, por assim dizer, “ordinários”, mas talvez “extraordinários”. De fato, por causa da virada conciliar, na teologia católica se distingue hoje entre o caminho “ordinário” de salvação, o cristão, e os caminhos “extraordinários”, os não-cristãos (às vezes também entre “o caminho” e os diversos “caminhos”).²⁰¹

É fundamental que uma posição firme em relação à fé não bloqueie o diálogo. O desafio é encontrar um caminho que permita ao indivíduo aceitar a existência de outras verdades, sem renunciar à verdade própria. É sempre importante destacar que não se trata de criar uma religião unitária, mas de promover transformação, entendimento e cooperação religiosa para que o diálogo possa promover a paz entre as religiões e entre os povos, é dar mais atenção para o que une as religiões, do que para o que separa.

Logo na primeira frase da introdução do livro *Projeto de Ética Mundial*, Küng coloca a urgência da necessidade de mudanças de paradigmas para a construção de uma ética que possa ser seguida por toda a humanidade: “Não haverá sobrevivência

²⁰⁰ *Ibid*, p. 272.

²⁰¹ *Ibid*, p. 266-267.

sem uma ética mundial”²⁰². O tom dramático e determinista se explica em seguida. Para o autor, sem diálogo não é possível que exista paz entre as religiões e sem paz entre as religiões não é possível que exista paz entre as nações. Küng coloca nas religiões, grandes ou pequenas, mundiais ou locais, a responsabilidade de construir a paz e apresenta o diálogo como um meio para este fim, ao mesmo tempo em que se torna uma necessidade para a sobrevivência das próprias religiões.

No futuro, a credibilidade de todas as religiões, também das pequenas, vai depender da sua capacidade de acentuar mais aquilo que as une e menos aquilo que as divide. A humanidade pode cada vez menos se dar ao luxo de ver as religiões incentivando guerras em vez de promover a paz, praticando fanatismo em vez de fomentar a reconciliação, comportando-se com superioridade em vez de incentivar o diálogo.²⁰³

Küng acredita que a partir do diálogo entre as religiões é possível criar uma nova ética mundial que também reúna representantes da política e do mundo econômico e financeiro, o que pode evitar que as exigências éticas das religiões caíam no vazio.

Sem moral, sem normas éticas comumente aceitas, sem “padrões globais”, as nações correm o perigo de, através do acúmulo de problemas durante decênios, caminhar para uma crise que pode levar ao colapso nacional, isto é, à ruína econômica, à desmontagem social e à catástrofe política.²⁰⁴

A religião pode ter um papel fundamental na construção desta ética, já que, ao longo da história, contribuiu de forma significativa para o desenvolvimento não só da espiritualidade, mas dos códigos normativos das sociedades, sistemas orientadores – embora, em algumas vezes, estes códigos acabaram impedindo o desenvolvimento da mesma sociedade e da própria religião.

Importante destacar que a construção de uma nova ética mundial não significa a construção de uma utopia social, de fazer com que o mundo siga uma nova ideologia, mas sim encontrar um caminho que leve a um futuro de maior entendimento e compreensão entre as sociedades, com respeito às diferenças e às particularidades de cada uma. Trata-se, portanto, de criar um sistema ético que consiga resolver questões da sociedade moderna visando um futuro de paz. Para o autor, isto é

²⁰² KÜNG, Hans, **Projeto de Ética Mundial: uma moral ecumênica em vista da sobrevivência humana**, p. 7.

²⁰³ *Ibid*, p. 10.

²⁰⁴ *Ibid*, p. 54.

possível por meio do diálogo e o sucesso de um diálogo inter-religioso passa por um entendimento de sistemas religiosos e sociais antigos que ainda podem ser vistos nos dias atuais, é a criação de um entendimento religioso global para que exista um entendimento político.

Outro autor que também defende a necessidade de criação de um acordo ético e moral universal para que as nações possam coexistir pacificamente é o teólogo brasileiro Leonardo Boff. No entanto, Boff vai além. Enquanto Küng fala, especificamente, de como as questões religiosas podem influenciar a paz mundial, Boff defende que uma ética comum universal pode contribuir para a solução da crise social, do sistema de trabalho, das questões da terra e da crise ecológica.

No que diz respeito à religião, Boff alega que a formulação de um consenso mundial mínimo não pode descartar as tradições religiosas, já que são elas que fundam os comportamentos éticos da grande maioria da humanidade. Segundo o autor, é possível criar nas tradições religiosas um *ethos* de referência comum capaz de assegurar a paz política.

É pela religião que os povos concretamente encontram o meio para fazer valer e garantir o caráter universal e incondicional desse consenso mínimo. A religião funda a incondicionalidade e a obrigatoriedade das normas éticas muito melhor que a razão abstrata ou o discurso racional, parcialmente convincentes e só comprehensíveis por alguns setores da sociedade que possuem as mediações teóricas de sua apreensão.²⁰⁵

Teixeira e Dias também enxergam o diálogo inter-religioso como uma forma de cooperação para a paz mundial. Neste caso, seria um diálogo de obras e ações que podem colaborar para a construção de um mundo mais humano, justo e igualitário.

Talvez seja este um dos campos em que ocorre hoje uma maior comunhão das experiências religiosas. Neste campo ético transparece de forma precisa o encontro das religiões, suscitando, assim, uma nova “comunhão criatural”. A luta em favor da paz constitui um desafio não apenas para núcleos restritos de especialistas ou estrategistas, mas trata-se de uma “responsabilidade universal”.²⁰⁶

Voltando à Küng, o autor acredita que muitos conflitos econômico-político-militares foram, em parte, causados ou legitimados pelas religiões – o que inclui as

²⁰⁵ BOFF, Leonardo, **Ethos Mundial: um consenso mínimo entre os humanos**, p. 62.

²⁰⁶ TEIXEIRA, Faustino; DIAS, Zwinglio Mota, **Ecumenismo e Diálogo Inter-Religioso: a arte do possível**, p. 151-152.

duas guerras mundiais e outros conflitos locais como os que acontecem entre o Irã e o Iraque, indianos e paquistaneses, católicos e protestantes, sunitas e xiitas, budistas e hinduístas.

O que aconteceria para o mundo de amanhã se os líderes religiosos de todas as grandes e também das pequenas religiões hoje se pronunciassem em favor da responsabilidade pela paz, pelo amor ao próximo, pela não violência, pela reconciliação e pelo perdão? Se em vez de ajudar a provocar conflitos, elas se engajassem na solução? E isso de Washington a Moscou, de Jerusalém a Meca, de Belfast a Teerã, de Amistar a Kuala Lampur! Todas as religiões do mundo devem hoje reconhecer a sua co-responsabilidade pela paz mundial.²⁰⁷

Para que o entendimento entre as religiões possa se concretizar, Küng coloca algumas exigências concretas que passam por um diálogo inter-religioso que possa ser promovido entre todos os níveis, macro e micro, entre governos e entre indivíduos – entre políticos, economistas, diplomatas, empresários, professores, cientistas, igrejas e teólogos. Um bom diálogo é aquele que permite que um interlocutor conheça o outro e se reconheça no outro, que perceba semelhanças e diferenças e que aprenda a respeitar essas diferenças.

Em todos os continentes, nós precisamos de pessoas mais bem informadas e orientadas sobre as pessoas de outros lugares e culturas, pessoas que assumam intuições de outras religiões e, nisso, simultaneamente aprofundem a compreensão e a prática da própria religião.²⁰⁸

Neste sentido, Sanchez destaca que, para o sucesso do diálogo inter-religioso, é essencial que as partes se coloquem no mesmo nível de igualdade, sem que uma se sinta superior ou hegemônica. Ao mesmo tempo, é necessário que cada ator respeite a tradição do outro, sem exigir que todos sigam a própria crença.

No caso do campo religioso, afirmar a importância do diálogo inter-religioso é consolidar, fundamentalmente, a igualdade entre os parceiros do diálogo e entre os diversos sujeitos presentes, o que não significa que cada um dos parceiros tenha de abandonar suas convicções pessoais inseridas na sua tradição religiosa. Assim, é preciso ir além do dilema: absolutização das convicções pessoais ou relativização destas.²⁰⁹

²⁰⁷ KÜNG, Hans **Projeto de Ética Mundial: uma moral ecumênica em vista da sobrevivência humana**, p. 126.

²⁰⁸ *Ibid*, p. 206.

²⁰⁹ SANCHEZ, Wagner Lopes, **Pluralismo Religioso: as religiões no mundo atual**, p. 59-60.

Este diálogo deve acontecer de forma oficial, em reuniões, conferências, concílios e eventos, mas também no dia-a-dia de todas as pessoas de todas as religiões. Um primeiro passo pode ser a descoberta de que, mesmo diferentes entre si, com doutrinas, textos, ritos e teologias às vezes opostas, as religiões também possuem pontos semelhantes, inclusive nas questões éticas. Como negar, por exemplo, que todas buscam o bem-estar das pessoas e pregam a necessidade de se praticar boas ações?

Os adeptos das diferentes religiões em geral sabem bem demais onde há discordâncias em questões práticas. [...], Mas será que os adeptos das diferentes religiões também sabem tão bem o que eles têm em comum em termos de ética? De modo algum o sabem. Por isso, aquilo que une as grandes religiões deveria ser exatamente trabalhado com base nas fontes.²¹⁰

Não se pode negar que em termos de moral e ética as religiões apontam para o mesmo caminho. Algumas máximas podem ser encontradas nos textos sagrados, nas falas dos profetas, nas leis religiosas ou nos conselhos dos representantes de todas as religiões – claro que aqui não levamos em conta os fundamentalismos – mas podemos afirmar que leis básicas como não matar, não roubar, não mentir, respeitar os direitos humanos ou amar ao próximo não são exclusividade desta ou daquela religião, e não devem ser seguidas apenas por seres religiosos.

A capacidade de encontrar estas semelhanças morais ou teológicas e construir o diálogo a partir delas, para Küng, é a chave de um bom entendimento. O próprio Küng, no livro *Religiões do Mundo – Em busca dos pontos comuns*, traça um paralelo entre as religiões e sugere pontos de concordância que podem servir como um primeiro passo na busca pelo bom entendimento.

Apesar de todas as diferenças de crença, de doutrina e de ritos, também podemos perceber semelhanças, convergências e concordâncias. Não só porque em todas as culturas os homens se confrontam com as mesmas grandes questões – as questões primordiais sobre a origem e sobre o destino: o “de onde” e o “para onde” do mundo e do homem; sobre como suportar o sofrimento e a culpa; sobre os padrões do viver e do agir; sobre o sentido da vida e da morte – , mas também porque nas diferentes culturas muitas vezes os homens obtêm de suas religiões respostas semelhantes.²¹¹

²¹⁰ KÜNG, Hans, *Projeto de Ética Mundial: uma moral ecumênica em vista da sobrevivência humana*, p. 100.

²¹¹ KÜNG, Hans, *Religiões do Mundo: em busca de pontos comuns*, p. 10.

O autor destaca que todas as religiões se apresentam como caminho de salvação e que todas transmitem uma visão de vida e normas para o bem-viver. Até mesmo nas religiões tribais, que não possuem padrões éticos registrados em um texto, são seguidos padrões morais elementares.

E isso também não é muito diferente do que procuramos ensinar aos nossos filhos. Tjukurpa, a “lei”, quer dizer a eles qual é o seu lugar na vida, o que é bom, o que é mau. Mesmo na Austrália não existe nenhum povo sem religião, e muito menos nenhum povo sem um ethos, sem normas e padrões bem determinados.²¹²

Quando o assunto é o Cristianismo, Küng lembra as raízes comuns com o Judaísmo e o Islã, que também são religiões abraâmicas, creem em um único Deus, são marcadas por figuras proféticas, seguem a mensagem de um livro sagrado e possuem um *ethos* básico comum: os mandamentos, que são reconhecidos como a expressão da vontade de Deus pelas três religiões.

Por fim, Küng destaca a importância de que existam construtores de pontes capazes de ligar uma religião à outra:

Construtores de pontes em grande e em pequena escala. Construtores de pontes que, em todas as dificuldades, contrastes e confrontos, tenham olhos para ver o que é comum: o que é comum sobretudo nos valores éticos, nas atitudes éticas. Que professem esses valores e padrões e que também tentem vive-los.²¹³

Para Hans Küng, se as pessoas estiverem dispostas a mudar o paradigma, sem levar em conta utopias fantiosas, mas sim visões realistas, é possível que o diálogo aconteça.

2.2.6 Síntese do diálogo inter-religioso no Judaísmo e no Islã

Até aqui falamos sobre autores que analisam o diálogo inter-religioso do ponto de vista cristão. Não foi por parcialidade, esquecimento ou mesmo um relapso por parte da autora. Apenas a constatação de que estes são os autores mais acessíveis em um país de maioria cristã, mais de 80% da população, segundo o Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística, o IBGE. No entanto, faz-se necessário que

²¹² *Ibid*, p. 32.

²¹³ *Ibid*, p. 280.

pesquisadores judeus e muçulmanos também sejam citados, não é possível falar de diálogo vendo apenas a proposta de um dos lados.

Do lado judaico, é preciso lembrar, primeiro, que esta é uma religião ligada a uma etnia, como foi explicado no primeiro capítulo, não se vira um judeu, mas se nasce um judeu. A religião nunca teve pretensões proselitistas ou missionárias, nunca se preocupou em conquistar adeptos fora dos limites geográficos da própria comunidade²¹⁴. Sem se preocupar em converter ou convencer, segundo Schlesinger, o Judaísmo pode ter uma pré-disposição ao diálogo. Já se falou neste trabalho sobre a falta de consenso em torno das questões teológicas e o quanto os judeus valorizam uma discussão em torno de ideias. De acordo com o autor, a tradição judaica, desde o princípio, valoriza o pluralismo e o confronto de ideias contraditórias, sem que se faça necessário escolher uma vencedora. A tradição determina, por exemplo, que os cânones sejam lidos em duplas para que o debate seja estimulado, existe uma compreensão de que a leitura solitária pode encontrar espaço para o fanatismo. O próprio Deus judaico, segundo o autor, está em constante diálogo consigo mesmo e consegue, enquanto faz julgamentos severos, ser generoso e acolhedor, ou seja, a própria divindade guarda características antagônicas, sempre em negociação, sem que se crie a necessidade de que uma prevaleça. Um modelo teológico que cabe perfeitamente no funcionamento de uma sociedade moderna e pluralista, que depende do diálogo entre as leis e a ética.

Schlesinger coloca o diálogo como uma união de forças capaz de levar as sociedades ao enfrentamento e resolução de desafios humanos universais, como fome, violência, corrupção, agressões ao meio ambiente, falta de acesso à educação. Questões que o rabino pontua que não são especificamente judaicas, cristãs ou muçulmanas, são de todos.

A ferramenta que possibilita essa reunião de forças é o diálogo. Entendo o diálogo como um meio, e não um fim em si. Embora muito aprazível, não dialogamos pelo prazer de dialogar, mas com o objetivo de operar mudanças profundas na sociedade. Por meio do diálogo superamos as barreiras que nos impediram de interagir de maneira eficaz ante os desafios da nossa era.²¹⁵

²¹⁴ Cf. USARSKI, Frank, **O Budismo e as outras: encontros e desencontros entre as grandes religiões mundiais**.

²¹⁵ BIZON, José; SCHLESINGER, Michel, **Diálogo inter-religioso: religiões a caminho da paz**, p. 12.

Schlesinger acredita, no entanto, que o diálogo é um dos maiores desafios do ser humano pois significa ir ao encontro do diferente, e mais do que isso, significa, de alguma forma, valorizar o diferente. E dialogar também é se reconhecer, é lidar com o abalo dos próprios conceitos, é descobrir o que somos e o que nunca seremos. Dialogar significa sair da zona de conforto, principalmente no que diz respeito às ideias e valores.

O autor apresenta pré-requisitos para o diálogo que passam pela confiança em si próprio, disposição para encontrar o diferente e também uma dose de coragem, pois o diálogo coloca o participante de frente com seus próprios medos e angústias. Por fim, é importante aceitar que existem diferentes possibilidades e interpretações para a vida e que não existe apenas uma verdade.

Uma importante dose de pluralismo é condição para o exercício do encontro de ideias. Se admito ver apenas uma verdade, que de fato costuma ser a minha, não suporto a dor de ser confrontado com qualquer “mentira”. No entanto, se pressuponho um mundo de nuances e tonalidades, estou equipado com a faculdade de escutar aquilo que destoa um pouco ou radicalmente daquilo que creio.²¹⁶

Sacks fala sobre a importância de se compreender que o mundo não pode ser dividido entre os que tem uma fé e os que têm outra – ou não tem. Ele considera que foi esta crença que levou a humanidade a momentos de violência que não podem ser esquecidos, como as cruzadas, as inquisições, as *jihads* e o holocausto.

Segundo esta crença, aqueles que não partilham a minha fé – ou raça ou ideologia – não partilham da minha humanidade. Na melhor das hipóteses, são cidadãos de segunda classe. Na pior, negam a santidade da própria vida. São os descrentes, os infiéis, os que não serão salvos nem redimidos e ficam de fora do círculo da salvação.²¹⁷

Para o autor, a religião pode servir como ponto de discórdia na mesma intensidade em que pode ser usada para a resolução dos conflitos, embora esta opção, ele considera, tenha sido pouco experimentada. A partir do diálogo, as religiões podem se transformar em forças geradoras de paz, justiça e compaixão, de solidariedade humana, o que pode levar a superação das dificuldades, dos medos e da violência.

O maior e único antídoto à violência é o diálogo, que permite revelar nossos temores, ouvir os temores alheios e compartilhar os pontos

²¹⁶ *Ibid*, p. 24.

²¹⁷ SACKS, Jonathan, **A Dignidade da Diferença: como evitar o choque de civilizações**, p. 59.

vulneráveis que dão origem à esperança. Tento trazer uma voz judaica àquilo que certamente deve vir a ser um diálogo global, pois todos fazemos uma aposta no futuro e o futuro de todos nós está inexoravelmente interligado.²¹⁸

Para Bonder e Sorj, um ponto que dificulta o diálogo é a necessidade da razão e do convencimento. Admitir que em um diálogo um dos lados precisa ter razão significa admitir que o outro está errado e precisa ser convencido por quem se julga correto. Os que sentem a necessidade de convencer, encaram a vida como uma grande competição, sem entender que no bom diálogo não existem primeiros colocados, aprovados e reprovados e nem mesmo salvos e perdidos²¹⁹.

Do lado islâmico, é preciso esclarecer que para além de toda a interferência política na religião, que resulta em violentas ditaduras religiosas fundamentalistas no Oriente Médio, como Irã e Arábia Saudita, o Islã está aberto ao diálogo assim como o Judaísmo e o Cristianismo. Sobre a convivência de muçulmanos com cristãos e judeus, Kus destaca alguns episódios como a Trégua de Medina, um documento com leis de liberdade religiosa assinado entre muçulmanos e judeus por volta de 622 d.C. e a acolhida de monges cristãos, também em Medina – embora o autor considere que são de episódios de liberdade religiosa, não de diálogo entre as religiões.

[...] uma vez que o diálogo é busca pelo conhecimento do outro e transmissão de si mesmo ao mundo afora. No contexto de Medina do século VII, as realizações visualizadas são pouco relevantes ao diálogo, mas sim, relevantes a aceitar e dar espaço ao outro para livremente viver sua vida e praticar sua fé, isto é liberdade religiosa.²²⁰

Berger também destaca episódios de convivência religiosa em sociedades governadas pelo Islã, onde o pluralismo religioso e cultural não era apenas permitido, mas também incentivado, como na Espanha Muçulmana, na Índia Mongol e no Império Otomano, “no primeiro caso, um termo especial, *convivencia*, foi cunhado para indicar a coexistência amigável entre muçulmanos, cristãos e judeus”²²¹.

²¹⁸ *Ibid*, p. 18.

²¹⁹ BONDER, Nilton; SORJ, Bernardo, **Judaísmo para o século XXI: o rabino e o sociólogo**.

²²⁰ KUS, Atilla, **Documento sobre a fraternidade humana à perspectiva islâmica**, p. 105.

²²¹ BERGER, **Os múltiplos altares da modernidade: rumo a um paradigma de religião numa época pluralista**, p. 25.

O Alcorão afirma que o Islã é a única religião verdadeira, apesar disso, de acordo com Kus, a religião está aberta para a prática e a vivência com outras crenças desde o surgimento entre as tribos árabes.

Porém, para o islam, não se trata de uma tolerância religiosa, pois, o termo tolerância trata de uma questão de superioridade entre os seres humanos ou classes sociais. Islam não assume um papel de superioridade quanto às outras crenças. Por outro lado, quando se trata da tolerância, existe um aspecto de, popularmente digamos, “ter que aguentar”. Ao invés de usar o verbo tolerar, ou o substantivo tolerância, o termo usado por estudiosos muçulmanos para abordar a questão de convivência inter-religiosa é *at-Tassámuh*, ou *al-Mussámaha*.²²²

Segundo o autor, os dois termos podem ser traduzidos como “indulgência”, palavra com sentido mais amplo, que pode deixar mais clara a intenção de convivência pacífica e respeitosa com o diferente.

Usarski destaca a natureza universalista do Islã e a missão dos muçulmanos de transformar o mundo em um lugar governado pela lei islâmica. Logo após o surgimento da religião de Muhammad, essa expansão começou a ser feita por meio de expedições militares e a nova fé ganhava terreno pela pressão aos descrentes, as alternativas era a morte ou a escravidão.

A única exceção categórica referia-se aos chamados “possuidores de Livro”, segmentos populacionais dos territórios cuja religião se concentrava, como no caso do Islã, em um livro sagrado. Membros das respectivas comunidades, em primeiro lugar judeus e cristãos, desfrutavam do status de “legalmente protegidos” (*dhimmis*) e, com isso, de determinados privilégios, sobretudo o direito de construir templos e igrejas próprios.²²³

O autor destaca, no entanto, que em alguns territórios a população local também recebeu certa dose de tolerância durante alguns períodos de tempo. Com o passar dos anos, as ações militares deram espaço para outros tipos de expansão, como o comércio e o casamento de homens muçulmanos com mulheres de outras religiões – afinal, os filhos eram sempre considerados muçulmanos.

Sobre o diálogo propriamente dito, Hammadeh diz que para o Islã, o diálogo é a base de uma vida harmoniosa e estável. Ao mesmo tempo em que é necessário

²²² KUS, Atilla, **Documento sobre a fraternidade humana à perspectiva islâmica**, p. 108.

²²³ USARSKI, O Budismo e as outras: encontros e desencontros entre as grandes religiões mundiais, p. 154.

conhecer o que o outro pensa e no que acredita, é importante se fazer conhecer, apresentar a própria crença de forma respeitável e agradável. O autor explica que uma das dificuldades dos muçulmanos no Brasil é a forma como a religião é apresentada, principalmente na mídia, que destaca atos terroristas e fundamentalistas cometidos por uma minoria, o que cria uma generalização equivocada e exige uma proatividade, uma maior disposição ao diálogo para que seja possível mostrar uma outra face da religião. Não se trata de convencer, ou converter, concordar ou discordar da teologia, mas criar um ambiente de convivência harmoniosa.

O diálogo é entendido, no Islã, como sendo a busca pela verdade e a descoberta do que é falso; portanto, é uma forma que os envolvidos usam e se ajudam para chegar a um resultado benéfico a todos, no qual se convive em harmonia, respeito e paz, mesmo não tendo os participantes convencido uns aos outros de sua ideologia; porém, chegaram ao entendimento que devem ter o direito de concordar ou discordar, sempre respeitando a decisão do outro.²²⁴

Segundo Hamaadeh, concordar e discordar são características humanas, não um preconceito, mas um direito. O que não se pode fazer é ser desrespeitoso, zombar ou ofender pessoas que seguem outras crenças. O diálogo inter-religioso deve ser uma prática construída a cada dia por todas as pessoas, não somente por líderes religiosos.

É necessário dialogarmos interna e externamente, falar com os iguais e com os diferentes, e que as pessoas se conscientizem de que a melhor forma de fazer a sua religião crescer e se expandir é através do bom comportamento e das boas maneiras de cada adepto, mostrando as melhorias que essa crença produz nas pessoas.²²⁵

Para o autor, o muçulmano deve ser coerente com a própria crença, que ensina que os homens devem ser justos, respeitosos e pacíficos e a melhor forma de chegar nesse objetivo é por meio do diálogo.

2.3 SÍNTSE DA HISTÓRIA OCIDENTAL RECENTE DO DIÁLOGO INTER-RELIGIOSO

Se a convivência entre diferentes religiões na mesma sociedade é uma situação relativamente nova, a discussão sobre as melhores formas de promover o

²²⁴ HAMMADEH, Jihad Hassan, **A importância do diálogo inter-religioso no Islã**, p. 34

²²⁵ *Ibid*, p. 39.

diálogo entre essas religiões também é, na teoria e mais ainda na prática. Basta levarmos em conta o fato de que o primeiro evento mundial que convidou as religiões ao debate, o Parlamento Mundial das Religiões, aconteceu no fim do século XIX, entre os dias 11 e 28 de setembro de 1893, em Chicago, nos Estados Unidos. A humanidade passou os dezoito primeiros séculos da era cristã sem que o bom entendimento entre as religiões entrasse na pauta. Poderíamos discutir aqui como a falta de debate foi influenciada pelo domínio cristão no mundo ocidental, o combate ao Judaísmo, a expansão islâmica... Porém, precisamos nos concentrar no que aconteceu depois de 1893, nas mudanças que os últimos 130 anos trouxeram, desde esse primeiro evento até hoje, principalmente no que diz respeito ao fim do monopólio da verdade religiosa. Para Usarski, o Parlamento Mundial das Religiões representa um divisor de águas.

À maioria cristã juntaram-se, pela primeira vez na história ocidental, palestrantes em nome de religiões asiáticas, entre eles o hindu Swami Vivekananda (1863-1902); o cingalês e representante do Budismo Theravada Anagarika Dharmapala (1864-1933) e o mestre zen Soyen Shaku (1859-1919). A assembleia ofereceu para todos os participantes a oportunidade de apresentar a própria religião sob a condição de que nenhuma outra crença fosse criticada ou denunciada.²²⁶

É interessante notarmos que esta primeira tentativa de diálogo já nasce com intenções pluralistas, ou, se observarmos o modelo de Knitter, com a intenção de promover um diálogo de mutualidade. A proposta era de que representantes das mais diferentes teologias se encontrassem e discutessem no mesmo nível de igualdade, com respeito às diferenças e foco na busca de entendimentos.

Apesar de representar um avanço, Usarski destaca que o Parlamento Mundial das Religiões chegou ao fim com alguns pontos problemáticos. O primeiro foi a falta de espaço para discussões que levassem em conta as condições e os limites do diálogo inter-religioso no que diz respeito às questões teológicas. Um segundo ponto para se lamentar foi a ausência da Igreja Católica entre os agentes organizadores, como propositora da discussão, já que o evento surgiu da mobilização de igrejas protestantes norte-americanas. O terceiro ponto também diz respeito à ausência de católicos, mas agora entre os participantes. Apenas um reduzido número de católicos acompanhou as discussões. Como diz Usarski: “como se pode manter a imagem

²²⁶ USARSKI, Frank, **A Construção do Diálogo: o Concílio Vaticano II e as religiões**, p. 23.

estereotipada do Parlamento das Religiões diante da ausência, no evento, de uma das instâncias religiosas mais acentuadas da história?"²²⁷. Um quarto ponto ainda pode ser acrescentado, é a presença de apenas um muçulmano, um norte-americano convertido. Portanto, o Parlamento aconteceu praticamente sem representantes de duas das principais religiões do mundo – no que diz respeito ao número de fiéis.

A boa convivência entre as religiões, para os líderes católicos, só foi ponto de discussão quase 70 anos depois, no Concílio Vaticano II, o vigésimo primeiro concílio ecumênico organizado pela Igreja Católica. As reuniões aconteceram entre outubro de 1962 e dezembro de 1965 com a presença de bispos das Américas, da Europa, da África e da Ásia; e foram comandadas pelos papas João XXIII, até sua morte em 1963, e Paulo VI, que assumiu o papado em seguida. O concílio representa um marco na história da Igreja e uma mudança de paradigma no que diz respeito ao relacionamento com outras religiões.

É a partir do evento conciliar que surge a expressão diálogo inter-religioso, que será muito utilizada no interior da instituição para referir-se, de um lado, a uma nova atitude diante das outras religiões, e de outro lado, ao conjunto de atividades que visam se aproximar das outras religiões. O diálogo inter-religioso, depois do Vaticano II, tem, portanto, uma dupla característica: atitude e ação, princípio e movimento, busca e realização.²²⁸

Para Sanchez, construir uma igreja voltada para o diálogo era o principal objetivo do papa João XXIII, que o autor define como papa da mudança e da renovação.

A Igreja sonhada por João XXIII é a igreja que adota o diálogo como método para “voltar-se” para o mundo com a finalidade de contribuir humildemente na solução dos problemas e servir a toda a humanidade; é uma Igreja que abandona a posição arrogante de dona da verdade e escolhe compreender positivamente as novas realidades.²²⁹

Durante o encontro, ao todo, 16 documentos foram promulgados. Mas essa mudança de paradigma se dá, principalmente, por causa da declaração conciliar *Nostra Aetate*, documento que abriu caminho para o diálogo entre os católicos e as religiões não cristãs. O texto representa uma mudança na medida em que deixa de

²²⁷ *Ibid*, p. 24.

²²⁸ SANCHEZ, Wagner Lopes, **Vaticano II e o Diálogo Inter-religioso**, p. 14.

²²⁹ *Ibid*, p. 19.

dividir o mundo entre quem acredita em Jesus Cristo, e por isso pode ser salvo, e quem não acredita.

O preâmbulo anuncia uma ruptura com a antiga dicotomia entre “dentro” e “fora” da comunidade católica, negando a separação entre os salvos e os eternamente “perdidos”. Em outras palavras: não existem duas categorias de seres humanos. Em vez disso, os *homens constituem, todos, uma só comunidade*. Essa unidade existe não apenas porque todos os seus integrantes foram criados por Deus. Eles também têm Deus como “fim último” e são beneficiados pela providência divina.²³⁰

Apesar do documento também tecer observações acerca do Budismo e do Hinduísmo, esta dissertação vai destacar apenas as religiões pesquisadas: o Judaísmo e o Islã. O documento organiza as religiões de acordo com a proximidade teológica. Da mais distante, ou mais diferente, para a mais próxima, ou com maior semelhança. Desta forma, o Islã vem antes do Judaísmo, a última religião apresentada e a que mereceu espeço maior.

Sobre os muçulmanos, em seis frases, o texto faz alusão aos pontos comuns com os católicos, como a crença no Deus Único, a evocação a Abraão, a honra a Maria e a crença de que Jesus é um profeta, apesar de o Islã não o reconhecer em Jesus qualquer forma de divindade. A declaração ainda lembra que os muçulmanos também praticam o jejum, a oração e a esmola. A última frase incentiva o fim do ódio e pede que os fiéis exercitem a compreensão mútua em defesa da paz e da justiça social. No esforço de aproximar as duas religiões, o texto evita divergências ou pontos polêmicos.

Não se encontra, por exemplo, nenhuma alusão às suas divergências em diferentes partes do mundo ou informações sobre as diferenças entre sunitas e xiitas. Para não gerar polêmicas, há diversos outros aspectos sobre os quais a declaração mantém silêncio. Um deles é o corão, outro é Mohamed. O mesmo vale para dois dos cinco “pilares” do Islã. A *Nostra Aetate* cita apenas três, negligenciando o “testemunho de fé” (que contém a afirmação de que Mohamed é o Profeta de Allah) e a peregrinação para Meca (cidade natal de Mohamed).²³¹

Como já foi dito, o Judaísmo é a última religião citada no documento, sendo compreendida como a mais parecida com o Cristianismo. Os judeus também mereceram um texto mais longo, com 16 frases. Logo no início, a declaração lembra

²³⁰ USARSKI, A Construção do Diálogo: o Concílio Vaticano II e as religiões, p. 142.

²³¹ *Ibid*, p. 145.

que as duas religiões estão intimamente próximas, já que o povo do Segundo Testamento tem ligação espiritual com a descendência de Abraão, com os patriarcas e os profetas. E que foi entre os judeus que nasceram os primeiros cristãos, os apóstolos e o próprio Cristo. Para Usarski, a forma como o texto foi concebido já deixa claro as diferenças entre o relacionamento da Igreja Católica com os judeus e com os muçulmanos.

A primeira frase do quarto artigo da declaração assegura a íntima relação entre as duas religiões: “o vínculo com que o povo do Novo Testamento está espiritualmente ligado à descendência de Abraão”. A escolha das palavras é relevante. Confirma um *vínculo*, o que distingue esta formulação com a análoga no parágrafo sobre o Islã, que evita uma constatação inequívoca dos laços reais entre os seguidores do Islã e o patriarca bíblico, contentando-se com uma alusão ao caráter modelar da obediência de Abraão a Deus, prestigiado pelos muçulmanos.²³²

O texto toca em um ponto delicado, a morte de Jesus. Por séculos os cristãos acusaram os judeus de serem os responsáveis pela crucificação. A declaração coloca um ponto final na discussão quando diz que apesar de autoridades judaicas terem decidido pela morte na cruz, não se deve transferir a culpa para todos os judeus daquela ou desta época. O texto termina com o pedido para que sejam evitados ensinamentos que possam apontar o povo judeu como culpado pela crucificação e que a Igreja reprova qualquer tipo de perseguição, ódio ou antisemitismo em qualquer tempo que isso tenha acontecido.

Diferente do Parlamento, o Concílio não apresentou uma visão pluralista, mas sim inclusivista, ou de complementação. Uma tentativa de aproximar as outras religiões do Cristianismo, que manteve a condição de superioridade. No entanto, para Knitter, o Concílio Vaticano II – e particularmente a *Nostra Aetate* – ajudou a sensibilizar e a incentivar os católicos a assumirem uma postura mais abertura para o diálogo. O autor considera que, apesar de ser uma reflexão tardia, a declaração representa um marco na medida em que reconhece o sentimento religioso profundo que pode se manifestar em diferentes povos e tradições.

Nunca antes uma Igreja, em seus pronunciamentos oficiais, lidara de modo tão extensivo com as demais religiões; nunca antes dissera coisas tão positivas sobre elas; nunca antes convocara todos os cristãos a considerá-las seriamente e a com elas dialogar. Se comparada à visão da fórmula “Fora da Igreja não há salvação”, que

²³² *Ibid*, p. 146.

dominou do século V ao século XVI, o Vaticano II não é simplesmente um marco no caminho, mas uma bifurcação na estrada.²³³

No próximo capítulo, falaremos sobre as convergências e divergências entre as religiões, no que diz respeito aos leigos. Sobre como os fiéis de cada religião monoteísta percebem essas semelhanças e diferenças para compreendermos como isso pode ajudar na contração de um diálogo inter-religioso.

²³³ KNITTER, Paul F., **Introdução às Teologias das Religiões**, p. 126.

CAPÍTULO 3

CONVERGÊNCIAS E DIVERGÊNCIAS ENTRE JUDAÍSMO, CRISTIANISMO E ISLÂ

Conforme explicado na introdução deste trabalho, foram feitas um total de 24 entrevistas, com oito praticantes de cada uma das três religiões estudadas. No caso dos judeus entrevistados, sete nasceram em famílias judias, portanto, seguem a religião desde crianças, um é convertido há mais de 20 anos. Eles têm entre 54 e 70 anos, se dividem entre seis homens e duas mulheres, seis possuem curso superior, três estão aposentados. Entre os católicos, um se converteu há quatro anos, os outros sete nasceram em famílias católicas. Eles possuem entre 28 e 57 anos, são cinco homens e três mulheres, cinco possuem curso superior e todos ainda estão no mercado de trabalho. Entre os muçulmanos, três nasceram em uma família da mesma religião, cinco são convertidos, todos há mais de cinco anos. Eles têm entre 26 e 59 anos, são três mulheres e cinco homens, quatro possuem ensino superior. As datas em que as entrevistas foram feitas, assim como as informações gerais – idade, profissão – podem ser conferidos nos anexos A, B e C.

As perguntas giraram em torno do Deus que cada um acredita, suas características, a forma como se relaciona com a sociedade, a representação em imagens e o poder de alterar a história e definir a salvação. As principais respostas vão ser apresentadas a seguir, elas foram selecionadas conforme a capacidade de cada entrevistado desenvolver o assunto, portanto, nem todos os entrevistados são citados em todos os itens, porém, todas as diferentes opiniões expressas nas respostas estão presentes no texto.

A partir de agora, todos os entrevistados serão identificados com a primeira letra da religião que seguem e um número. Eles foram numerados na ordem em que foi feito o primeiro contato com cada um, o que não segue, necessariamente, a ordem em que as entrevistas foram gravadas. Este primeiro contato foi feito pelo aplicativo Whatsapp e as entrevistas foram gravadas pela plataforma Zoom.

3.1 O QUE É OU COMO É DEUS

As primeiras perguntas das entrevistas foram feitas com o objetivo de reunir características para compreender como é o Deus do imaginário de cada participante. Os nomes dos voluntários não serão revelados.

No primeiro momento de cada entrevista, os participantes foram provocados a falar sobre uma imagem relacionada à forma como sua religião identifica Deus. Para os judeus, a imagem mostrada tinha, em um fundo neutro, as quatro consoantes em hebraico do nome divino:



Fig. 1 – Imagem mostrada para os participantes judeus

Dos oito judeus entrevistados, quatro, J2, J4, J6, J8, não reconheceram as letras e não souberam dizer do que se tratava. Quando questionados sobre as letras em hebraico lembrarem o nome de Deus, três afirmaram que não falam hebraico. Um, J4, disse que sabe ler o básico, mas que não era capaz de encontrar um significado nas letras.

Quatro reconheceram as letras como o nome de Deus, segundo os quatro, Adonai. J1 e J3 disseram que a imagem em si não possui significado sagrado. Porém, J7 e J5 atribuíram significado à imagem. Para J7, “é um nome, uma imagem sagrada. Porque os judeus não falam o nome de Deus, então para mim é a expressão de uma coisa sagrada”. Para J5, a imagem foi uma oportunidade de falar sobre os atributos de Deus e sobre as formas de relacionamento com Ele.

Ela significa vida, acho que para mim significa uma conexão com o que é eterno. Representa um dos atributos de HaShem, na verdade Ele tem 50 atributos na Torah e esses atributos guardam relação com

o caminho que você tem para HaShem. Que, embora Ele tenha várias manifestações, cada um tem uma forma de se relacionar com ele e essa forma às vezes é boa, às vezes é de amor, às vezes é de temor, às vezes de ódio, de desprezo, então esses atributos sempre têm um aspecto positivo ou negativo. E esses aspectos vêm da forma como você se relaciona com Ele. É muito comum entender que o Judaísmo é como era lá no antigo testamento, 'obedeça HaShem senão coisas horríveis vão acontecer contigo', na realidade, existem formas de relacionamento melhores, né? Como se você não fizesse as coisas erradas porque tem medo de ser preso, você não faz as coisas porque acredita que coisas corretas devem ser feitas. E aí a forma com que você está se relacionando com HaShem não é a forma de terror, ou de desgraças que vão acontecer na sua vida. Aí seria como o Cristianismo, né? Você acredita em Jesus porque senão você vai para o inferno, a tua única preocupação é não ir para o inferno, isso aí é uma relação realmente péssima que você pode ter com HaShem.

Para os cristãos, foi mostrada uma imagem clássica da representação católica da Santíssima Trindade. Deus e Jesus Cristo estão sentados em um trono, cercados por anjos e santos, com uma pomba acima, entre eles, símbolo do Espírito Santo. Jesus segura uma cruz de madeira em uma das mãos e na outra, junto com Deus, o planeta Terra.



Fig. 2 – Imagem mostrada para os participantes católicos

Dos oito entrevistados, sete, reconheceram a Santíssima Trindade, apenas um, C3, não reconheceu, disse apenas que se trata “de alguma coisa ligada à igreja”, mas não reconheceu Deus ou a Trindade. Entre os que reconheceram, podem ser apontadas algumas divergências no quanto sagrada a imagem pode ser. Para C2, ela significa o início da vida porque isso acontece “através de Deus, do Espírito Santo e de Jesus, que se tornam uma pessoa só, o nosso criador”. Para C6, “a gente precisa dessa imagem pra sentir, pra se lembrar, como uma foto de família de alguém muito querido”. C7 disse que quando vê a imagem se sente inspirado a ter uma vida correta e para C5 a imagem traz alegria e conforto. C1 e C8 reconheceram a imagem, mas não concordaram com a representação.

Na verdade, representações são muito limitadas, eu acho. Se você olhar pela imagem em si, é um desenhinho, você fala, pô, Deus é um velhinho de barba? Ok, respeito, é bonito, eu acho, puro, mas é uma imagem. É uma referência para mim, mas eu acho que é importante que as pessoas percebam uma dimensão maior na vida. Eu acho importante ter isso, essa imagem, mas é uma representação de uma coisa muito maior, uma coisa pequenininha de uma coisa muito maior.

É uma visão europeia do Cristianismo, tanto que são todos brancos. Tem Jesus, Deus, uns anjos. Eu vejo ela muito humanizada, vejo o sagrado muito humanizado. Eu acredito nisso, na Trindade, mas acho que essa é uma visão europeia.

Para os muçulmanos foi mostrada uma imagem da letra em árabe que significa Deus, ou *Allah*, cercada por arabescos comumente usados para decorar o interior das mesquitas, as paredes e o teto.

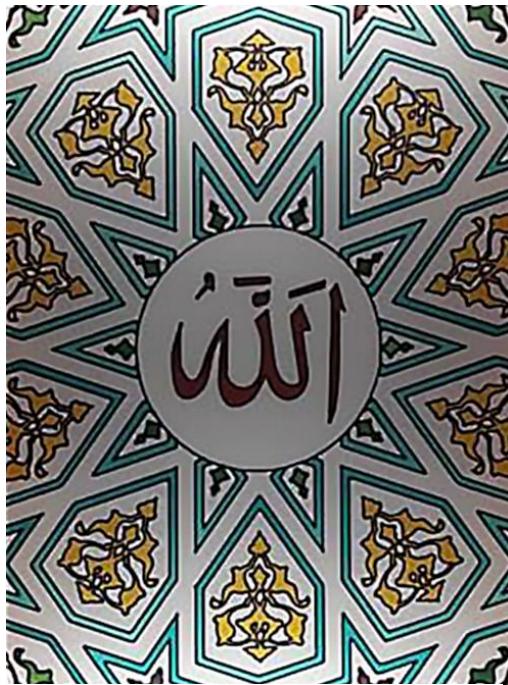


Fig. 3 – Imagem mostrada para os participantes muçulmanos

Todos os muçulmanos entrevistados reconheceram na escrita em árabe o nome de *Allah* que, segundo M1, é o que há de mais importante na imagem. Mesma opinião do M3, o que está em volta não importa, apenas o nome de Deus é realmente importante. M5 considerou que a imagem desperta amor por Deus e pela religião e M6 disse que a imagem desperta respeito. M2 achou difícil expressar o sentimento, mas atribuiu significado à combinação da escrita com os arabescos.

A sensação que eu sinto, na realidade, é um pouco sólida, né, é um pouco sem sentimento quando a gente vê assim, na tela. Mas é uma imagem que sinaliza a unicidade de Deus e a centralidade do nome Dele em tudo. Então, o que eu mais vejo é que tudo parte Dele, tudo vem através Dele e no centro de tudo, no fundo de tudo, existe Deus, o criador. Então o que eu vejo é isso, é uma divindade, um Deus que se faz o centro de tudo, como razão da existência de todo o universo. É um pouco difícil colocar a sensação, o sentimento, o que eu realmente sinto, colocar nas palavras. O que eu posso dizer, é que é como se fosse o sistema solar, Ele está no meio de tudo e o universo está dando voltas ao redor Dele.

Ao ver a imagem, M4 identificou imediatamente a palavra Deus, mas destacou a impossibilidade de retratar a divindade em uma imagem e a importância de compreender que imagens não possuem simbolismo religioso.

Eu imediatamente me lembro de *Allah*, de Deus. Como você pode ver, aqui não tem uma imagem, tem uma palavra em árabe que significa

Deus. Se a língua do Alcorão fosse o português, teria Deus em português. Portanto, isso não é uma imagem, Deus não tem imagem, nem o profeta, mesmo o profeta sendo uma pessoa, um ser humano como eu, como você, a gente não desenha porque a gente não sabe exatamente como ele foi. Inclusive outros profetas que vieram antes dele como Jesus, como Moisés, essas coisas são proibidas na nossa religião, desenhar, retratar, essas pessoas e da mesma forma Deus. Portanto eu não digo que isso é uma imagem, é apenas um desenho e o nome de Deus, não é um simbolismo, apenas o nome de Deus escrito em árabe.

Na segunda parte das entrevistas, foram feitas as perguntas sobre a interpretação e compreensão de Deus. Entre os judeus, as respostas destacaram a dificuldade de um ser humano de ver ou imaginar uma forma para Deus. Para ilustrar a situação, J5 usou uma metáfora científica. Importante explicar que quando se referem à Deus, normalmente os judeus usam o termo *HaShem*, palavra hebraica para “o nome”. Alguns preferem a alternativa Adonai.

Você sabe que nós vivemos em um mundo tridimensional, largura, profundidade, altura, mas a física fala que existe uma quarta dimensão [...]. Nós não podemos ver a quarta dimensão, nós sabemos algumas propriedades dela, mas não tem como ver. Então, de um modo metafórico, *HaShem* é da mesma forma, nós não temos contato com Ele, Ele vive numa dimensão aparte a nossa, embora Ele possa vir para a nossa dimensão espaço-tempo, mas nós não temos como ver isso. Então, cada um que tem uma experiência com *HaShem*, tem um modo de vê-Lo, de entende-Lo, depende do quão íntimo você possa estar Dele, ou do quão distante você possa estar realmente Dele. Então se eu te falasse como é realmente *HaShem*, eu falaria da minha experiência com Ele, outro judeu teria uma outra experiência com Ele, seria com que faceta você contempla Ele. Às vezes você vê *HaShem* como uma árvore no meio de uma floresta, mas Ele é toda a floresta.

A resposta dada pelo J7 e pelo J3 vai no mesmo sentido, Deus é algo que não se pode ver ou explicar, mas que pode ser sentido e pode se manifestar por meio da natureza, dos animais ou das boas ações:

Não é uma pessoa, obviamente, mas é um ser que fez o mundo. Não tem uma definição física, vamos dizer assim, mas é uma energia, Ele está em tudo quanto que é lugar, então é muito difícil eu... eu vou tentar te descrever o que eu entendo: você não consegue ver Deus, mas porque é como se ele não existisse, mas ele existe, não é uma fumaça, porque fumaça você vê, mas é Ele que determina todas as coisas que você faz no mundo, é ele que guia todo mundo.

Tudo é Deus. Acho que Deus é muito mais do que o que a gente pode ver, mas eu sinto Deus. Às vezes até no olhar de um animal eu sinto Deus, uma energia que ajuda a gente a ser fiel a nós mesmos. [...] A energia é aquele olhar, aquele brilho, é as pessoas estarem

desenvolvendo coisas positivas, né? Eu vejo desse jeito... Aquela vontade de fazer as coisas do bem.

Ainda sobre a possibilidade de explicar Deus a partir de uma forma, a resposta do J1 é um tanto curiosa, já que além de personificar a divindade, a fala aproxima Deus da imagem tradicional católica, apesar de ele ter nascido em uma família judaica:

A primeira imagem que eu tenho é sempre uma imagem bem infantil, o velhinho de barba branca sentado numa nuvem. [...] Em momentos difíceis eu penso que existe alguém... Eu gosto de pensar em alguém, não numa força, alguém que está tomando conta da humanidade, principalmente de mim, que vai me ajudar.

Dois entrevistados judeus destacaram o fato de considerarem Deus como o criador de todo o universo, para eles, esta é a característica mais importante. J6 se limitou a dizer que “Ele criou o mundo, criou as pessoas, *HaShem* é isso para mim”. Já o J8 elaborou um pouco mais a ideia, relacionando a criação a uma inteligência superior, colocando o homem com a responsabilidade de ser um parceiro de Deus na criação do mundo.

Ele criou o mundo e, por exemplo, colocou elementos químicos. O homem foi lá e descobriu esses elementos. Sei lá por que Adonai fez, mas esses elementos estavam escondidos e o homem foi lá e descobriu a eletricidade, por exemplo. Não tem limite a inteligência do homem, mas o que ele tira do cérebro é de Adonai. O homem superou Adonai e Adonai está contente com isso.

O monoteísmo, característica comum às três religiões, também apareceu nas respostas. Para J4, a unicidade é o mais importante.

Acho que o principal da religião judaica é a frase “o senhor é nosso Deus e o senhor é único”, então é um Deus único, a gente não adora nenhum outro objeto ou santo ou nada, quer dizer, pra mim Deus é onipresente, é infinito, é o criador de tudo, está em todos os lugares, e eu acredito plamente em Deus. Então, quer dizer, é uma figura central no Judaísmo e uma figura central para mim. [...] É o Deus de Abraão, Isaac, Jacó, é o Deus da Bíblia, nenhum outro, é apenas Ele. O monoteísmo é a base da religião judaica, e eu acredito muito nisso, Ele é muito forte, Ele é sem discussão.

Entre os judeus, Deus também aparece como um conceito aberto, algo que mudar ao logo da vida, de acordo com as experiências e com o amadurecimento de cada um. Esta é a opinião de J2.

HaShem tem uma profundidade. Eu acho que se eu falar assim... o que é *HaShem* para mim, é um grande amigo, um grande conselheiro, um grande amparo. Mas daqui a alguns anos, talvez, conforme eu me aproxime de *HaShem*, eu espero que eu me aproxime, mas eu posso

me afastar dele, então a forma como a gente vai vendo *HaShem*, vai mudando conforme a relação que nós temos com Ele, essa relação é pessoal. É um ser que eu não me imagino sem Ele. É muito difícil pensar numa existência sem Ele.

Assim como aconteceu no grupo judeu, entre os católicos apenas um personificou a imagem de Deus. C5 afirmou que gosta de pensar em Deus como uma pessoa, “para mim Ele é uma pessoa, eu gosto de pensar Nele como uma pessoa, como um amigo, uma figura acolhedora, um bom pai”. Os outros sete entrevistados só atribuíram características de personificação quando questionados sobre Jesus, embora todos tenham confirmado que Jesus é Deus, ou de uma parte de Deus. Segundo C1, C6 e C7:

Jesus é Deus que encarnou, é a Trindade, né? Pai, Filho e Espírito Santo. Jesus é uma coisa que Deus falou assim: olha, eu vou aí, chegou a hora. Aí vem toda aquela coisa do Judaísmo, né, os Judeus tiveram a revelação do monoteísmo, do Deus único, dois mil anos depois estava pronto para Deus, Jesus veio nesse momento. Depois tem aquela coisa do sacrifício, todo povo tinha um sacrifício, matava criança, matava galinha. Deus veio se sacrificar, ele disse: eu vou, eu vou para o sacrifício, não precisa mais sacrificar, então foi um ato de amor que liberou, de certa forma, do sacrifício. Então quem é Jesus? Jesus é Deus que veio para cumprir uma missão em um momento específico.

[...] Jesus é o caminho, ele é o exemplo para que a gente possa seguir, porque o que Deus quer é que a gente seja como um filho Dele. Então Jesus veio ao mundo como homem, sentiu dor, chorou, sofreu. Ele é o filho de Deus. Então para mim ele faz parte da Trindade, eles são um só. Não é o Pai, o Filho e o Espírito Santo, Ele se torna uma única pessoa, são três pessoas, mas são únicos.

Jesus é o filho de Deus, o primogênito que veio para o mundo como um plano de salvação de Deus, quando tudo estava afundado no pecado, Deus, com sua misericórdia, deu o seu filho amado em sacrifício pra salvar toda a sua criação como uma forma pra reverter a situação que já estava muito difícil no mundo.

Os outros entrevistados se referiram a Deus como uma energia, uma força ou uma consciência. Aqui também aparece a ideia de criador, ele foi identificado desta forma por três entrevistados, C1, C2 e C7. Para C1, por exemplo, Deus é uma consciência criadora.

Eu posso dizer que ele é uma consciência, ele é uma personalidade, não é uma coisa vaga, uma força, uma energia, não; é uma consciência que criou meu cachorro, meus filhos. É muito inteligente, se você vai ver a complexidade das coisas, do corpo humano, tudo tem um sentido, então Deus não é uma energia, uma vibe, é uma consciência.

Para C3, ele é uma força maior, para C2 é impossível explicar porque se trata de uma interpretação pessoal, depende da compreensão de mundo de cada um.

Deus é uma coisa que você pode pesquisar e tudo e você nunca vai chegar a uma conclusão do que é Deus porque cada um tem uma formação diferente. Para mim, no caso, ele permanece na gente porque sem Deus a gente não é nada. Deus não tem explicação, mas é um ser que nos fez e a gente, através do espírito santo, a gente vive.

Na mesma linha, C4 acredita que não depende só de uma concepção de mundo, a compreensão do que é Deus pode mudar ao longo da vida, com a chegada do amadurecimento: “Deus, para mim, já foi algo distante. No início, para mim, era inatingível, mas com o passar do tempo eu fui entendendo que Deus está mais próximo do que a gente imagina”. C8 concorda que este é um conceito que muda com o passar dos anos, mas foi o único que lembrou a definição de que os seres humanos foram feitos à imagem e semelhança de Deus.

Conforme você vai crescendo, você volta a essa questão, é mutável. Nós somos centelhas divinas, somos a imagem e semelhança, mas sem a perfeição, a gente reflete essa perfeição de Deus como se fosse ou um reflexo, ou uma fagulha. Eu acho que Deus... não é quem é, é o que é, é uma força universal que nos conecta. Já foi mais simples responder, hoje em dia eu acho que é uma pergunta muito complexa. Acredito que é onisciente, onipresente, que é atemporal, mas o que eu acredito mesmo é que é amor. Um amor que a gente não consegue nem entender. É a perfeição do amor. Tem uma passagem Bíblica que diz que hoje a gente vê através de um véu e que um dia a gente vai ver com perfeição. Eu acho que é por aí. Acho que entender o que é Deus é muito difícil, acho que é amor, um amor que a gente não consegue conceber.

Entre os muçulmanos, em todas as respostas Deus aparece como criador, aquele que nos criou ou aquele que criou todo o universo. Para M4, por exemplo, ele criou cada ser humano e determinou como seria a existência de cada um.

Deus é o criador de mim, de tudo, absolutamente. Ele sempre existiu, ele criou, inclusive, a existência. Ele quis criar a existência para ser conhecido por nós e criou tudo como um sistema lógico, com regras, com leis da natureza, que funcionam muito bem. [...] Ele enviou profetas para nos orientar e falar da existência dele. Ele é onisciente, onipresente, sabe de tudo e está em todo o lugar, é como o ar, a gente não enxerga, mas ele está em todo o lugar e dessa forma observa tudo. Também tem os anjos e tem outras criações diferentes de nós, os animais, as plantas etc.

Outro ponto comum a todas as respostas dadas pelos entrevistados muçulmanos é o Alcorão. Todos citaram o livro sagrado de forma genérica ou alguma

sura específica para lembrar as características de Deus. M3, por exemplo, citou o Alcorão para lembrar que Deus nunca gerou e nem foi gerado.

A gente aprende que Ele fez a criação, então todos são criaturas de Deus. Ele não é pai de todo mundo, inclusive no Alcorão diz que ele não teve relação – não diz assim com essas palavras, sou eu que estou dizendo – que ele não teve relação com uma mulher para ter todos esses filhos, todas essas crias, né?

M2 citou o Alcorão para lembrar a onisciência e onipresença divina:

Para mim, sobretudo, Deus está no coração de cada ser humano que crê Nele, ou mesmo que não creia, ele está ao redor, ele está em todo o lugar. Então esse Deus é um Deus clemente, que tem uma compaixão, uma certa misericórdia com toda a criação Dele, por isso Ele está em todo o lugar. Assim como o Alcorão fala em um versículo, Ele está convosco onde quer que estejam, Ele está em todo o lugar, em volta de nós, inclusive Ele sabe de cada respiração da gente.

Lembrando que o Islã é uma religião monoteísta, M5, M7 e M8 sentiram necessidade de destacar a unicidade divina e fizeram isso, também, a partir de citações do Alcorão.

Tem uma sura do Alcorão que eu me identifico muito, é a sura 12, a sura da unicidade. Ela fala assim: 'ele é *Allah*, o único, o eterno, o absoluto, jamais gerou nem foi gerado, ninguém é comparável a Ele'. No Islã, o primeiro critério pra ti te converter é prestar o testemunho, é a unicidade de Deus, acreditar que Deus é único, Ele não tem parceiros e não tem intermediários, quando tu buscas algo, tu buscas diretamente a Deus, sem intermediários, e isso é muito importante pra mim, poder ter esse contato via a oração que os muçulmanos fazem cinco vezes ao dia.

Todos os entrevistados muçulmanos também citaram o fato de Deus ter muitos nomes, três falaram, especificamente, nos 99 nomes divinos: M1, M7 e M8. Entre os nomes mais citados estão os ligados ao amor, à misericórdia, à proteção e ao perdão.

Deus tem 99 nomes e atributos. Todos os capítulos do Alcorão, por exemplo, começam dizendo que Deus é misericordioso e clemente. Quer dizer, Deus é tão grandioso que Ele nos mostra a misericórdia Dele em todos os capítulos, o misericordioso. E Ele disse que a misericórdia Dele está acima da ira, então é muito importante a gente lembrar isso: que a misericórdia de Deus está muito acima da ira de Deus. Em vários capítulos do Alcorão, Ele termina dizendo que Deus é o perdoador e misericordioso.

Além dos nomes, M1 também destacou a limitação humana que impossibilita uma total compreensão da divindade.

Deus tem 99 nomes que traduzem a perfeição, a magnitude de Deus. Então para mim Deus é tudo isso. Um dos nomes que eu gosto mais é amigo e protetor. Deus é todo amoroso. Às vezes a gente não pode compreender Deus porque a gente tem uma visão limitada, tridimensional. Então a gente não pode compreender direito o que Deus deseja, porque a gente não vê tudo, a gente só vê uma parte das coisas. [...] Deus criou o ser humano por amor, Ele ama o ser humano e concedeu a existência para que a gente possa voltar a viver com Ele, para isso a gente tem que ser puro, porque você não junta uma coisa pura com uma coisa impura. Então você está nessa vida para se purificar, para poder voltar para Ele.

Para falar sobre Deus, M6 buscou referências de quando era criança e explicou como esse conceito pode mudar ao longo da vida, com o passar dos anos e a chegada do amadurecimento.

Desde a minha infância eu tento entender... Enquanto eu era criança na minha mente infantil, eu achava que era como uma nuvem, alguma coisa assim, achava que era uma coisa maior, que estava lá em cima. Entendia que Deus é o poder que nos criou, como foi me ensinado, algo superior, em cima de mim. Depois, lendo as fontes religiosas, vi que não posso comprehendê-Lo, Ele é infinito e eu não tenho o poder de compreender o infinito, como diz o profeta, tento descobri-Lo pelas suas obras. Atualmente, tento sentir durante a prostração, o momento que estou mais próximo a Deus. Ele não tem uma forma, eu não tento criar uma forma para Ele na minha cabeça. O Alcorão diz que Ele tem uma luz muito forte, mas eu não tenho uma ideia disso na minha cabeça. É um poder invisível.

De acordo com M2, Deus pode se entristecer ao ver que algum ser humano, criado para adorá-Lo, está se desviando do caminho. Para M4, Ele pode castigar automaticamente quem desobedece às leis da natureza, seja muçulmano ou não.

No que diz respeito à adoração ou o reconhecimento das imagens como uma representação de algo sagrado, poucas surpresas. Os católicos se mostraram mais familiarizados com a figura e não tiveram qualquer hesitação em apontar um significado religioso. Ao contrário, os judeus, mais rigorosos quanto ao uso de imagens e do nome de Deus, não reconheceram a figura, ou, quando reconheceram não foram capazes de atribuir valor. Já os muçulmanos, apesar de todos terem reconhecido o nome divino, poucos fizeram uma análise mais profunda a partir da imagem, e quando fizeram, fizeram como uma tentativa de explicar à esta pesquisadora o que eles entendem por Deus e porque não cultuam imagens.

Quando olhamos para as respostas sobre as características de Deus, é interessante perceber que os entrevistados destacam as mesmas capacidades, ou

adjetivos divinos. Para os três ele é amoroso e misericordioso, onisciente e onipresente, uma inteligência superior, o criador de todo o universo. Interessante perceber a ausência de personificação, mesmo entre os católicos, que personificaram Jesus, porém, mesmo depois de apontar Deus como uma das pessoas da imagem, espontaneamente não lhe atribuíram forma humana. Judeus e muçulmanos se preocuparam em explicar que é impossível que a criação seja capaz de ver, perceber ou imaginar uma forma para a criatura.

3.2 AS FORMAS DE SE RELACIONAR COM DEUS

A relação com Deus pode se dar de diferentes formas, pela oração, pelas ações, por um intermediário, por uma conversa, pelos sonhos ou até mesmo pelo pensamento. Aqui a intenção foi entender que forma as pessoas se relacionam com Deus para compreender o quanto perto ou distante elas consideram que Ele está e o que fazem para chegar até Ele.

Para o J1, por exemplo, Deus é uma necessidade, uma força que socorre: “eu acredito em Deus, eu preciso acreditar em Deus porque é uma coisa que a gente recorre em tempos difíceis. É uma terapia, um apoio”, mesmo sentimento do J6: “tanto nas alegrias quanto nas tristezas eu corro a Ele”. Para J3, Deus está em todos os lugares, “eu vejo Deus em tudo, na minha profissão, nos meus filhos”. Entre os judeus, a forma de recorrer a Deus é direta, pouco burocrática, pode acontecer em qualquer lugar, em qualquer momento do dia. Todos os entrevistados ressaltaram que no Judaísmo não existem intermediários.

Eu converso com Ele no meu dia a dia, sem necessariamente ser na sinagoga ou numa reza. Se eu estou rezando, procuro conversar com Deus, mas muitas outras vezes eu converso com Deus em pensamento, pedindo coisas, agradecendo coisas. [...] eu falo com Deus à minha maneira, quer dizer, no Judaísmo você fala direto com Deus, sem intermediários, então, se você precisa falar com Deus não é via rabino, é direto.

As conversas nem sempre são amistosas, resultado e uma liberdade que J7 considera ter com Ele.

Eu brigo, reclamo, xingo... xingo não, né, mas... xingo às vezes também, seria mentira falar que não. Mas reclamo, falo, peço, imploro, suplico, o tempo inteiro. Eu falo com Ele sempre... não tem

intermediário, então, quando vou falar, falo com Deus diretamente. Os judeus não têm intermediários, nós falamos com Deus diretamente.

Os entrevistados comentaram a impossibilidade de fazer qualquer tipo de barganha com Deus, de propor trocas, quando pedem algo, não prometem sacrifícios ou coisas materiais em troca da realização das preces. J5 criticou esse tipo de relacionamento, ele acredita que Deus não pode ser como um supermercado aonde a pessoa vai quando precisa de saúde ou de dinheiro. Para ele, a relação entre Deus e o homem precisa se dar de outra forma.

Ele é um amigo, um pai, um filho e é também a forma como você se relaciona com você mesmo porque se você lembrar que você é parte de *HaShem*, que você é um sopro de vida, a forma como você se relaciona com você mesmo está muito próxima da forma como você se relaciona com *HaShem*, se você só se cobra, se você se castiga, ele vai te cobrar também.

J1 explica que quando oferece algo à Deus em troca de algum benefício, esse algo diz respeito a si mesmo: “às vezes eu falo ‘ah... se me acontecer isso eu prometo que de agora em diante eu vou ser assim, vou ser bonzinho, vou me modificar’, mas não é uma negociação com Deus, eu falo para mim mesmo”. Mesmo sem negociar, existe, entre os judeus, uma forte confiança de que Deus vai ajudar nos momentos difíceis. Segundo J6:

Sou muito próxima de *HaShem*, faço minhas orações na sexta, no sábado, que é o nosso dia sagrado e sempre lembro Dele tanto nas coisas boas, para agradecer, quanto para pedir. Eu tenho uma relação muito boa com a minha religião, então tento entender quando acontece alguma coisa ruim, e sempre espero modificações, porque vieram as coisas ruins, mas vai melhorar. A gente pede, mas às vezes pode ser atendido, às vezes não. De qualquer forma, *HaShem* é um apoio para enfrentar certas coisas que vêm na vida, é um apoio espiritual.

Confiança, inclusive, de que as “coisas ruins”, na verdade, não são tão ruins assim, podem se tratar de coisas boas que não são percebidas porque os humanos não conseguem ver todos os ângulos – ou todos os tempos – da questão. Como explica J7,

[...] se Deus é bom, por que existem coisas ruins? Se Deus, quer o meu bem, por que Ele me dá coisas ruins? Aí é o que eu falo, Deus nunca te deu coisa ruim, nem nunca vai te dar coisas ruins. O que Deus te deu é uma verdade não revelada, que depois, quando acontece a coisa, quando passa você descobre que ele te protegeu, é que naquela época você não entendeu.

Todos os entrevistados judeus disseram conversar com Deus à sua maneira e disseram acreditar na capacidade divina de enviar recados, ou sinais, que podem ser percebidos em sonhos ou em pensamentos. J5 explica como diferencia esses pensamentos:

Eu acho que é um pensamento completamente diferente daquele que eu tenho. Às vezes eu penso de uma determinada forma e *HaShem* me sussurra alguma coisa que é completamente diferente. Você não tinha pensado naquela forma de ver a coisa, então você sabe que aquilo não vem de você, vem de uma coisa diferente de você. Você conhece a sua lógica, os seus pensamentos, a sua maneira de pensar e julgar, às vezes Ele me convida a ver as coisas de um jeito diferente, me ver diferente.

Apesar de, diferente do Judaísmo, o Catolicismo contar com a presença de intermediários, nenhum entrevistado do grupo católico apontou a necessidade de ir até uma igreja ou recorrer a um religioso para conversar com Deus ou fazer qualquer tipo de pedido, nem mesmo para pedir perdão. Todos colocaram Deus muito próximo de si, seja ao lado ou dentro de si. No caso do C5, Deus continua sendo como uma pessoa, um amigo a quem recorrer.

Tem momentos que eu me sinto um pouco.... ai, 'estou pisando na bola', sabe? Meio que constrangida, um constrangimento de Deus porque tem momentos na vida que eu sinto que não estou oferecendo tudo o que poderia, sendo tão boa quanto poderia, ou fazendo tão bem para as pessoas quanto eu poderia. Eu penso em Deus como uma pessoa e o relacionamento com as pessoas tem essas alterações, né? Tem momentos que você está super bem com a pessoa, tem momentos que você: 'ai meu Deus, será que fulano tá brabo comigo?' A minha relação com Deus, ela é mais ou menos assim também.

Para C2, a conversa não acontece com Deus Pais, mas com Jesus Cristo: "eu sou muito apegada ao filho Dele, que é Jesus. Tudo o que eu peço a Ele, eu consigo, tudo eu alcanço pela fé que eu tenho no Sagrado Coração de Jesus". Todos os outros entrevistados do grupo católico disseram conversar com Deus à sua maneira, de forma simples e direta, em diferentes momentos do dia, sem diferenciar Deus Pai ou Deus Filho. Segundo C4, C6 e C8:

A forma de se relacionar com Deus é com a oração, mas não somente aquela oração que você se ajoelha e faz uma prece. É no dia a dia, através da minha fala, através dos meus erros, pedindo perdão, perdoando os outros, a vivência é uma relação com Deus.

Ao levantar eu agradeço, faço as minhas orações, durante o dia eu também faço. Então é sempre envolvendo o agradecer e o pedir. E é tudo no coração, vai daquilo que eu estou precisando naquele

momento. Se eu preciso agradecer, eu agradeço com força, coloco força nos meus sentimentos, na minha oração. Não é só falar, e às vezes a oração não é nem falada, é só sentida, pensada, é falar mentalmente com Deus.

Eu converso bastante com Ele e cada vez de forma mais simples. Todo dia antes de dormir eu converso, mas sem ficar falando palavras elaboradas, agradeço pelo meu dia. A única coisa que eu peço é para Ele cuidar das minhas filhas. É uma conversa bem simples, assim, eu não tenho uma relação muito distante com ele, não. Eu converso todos os dias, bem tranquilamente, e várias vezes durante o dia, não tem um diálogo elaborado. Eu acho que tem resposta, não consigo escutar, mas é uma conversa.

Três entrevistados católicos disseram que costumam pedir que Deus mande algum tipo de sinal, embora um deles, C8, admitiu que deixou de pedir sinais depois de ter filhos, sua única preocupação agora é que Deus cuide bem das crianças. Os outros dois acreditam que são capazes de perceber esses sinais. Para C5, por exemplo, Deus pode enviar uma dica ou um conselho por meio de pessoas ou de situações. C7 acredita que quanto mais próxima a pessoa está de Deus, mais facilmente vai perceber essas manifestações.

Eu acho que você ser sensível a esses sinais, tem muito a ver com a proximidade que você tem com Deus. Por exemplo, se você tem um amigo, se você conta tudo para ele, se ele te conta tudo, nos menores traços você já percebe o que o amigo quer dizer. Com Deus eu procuro buscar essa intimidade para que eu tenha condições de interpretar os sinais.

Entre os muçulmanos, todos os entrevistados falam que conversam com Deus durante a oração. Embora M1 tenha discordado que se trata, exatamente, de uma conversa.

Na verdade, a gente não fala com Deus, a gente faz súplicas, você suplica pra Deus e Ele, de acordo com a vontade Dele, te concede ou não. Deus nunca vai te conceder alguma coisa que te prejudica. Então você fala assim, ‘ah Deus não me ouviu’. Ele ouviu, mas Ele não vai dar pra você uma coisa que vai te fazer mal. E Deus, tudo bem, vamos dizer que ele conversa com as pessoas, mas é através de inspiração, de sonho, mas é só pra dar uns toques. Isso não é sempre não, você sabe quando que é, você sente que aquilo foi um toque que você recebeu. Mas ninguém fala com Deus, entendeu? A gente só suplica porque a gente é muito impuro, a gente tem muita coisa pra resolver antes de conseguir falar com Deus.

Para M4, a oração pode ser como uma conversa, mas a resposta é dada de outras formas, não com palavras.

Nas minhas orações, como todos os muçulmanos, o meu direcionamento é diretamente para Deus. Eu, na minha oração, quando levanto a minha mão e faço esse simbolismo, eu jogo tudo para trás e me direciono diretamente a Ele, como um servo Dele, um escravo Dele, como um criado Dele. Aquele momento é como uma conversa para mim, mas não é como as pessoas pensam, Ele não me responde com palavras, Ele responde de outras formas. Você faz a reza e depois você levanta as mãos e faz os pedidos, você fala com Deus nesse momento, pedindo perdão pelos erros, pedindo saúde etc. Você faz a súplica já falando com Deus e sabendo, tendo a certeza, que Deus está ouvindo você. Se você não tiver essa fé, não adianta fazer. Por isso Deus não me responde: 'tá bom, vou fazer'. Assim ele falou com os profetas. Comigo ele responde de outras formas, às vezes Ele aceita o que eu estou pedindo, às vezes Ele não dá, me avisando que não era para eu ter aquilo. Então eu tenho que interpretar como Deus está me ouvindo, como Deus está respondendo na minha vida.

M5 disse que depois que se converteu começou a sentir a presença de Deus todo o tempo, mas principalmente durante a oração, um momento que ela considera de conexão direta com Deus. M2, M7 e M8 também afirmaram que se ligam a Deus todos os dias durante as orações. Apesar de obedecer aos cinco horários diários de oração M2 acredita que esses encontros podem acontecer mais vezes ao dia.

Todo o dia, nos horários de oração, eu me encontro com Ele lendo a palavra Dele, recitando a palavra Dele, o Alcorão. E eu sei que Ele me responde mesmo não sendo de uma forma verbal, de uma forma física, mas ele sempre me responde, responde as minhas necessidades, responde aos meus pedidos, ou me dando o que eu peço, ou as vezes dando uma coisa melhor do que eu peço. Então eu converso com Ele pelo menos cinco vezes ao dia. Às vezes, se eu leio o Alcorão fora do período de oração, então é mais vezes ainda, e Ele me responde sempre de diferentes formas.

M6 acredita que o contato com Deus depende da espiritualidade de cada um, mas destaca que o principal meio para se chegar a Deus é o Alcorão.

Nós temos o Alcorão, acho que Ele conversa comigo lá, é a primeira conversa Dele comigo, pelos versículos. A segunda é a reza, tem muitas súplicas em árabe, não são obrigatórias, você pode fazer ou não. Eu nem sempre faço, às vezes eu só ergo as minhas mãos e faço meus pedidos. Então eu falo com ele e peço o que peço. Em qualquer situação eu peço para ele. Por exemplo, escolhendo uma melancia: 'que *Allah* nos dê uma melancia boa'. Quando eu quis me casar, pedi para ele me ajudar a encontrar uma boa mulher.

Sobre a possibilidade de Deus enviar algum tipo de resposta ou sinal, todos os muçulmanos entrevistados disseram acreditar que isso é possível, principalmente durante os sonhos ou pensamentos. Segundo M3 e M6:

Ele manda sinais. Às vezes eu fico brava com Ele: ‘ah você não mandou sinal’. Aí ele manda o sinal e eu digo: ‘desculpa, Deus’. Mas o sinal é uma coisa que você não vê, é subjetiva. Eu rezo, eu oro, eu converso com Ele e Ele me responde por um sinal, Ele sempre fala de alguma forma com o fiel que acredita.

São momentos que você sente... Depende da espiritualidade de cada um. Por exemplo, ontem bati minha cabeça aqui no escritório. Pensei: o que eu fiz de errado? São pequenas evidências que acontecem para que eu possa entender o que Ele quer. E também nas orações, às vezes, durante a oração vem uma coisa na cabeça. Outra coisa são os sonhos, às vezes acontece que eu sonho com algum sinal que ajuda a resolver alguma coisa.

Os entrevistados também foram questionados sobre se além de mandar sinais, Deus é capaz de interferir em determinadas situações. Não apenas indicar como resolver um problema, mas se ele pode interferir diretamente, mudar o rumo de um acontecimento.

Entre os judeus, sete consideraram que Deus pode ajudar, dar uma força ou influenciar, mas não determina o que vai acontecer em cada situação. J1 acredita que Deus ajuda, mas não interfere: “eu acho que Ele sozinho não vai me ajudar, eu dependo das minhas forças, das minhas capacidades, mas Ele é uma energia adicional que vai junto”. J4 considera que tudo depende do merecimento de cada um: “eu tenho muita fé que se a gente praticar bons atos, Deus recompensa com saúde, com sustento e com a família unida, bacana, filhos no bom caminho”.

A exceção foi J3, que acredita que Deus pode interferir em algum acontecimento para que tudo ocorra à sua maneira. Ele acredita que foi Deus que o fez ficar doente e ser obrigado a cancelar uma viagem de trabalho a Manaus em 2006. O voo de volta, voo Gol 1907, caiu no meio do caminho entre o Amazonas e o estado de São Paulo, todas as pessoas a bordo morreram, “então ali eu vi, Deus me salvou”.

Entre os católicos, dois usaram a expressão livre-arbítrio para determinar até onde pode ir a interferência divina. Para o C8, Deus tem o poder de interferir diretamente nos acontecimentos, mas não o faz por conta do livre-arbítrio. C6 acredita que Deus pode mostrar um caminho, mas não determina como cada um deve proceder: “Deus não interfere na minha vida, ele dá o livre-arbítrio para mim”. Os outros entrevistados, embora não tenham usado a expressão, deram respostas que vão no mesmo sentido, Deus pode mudar acontecimentos, mas a decisão final é de cada um. Segundo C1, C4 e C5:

Deus não decide por mim, Ele dá para mim a decisão. Se Deus decidisse para todo mundo, não seria a humanidade, a gente não estaria aqui batendo cabeça. Eu acho que não, acho que você decide por você sempre, senão não teria o mal. Ele pode ajudar, dar um reforço, uma mãozinha, mas você tem que fazer a sua parte, não é mágico.

Eu acho que a interferência de Deus é o que eu permito, porque Ele me dá liberdade de escolher isso. Por mais que Ele me mande um sinal eu tenho a liberdade de executar ou não. Quando eu aceito, eu aceito a interferência divina, quando eu não faço, Deus respeita essa liberdade.

Eu acredito que Ele tem o poder de resolver e tem o poder de me mostrar qual é melhor caminho que eu tenho para escolher, mas não acredito que Ele interfere nas minhas decisões. Eu acredito que eu faço as minhas escolhas, mas no momento em que eu peço pra Ele sabedoria, que eu peço discernimento, que eu peço para Ele me mostrar o que é melhor, eu acredito que Ele abre algumas portas pra que eu esteja mais sensível pra isso.

A relação entre predestinação e livre arbítrio é muito debatida no Islã. Todos os entrevistados explicaram da sua forma como essa relação acontece na vida de cada um. M2 disse que Deus deu uma parte da vida para cada pessoa definir ou optar o que seria melhor. M3 disse que quando uma pessoa toma uma decisão, se transforma em dona da decisão e tem que arcar com as consequências. M5 afirmou que o destino final de cada um já foi escolhido, mas acredita que cada ser humano tem o poder de fazer algumas escolhas. Para M7, Deus definiu o destino de cada um porque conhece cada criatura e já sabe, previamente, quais são as escolhas feitas ao longo da vida.

É como uma professora que entra na sala de aula e sabe que aquele aluno vai passar e que aquele outro não vai passar, porque ela tem sabedoria sobre isso, ela entende dessas coisas, ela viu como eram esses alunos. Então, ela podia definir o destino deles? Não. Mas ela tinha sabedoria daquilo. Essa é a sabedoria do criador. Ele sabe toda a matéria que tem dentro de nós, os nossos sentimentos, Ele sabe de tudo. Então, com a sua sabedoria, Ele sabe o que vai acontecer no futuro, então ele decretou, ele escreveu todo o futuro. O destino é uma questão de sabedoria.

M4 explicou a questão mais detalhadamente:

Muito antes de eu nascer, Deus já criou o meu destino, já está escrito. Nós temos o livro de cada um, anualmente, inclusive, nós temos uma data durante o Ramadã em que o livro é atualizado, é escrito de novo por mais um ano. Nós rezamos muito naquela noite para que tenhamos um ano melhor. Portanto, sim, nós temos um destino determinado por Deus que nós não temos como alterar. Por exemplo, eu não escolhi nascer da minha mãe, foi Deus que escolheu, eu não tinha como alterar a família que eu nasci, o lugar que eu nasci. Eu não

escolhi ter essa cor de pele, esse formato de rosto. O sobrepeso eu escolhi [risos], mas você pode pensar milhões de coisas que nós não temos como escolher, simplesmente estão acontecendo e estão fora do nosso controle. Isso faz parte do destino, ou do decreto divino. Mas também tem o livre-arbítrio, aquele poder que nós temos como ser humano, a razão, que faz com que a gente possa decidir. Esse poder que Deus deu para nós, por causa dele nós temos responsabilidade pelo que fazemos, por isso nós seremos julgados. Se nós não tivéssemos livre-arbítrio, não poderíamos ser julgados, como uma criança de 5 anos, ela vai direto para o paraíso, não vai ser julgada.

Para M4, Deus pode agir na vida de qualquer ser humano, de qualquer religião, inclusive na vida daqueles que não acreditam em Deus. M4 acredita, inclusive, que Deus pode ajudar até mesmo aquelas pessoas que O ignoram, mas que fazem bondades ou fazem coisas boas.

Outra questão diz respeito ao poder de Deus de decidir o que acontece com cada indivíduo após a morte. Todos os entrevistados, das três religiões, disseram acreditar no livre-arbítrio ou na responsabilidade sobre as próprias decisões. A diferença está na forma como o acerto de contas acontece. Para os judeus, não existe pecados que levem direto para o inferno, até porque o inferno também não existe. Porém, os entrevistados disseram que os seres humanos podem cometer erros e Deus pode perdoar apenas os erros cometidos contra Ele. Segundo J4 e J7:

Deus pode perdoar diretamente aqueles erros que você tem com Ele, se você não cumpriu o *shabat*, enfim, você tem que se entender com Deus. Agora, se eu fiz algum mal para a Gabriela, não adianta eu pedir perdão pra Deus, eu tenho que me entender com a Gabriela, quer dizer, os erros que eu fiz contra os humanos, eu tenho que me entender com os humanos, não com Deus.

Nós não temos pecado, não existe a palavra pecado no Judaísmo, você faz ou não faz, é o seu livre-arbítrio, mas não existe pecado no judaísmo. O pecado veio com Jesus Cristo e os muçulmanos, eles que dizem que você vai arder no mármore do inferno, nós não temos mármore do inferno. [...] Cada um sabe o que está fazendo de errado. Se eu não vou numa festa na sinagoga, eu sei que eu estou pecando, mas não é pecado, é errado. Eu não estou indo num caminho que eu tenho que ir, mas eu arco com isso, é a minha responsabilidade. Eu vou conversar com Ele quando eu estiver lá em cima. É como a gente fala, quando eu chegar lá em cima, eu vou conversar com o Homem e ele não vai me falar vai para o inferno, isso não existe. Ele vai me dar uma coisa melhor ou uma coisa pior.

Com um conceito diferente de salvação, já que para os judeus, se o inferno não existe ninguém precisa ser salvo dele, os entrevistados concordaram que Deus pode

dar coisas boas para pessoas de qualquer religião, desde que tenham um histórico de boas ações, para J2 isso inclui cumprir os mandamentos.

Tem que seguir os sete, principalmente os sete *mitsvot*. É assim: não matarás, obedecerás teu pai e tua mãe, não roubarás, não cobiçarás as coisas dos outros, que é inveja... Quer dizer, seja uma pessoa boa dentro do conceito de não fazer mal para os outros, viva tua vida e não faça mal para os outros e faça o bem, a caridade. Uma pessoa boa é a que faz essas coisas e normalmente isso acontece na maioria das outras religiões, eles seguem essas coisas, o que a gente chama de coisa boa, como a gente diz, "essa pessoa é do bem".

Entre os cristãos entrevistados, o pecado não aparece como um passaporte irrevogável para o inferno. Todos os entrevistados disseram que Deus pode decidir salvar até mesmo o maior de todos os pecadores, desde que haja arrependimento e fé em Deus. Para C7, "todo mundo pode ser salvo, até o que mais cometeu crimes na sociedade, até a pessoa mais santa possível, os dois podem ser salvos na mesma proporção, o que precisa é acreditar em Deus". C5 foi o único cristão que citou o batismo, embora sem convicção de que este seja um pré-requisito para a salvação.

Na Igreja Católica tem uma premissa que diz que é necessário o batismo para ser salvo, né? Eu... enfim.... não é que eu seja contra o que a igreja ensina, não é isso. É que eu acho que Deus é tão infinito, tão grande, que eu não sei se cabe reduzir a isso, sabe? Acho que talvez pode ter milhões de pessoas no mundo que não receberam o sacramento, mas que são dignas, né, são boas, tem o coração puro. Eu não me sinto confortável em fazer uma afirmação assim, de falar 'ah só quem é católico batizado que vai ser salvo', eu não me sinto confortável com isso.

Os outros entrevistados condicionaram a salvação às boas ações, aos bons sentimentos e à fé em Deus. Segundo C2 e C1:

Todos nós podemos ser salvos, todos nós podemos ser santos, mas só a partir do momento em que a gente fizer um pouquinho das coisas que Deus gosta. De ajudar o próximo, de ajudar com uma palavra, uma caridade, assim, não precisa de muita coisa, são pequenos gestos e podemos alcançar essa santidade.

Eu acho que a gente está em uma aula, e a gente erra sempre, essa é a condição humana, você vai errar. Vai para o céu quem tiver humildade de entender isso e pedir perdão. Deus perdoa, Ele perdoa qualquer um, Ele não julgou ninguém, naquele momento em que Jesus esteve na Terra, Ele não julgou ninguém.

Quando questionados sobre a possibilidade de pessoas de outras religiões também serem salvas, todos os cristãos entrevistados admitiram a possibilidade de isso acontecer. Para C8, ser cristão ou não, não altera a chance de salvação: "muito

ateu pode ter essa salvação e muito cristão pode não ter. Até quem é de religiões não cristãs, também podem ter, com certeza". Para C2 e C4, a condição é a fé em Deus, independentemente de qualquer religião.

Salvação não é um presente que você ganha e leva para casa, a salvação é o próprio Deus. Então quem não está em Deus, em tese, não teria salvação, mas eu também acredito na misericórdia de Deus. Então não é um conceito que eu digo e está pronto, eu acho que tem muitas variáveis. A salvação é o próprio Deus, que é detentor da misericórdia e pode alcançar tantos outros que não estão ali [na Igreja Católica]. Pensando em religião pelo sentido da palavra é uma ligação com Deus, então nas outras religiões eles também estão com Deus, eu não posso pensar em uma religião que aparta de Deus, isso não é religião. Então toda religião que traz a pessoa para Deus, que visa a salvação, eu acredito que sim.

É só Deus para julgar, a gente não pode julgar ninguém e eu acho que todos nós podemos, um dia, estar do lado de Deus. Porque a religião, ela vem, cada um nasce com uma crença, é uma escolha e Deus está presente em todos os lugares. Às vezes, por eu ser católica, digo 'ah aquela outra religião não pode, não vai um dia alcançar um perdão', isso está errado, só Deus para julgar, porque o importante é a sua fé, entendeu? E independente de religião e de tudo, Deus está presente.

Entre os muçulmanos, todos os entrevistados citaram a importância da combinação entre a fé em Deus e a prática de boas ações para que uma pessoa possa entrar no paraíso. Ainda assim, até mesmo os homens de muita fé, antes de entrar no paraíso, precisam passar por um julgamento. M6 explicou como acredita que o julgamento acontece:

Eu como muçulmano, como eu entraria no paraíso? Eu tenho fé em Deus, considero Ele como criador e adoro Ele e apenas Ele. Cumpro as ordens Dele pra não fazer coisas erradas, não roubar, não adulterar, não fazer coisas ilícitas. Sempre tento seguir uma vida digna, na linha que Ele nos orienta, com ganhos e sustentos lícitos, com uma família bem formada, com todas as minhas responsabilidades. E faço as orações e peço para que ele continue me orientando. Mesmo assim, eu vou ter como ser humano muito erros. Tenho muitas falhas, não sou um profeta, não vivi uma vida 100% na linha, então, por isso, para todos e para mim também, vai ter o julgamento. No julgamento vai ter como se fosse uma balança, uma para cada um e cada um vai ser julgado pelas suas crenças e pelas suas ações. As bondades do lado direito da balança, as maldades, erros, pecados, na esquerda, e esse julgamento define o caminho para o paraíso ou o inferno.

Para M7, a fé em Deus, automaticamente, leva à fé na misericórdia divina, que pode perdoar todos os erros e todos os pecados.

Nosso responder ao chamado Dele é o que vai dos salvar, fazendo tudo o que Ele ordena e deixando tudo o que Ele proíbe. Mas nós somos pecadores e quando a gente peca o que a gente faz? A gente tem a escolha de pedir perdão ou não. Mas a gente não pode esquecer que Ele é o perdoador, então, lembrando disso, quando a gente comete algum pecado, a gente pode ter a salvação. O melhor pecador é aquele que pede perdão.

Sobre as outras religiões, todos os entrevistados muçulmanos concordaram que qualquer pessoa pode ir para o paraíso, desde que tenha feito boas ações, tudo depende do julgamento de Deus. Para M8, toda a criatura é de Deus, por isso toda a criatura pode entrar no paraíso, “você só não é de Deus quando você simplesmente diz: ‘não quero fazer parte disso, não quero acreditar nisso’. Mesmo assim Deus perdoa”. Para M1, M2 e M4 as ações são mais importantes do que a religião a qual a pessoa pertence, desde que ela tenha fé.

No Alcorão está escrito que qualquer pessoa que for boa, for justa, e for digna, vai habitar o paraíso e nisso nenhum cristão, nenhum judeu, nenhuma pessoa religiosa vai ser entristecer, entendeu? Porque vai habitar o paraíso aquele que é puro, aquele que faz a vontade de Deus. Então não existe uma diferença religiosa, mas existe uma diferença de caráter, a diferença na ética, no ser, tem que ser uma pessoa boa para habitar com os bons. Se Você for ruim, você não tem condição. Se você for uma pessoa que não tem misericórdia de ninguém, uma pessoa fria, desonesta, o que você vai fazer lá? Não vai para lá.

Eu acredito que aquele que tem Deus no coração, aquele que crê em Deus, aceita o Deus como uma única divindade, como criador, vai ser salvo, mesmo que a fé seja pouquinha. Isso vai depender do que Deus vai decidir no final das contas. Ele está vendo e lendo tudo o que passa nos corações, nas mentes, ele sabe todas as intenções. Não adianta fazer uma coisa boa, praticar uma boa ação, tendo uma intenção egoísta, uma atenção narcisista, e esperar a salvação. Ele vai, com certeza, com a sua justiça, com a misericórdia, vai julgar essas ações e aí ir para o paraíso ou para o inferno vai depender do que Ele vai julgar.

A principal chave do paraíso, o que diz o Alcorão, o que Deus diz, é fé Nele, acreditar que Deus existe. Não precisa dizer, necessariamente, *Allah*, não precisa dizer Deus, ou God, ou Dio, mas precisa acreditar. Quando eu digo que ter fé é pré-requisito para entrar no paraíso, não estou julgando que todo mundo que não acredita em Deus vai para o inferno, isso não cabe a mim, isso é totalmente uma questão individual. O que o Alcorão diz é dessa forma, mas a interpretação disso é totalmente individual.

M3 Acredita que todos são criaturas de Deus e por isso todas as pessoas devem ser salvas, independente da religião à qual pertençam: “esta é uma questão

pessoal, o que importa é que a pessoa tenha andado no caminho certo, tenha ajudado e tenha feito caridade, independente da sua fé".

O Deus monoteísta é um Deus que está perto dos fiéis em qualquer uma das três religiões estudadas. Ele pode ouvir as súplicas humanas e pode responder por meio de sinais que podem se manifestar em sonhos, pensamentos, na natureza ou com a ajuda de outras pessoas. Este também é um Deus que tem o poder de interferir diretamente nos acontecimentos, embora prefira não fazer isso para permitir que os homens exerçam o livre-arbítrio, afinal, é pelas próprias escolhas que vão ser julgados do Dia do Juízo. A liberdade que Deus dá ao homem para decidir aparece, inclusive, entre os judeus, embora não exista um julgamento ou o sofrimento eterno, as boas escolhas são fundamentais para se conseguir uma recompensa melhor depois do fim da vida humana.

Todos os entrevistados concordaram que a salvação pode ser dada a pessoas de qualquer religião, mas todos também condicionaram isso às boas obras e, em maior ou menor grau, à fé no Deus único.

3.3 UM DEUS PARA AS TRÊS RELIGIÕES UM DEUS PARA CADA RELIGIÃO?

Quando perguntados se acreditam no Deus de Abraão, os 24 entrevistados responderam que sim, mas quando questionados se acreditam que rezam para o mesmo Deus das outras religiões monoteístas, as opiniões se dividiram.

Entre os judeus, todos reforçaram a questão do monoteísmo, disseram que acreditam na existência de apenas um Deus, portanto todas as religiões rezam para este Deus. Mas consideraram que as outras religiões possuem algumas diferenças quanto às interpretações da divindade. O J5 acredita que cada um tem a sua forma de compreender Deus, no entanto, os preceitos básicos são os mesmos e por isso não acredita que seja possível dizer que são de deuses diferentes.

Aí é a singularidade da sua relação. Eu acho que falar assim: muçulmanos acreditam em Deus na mesma forma? Não porque eu não acredito que existe uma homogeneidade em como os muçulmanos acreditam em Deus entre si, se você pegar o xiita, se você pegar o sunita, é um pouco difícil acreditar que os dois têm a mesma forma. Se você pensar na religião cristã aí é mais diversificado ainda, você tem o Catolicismo, tem a reforma luterana, a reforma

calvinista, tem o movimento neopentecostal... E dentro de cada movimento, a forma com que cada um vê Deus, ela é diferente. Agora, se você falar assim: os preceitos básicos com que eles veem são semelhantes entre si? Eu vou falar o seguinte: são, na medida que eles permitem que você se aproxime de Deus de múltiplas formas. Não existe uma religião mais errada do que a outra ou mais certa do que a outra. Em cada religião você vai perceber que os atributos divinos estão lá, logicamente cada uma adequa o seu próprio credo ao que melhor se enquadra a si. Mas não dá para cair na asneira de falar que é um Deus diferente, eu acho que não, acho que logicamente cada um tem a sua alegoria, sua forma de ver diferente.

Para o J1, a entidade é a mesma, porém “com diferentes roupas e histórias que foram criadas”. O J4 e o J3 não souberam falar sobre os muçulmanos, mas fizeram algumas considerações sobre semelhanças e diferenças com os católicos.

Eu acho que rezam para o mesmo Deus, sim, a gente tem a questão da diferença que no Judaísmo a gente está esperando o messias, no Cristianismo o messias já veio, mas as duas religiões se originam do judaísmo.

Eu hoje tenho certeza de que é igual. Para mim, Deus é um, é o pai de todos. Para mim, literalmente, entre o católico e o judaísmo, a diferença são os santos, que para mim são os profetas. Não consigo entender e nem aceitar essa diferença do Deus. Agora, se Ele tem uma diferença, um corpo físico, se Ele tem uma referência material, eu acredito que é irrelevante, acho que o sentimento tem que ser muito mais forte.

J7 acredita que é o mesmo Deus, mas cada religião reza para um intermediário diferente, assim como J6, que acredita que as três religiões derivam da primeira, o Judaísmo.

Cada religião leva a Deus, mas o Deus é único. Único para todas as religiões, e não é a minha é melhor, a outra não é melhor, não é isso. É único, mas tem as denominações e o jeito de você se expressar para Ele. São vertentes, na verdade, porque o Judaísmo foi a primeira religião monoteísta, variações, tanto que Jesus era judeu.

Entre os católicos, as respostas não foram tão homogêneas. Quatro entrevistados, C2, C5, C3 e C8, responderam que acreditam que as três religiões monoteístas rezam para o mesmo Deus. C2 e C5 acreditam que existe, apenas, uma diferença de interpretação. Para C2, “só muda o título, mas Deus é um só. Deus ele se divide, em cada religião existe um Deus, cada um fala de um nome, mas Deus é um só”. Para C5, “ao longo da história as pessoas se apegaram a revelações diferentes, igual, nós somos cristãos por causa de Jesus Cristo, né? Mas acho que além disso tudo, existe um único Deus, e eu acredito que seja o mesmo sim”. A

resposta dada pelo C8 vai na mesma direção: “é o mesmo, mas acho que é inconsciente. Talvez Deus se faça diferente para que todos possam ter acesso a ele, mas acho que é uma coisa só”. C3 foi além das religiões monoteístas e considerou que outras religiões também, no fundo, rezam para o mesmo Deus de Abraão:

Cada um tem um Deus, né? Mas no final é o mesmo, só que as pessoas não entenderam isso ainda. Acho que no final, de uma religião para a outra, só muda o nome, mas para mim Deus é um só. No Japão é o Buda, na Índia tem vários templos lá, Deus Rato, Deus Vaca, mas no fim é um só Deus.

C4 acredita que os judeus rezam, sim, para o mesmo Deus, mas não soube responder sobre os muçulmanos, preferiu não opinar. C7 também concordou que os judeus rezam para o mesmo Deus, mas ficou em dúvida sobre os muçulmanos.

Os muçulmanos, lá no princípio, lá na raiz, talvez eles rezem para o mesmo Deus. Acho que o que faz eles tomarem um caminho diferente é quando eles colocam não mais o evangelho, não mais a criação como a razão da vida deles. A razão da vida deles agora é a religião, a religião está acima de Deus. Quando eles começam a colocar a religião acima de Deus, como qualquer outra coisa que a gente começa a colocar acima de Deus, começa a dar errado, a gente vai partir para um extremismo.

Quando questionado sobre ser ou não o mesmo Deus, C1 respondeu que é “absolutamente” o mesmo. Ao analisar o Judaísmo e o Islã separadamente, ele apontou características que considera que separam as três religiões monoteístas.

Eu acho que o Maomé, acho que ele errou, mas foi um erro humano. Acho que Maomé era para ser um profeta de Jesus, de Deus. Tanto que no Corão, Jesus é um profeta, ele não falou que Jesus não existiu, mas *Allah* que é o cara. E teve toda a coisa militarista também. Eu acho que o Deus é o mesmo porque só tem um Deus, mas se você achar que você tem que matar pelo seu Deus e expandir, como foi com o Islã, rapidamente... Foi no ano 500 que surgiu, no ano 800 eles estavam entrando na Espanha e queimando Portugal e Espanha. Então, o Islã é expansionista por natureza. E o Islã tem uma coisa que ele é toda uma... teo tudo, teocracia, teologia, teo tudo, então, ele é um código moral, um código civil também, e isso é complicadíssimo, né? Você vive uma teocracia, enquanto Jesus falou ‘dai a César o que é de César e dai a Deus o que é de Deus’. Uma civilização cristã é muito mais liberal no sentido que se fala hoje do que uma islâmica. E o Judaísmo, na verdade, é o mesmo Deus, eles simplesmente não aceitaram aquele messias porque achavam que ia libertar eles do jugo romano. E também por soberba, né, ‘eu sou o povo escolhido, quem é esse carpinteiro aí?’.

C1 também comentou sobre o fato de os muçulmanos não entenderem a Santíssima Trindade como a união de três pessoas em um único Deus, que, para ele, tem como principal mandamento o amor ao próximo.

Allah é o nome que eles dão para o mesmo Deus, só que eles não veem essa unidade. Se você vai ver no Cristianismo, é amor ao próximo, esse é o mandamento, se você fizer isso, você é absolutamente cristão, católico, né. E eu acho que essa é a igreja de Cristo, de Deus.

Entre os oito católicos entrevistados, apenas um, o C6, discordou. Ele respondeu que judeus e muçulmanos deveriam rezar para o mesmo Deus, mas não é o que acontece.

Porque assim... Eu acredito naquela história, que Ele nasceu no Egito, num cestinho de palha, que Maria foi concebida sem pecado original, que veio o anjo Gabriel... essa história não são todos que acreditam, né? Então vai da força de cada um. [...] Os judeus, eu acho que não rezam para o mesmo Deus porque eles têm uma outra visão, diferente da nossa, né? Eles até acreditavam em Cristo, tudo, mas eles ainda estão esperando a vinda de Cristo, ficou muito perturbador perto da nossa. A nossa já teve Cristo, agora nós temos que estar sempre presente em relação a Deus para poder estar em paz. O judeu não, ele ainda está esperando a vinda de Cristo, tanto é que Natal, essas coisas, são datas diferentes. Os muçulmanos, acho que é diferente também. Talvez um dia eu venha descobrir, aqui ou na eternidade, que é o mesmo Deus e que cada religião reza de um jeito diferente, mas a maneira como eles fazem as orações, o sacrifício que eles fazem... O muçulmano faz muito sacrifício, né? Se poupa de muita coisa, isola muito a mulher, né? Então eu acho que são diferentes. O meu Deus não queria isso, sabe?

Entre os muçulmanos, todos responderam que rezam para o mesmo Deus de judeus e cristãos e disseram que isso é que ensina o Alcorão. Para M1:

Só existe um Deus, o Deus de Abraão, de Moisés, de Noé, de Jesus, é o mesmo Deus. Não existem duas verdades, só existe uma verdade, então se Deus falou uma verdade para um, é a mesma verdade para todos, não existe diferença. Se existe, no Alcorão a referência sobre Virgem Maria, sobre o nascimento de Jesus, então nós acreditamos na mesma coisa que eles acreditam, nós também acreditamos em Jesus. Se nós acreditamos no profeta Abraão e em tudo o que ele diz, então nós também somos de uma religião semita, abraâmica, assim como os judeus e como todos os outros. Está escrito na religião que Deus mandou milhares de profetas para o mundo para que eles falassem exatamente isso, para as pessoas serem amorosas, para serem éticas, pra serem justas, honestas. Qualquer pessoa que tenha esse princípio, que caminhe nesse sentido, está com Deus, não importa o caminho, importa a luz.

M5 acredita que não só as três religiões monoteístas, mas também as politeístas, que para ele sempre têm em Deus central, também acreditam em *Allah*. M2 respondeu que encontra o mesmo Deus dos textos muçulmanos nos textos cristãos e judeus e também acredita que esse Deus está nas outras religiões além das três:

Quando eu leio textos bíblicos, textos do Judaísmo ou do Cristianismo, eu não vejo muita diferença em termos fundamentais do Deus deles para o meu Deus. Então é o mesmo, eu acredito que é o mesmo. A doutrina da minha religião, na verdade, ensina isso, mas eu também tenho essa fé. Inclusive não só das religiões monoteístas, eu acredito nas outras religiões também tem uma base deste mesmo Deus.

Os textos e os profetas anteriores ao Islã também são uma referência para M7:

Nós acreditamos no Velho Testamento, nas escrituras que foram enviadas para Abraão, Moisés, todos os profetas e mensageiros do Judaísmo e do Cristianismo. Os judeus acreditam no profeta Abraão até o profeta Moisés, mas não acreditam no profeta Jesus, estão esperando ainda. Os cristãos acreditam em Abraão, Moisés e Jesus. Os muçulmanos acreditam em Abraão e também todos os profetas que vieram antes, como Adão, Esaú, Jacó, também acreditamos em Moisés, Jesus, no profeta Mohammad. Não tem diferença. A diferença é que no meio do caminho o homem mudou as escrituras sagradas e assim mudou as ordens de Deus, a diferença é essa, a diferença não é Deus.

M4 e M6 apontaram a Trindade como uma diferença. Para M6, é uma questão de interpretação que não muda o fato de cristãos e muçulmanos rezarem para o mesmo Deus. Já M4, teve uma maior dificuldade de explicar, ou compreender, essa relação:

Deus é o mesmo, por isso a gente chama religiões monoteístas, abraâmica. Porém, no Cristianismo tem um outro entendimento, talvez pelo uso de palavras meio errôneas, que dá ideia de que é outro Deus, como se Jesus também fosse Deus. Porque quando tem divindade, divindade significa ter um divino só, tem um Deus só como divino. Em alguns casos, dependendo de como os cristãos falam, dá para ter um entendimento de que eles não têm um Deus só, têm três deuses. Chama Trindade, né? O Espírito Santo, Jesus como filho de Deus e o próprio Deus. Eu acho que isso acontece, muitas vezes, por falta de vocabulário, por falta de uma terminologia correta para usar. Mas muitos cristãos dizem que Deus é um só mesmo. Outros dizem que Ele mandou seu filho, eu tento entender o que quer dizer filho, leio bastante sobre isso, então eu interpreto assim: como Jesus nasceu por um milagre, sem pai, então eles tentam falar dessa forma. Alguns cristãos realmente dizem que Jesus também é Deus e o Espírito Santo também. Nesse caso, esse Deus dividido em três não é o mesmo Deus. Mas quando falam de um Deus que criou tudo, aí sim, é o

mesmo Deus. Então, eu entendo que às vezes parece que eles não têm divindade, eles têm trindade, mas quando a gente conversa e se aprofunda, parece que foi uma escolha errada de palavras e que é, sim, o mesmo Deus. Quando falamos Deus único, então realmente é o mesmo Deus.

No que diz respeito ao Judaísmo, M4 considera que a crença é idêntica e que, sem dúvida, é o mesmo Deus.

Não existe unanimidade entre as três religiões no que diz respeito a todos rezarem para o mesmo Deus ou para deuses diferentes. Católicos e muçulmanos reconhecem o Deus dos judeus como o mesmo Deus. Judeus e muçulmanos criticam a trindade como uma traição ao monoteísmo. Judeus e católicos têm dúvidas sobre o Deus dos muçulmanos.

3.4 OS CONFLITOS ENTRE AS RELIGIÕES

Os participantes da pesquisa também foram questionados sobre possíveis conflitos entre as religiões. O objetivo era compreender se eles acreditam que existem desentendimentos entre as religiões, a quais motivos eles creditam esses desentendimentos e se eles acham possível que as três religiões convivam em paz.

Entre os judeus, existiu o consenso de que a discórdia acontece entre os homens. J3 disse que não aceita o argumento de que os conflitos são causados pelas religiões, “é desculpa esfarrapada”. J2 concorda que não se trata de briga entre religiões:

Por que existe conflito entre as pessoas, entre os homens, entre as diferentes raças, nações, cada um quer ser melhor que o outro, então acha que seu Deus é melhor do que o outro, é mais sensato, é mais poderoso, é mais generoso. Não acho que exista um conflito em cima de Deus, são os homens que querem impor as condições de cada um.

As questões de terra e as disputas na região da Palestina foram citadas por dois participantes judeus. Na opinião do J8, são brigas de família, já que, para ele, judeus e muçulmanos são primos: “os muçulmanos vêm de Ismael e dos outros filhos de Isaac e os judeus de Jacó. Então é família e família briga”. Para J4, as disputas envolvem grupos fanáticos e ortodoxos:

Em relação aos muçulmanos, eu acho que há uma briga, não sei se briga é a melhor palavra, mas mais por causa de terras do que propriamente a questão religiosa. Mais com relação à terra de Israel,

a Palestina, como eles chamam, é mais pela terra que com a religião em si. Em relação aos cristãos, eu acho que não há muitos conflitos. Acho que os presbiterianos, evangélicos, tem uma relação maior com a religião judaica, estão bem mais ligados, mas eu não vejo conflito da religião cristã. Agora, em todas as religiões existem os ortodoxos, os ultraortodoxos, os fanáticos. Em todas elas os problemas de conflitos normalmente se originam deles que gostam de brigar, gostam de conflito, não aceitam opiniões diferentes, ou concorda ou concorda com a opinião deles. Mesmo esses conflitos armados que ocorrem no Oriente Médio, a principal causa está ligado aos fanáticos de todas as religiões.

Entre os católicos, embora nem todos tenham usado as palavras “homem” ou “humanos” para atribuir a culpa pelos conflitos, pode-se dizer que todas as respostas apontam para esse sentido. Para C4, os conflitos são gerados por problemas na interpretação de cada religião, elas não são compreendidas de forma correta, o que acaba afastando as pessoas:

Porque toda a religião busca uma união com Deus, mas nem sempre as pessoas entendem. Então, se você pensa diferente de mim e nós brigamos, então jamais eu vou te convencer e jamais você vai me convencer do contrário. Então é um mau conceito do que é religião e isso nos afasta. Eu quero que você aceite o que eu entendo por certo e você quer que eu aceite o que você entende, e essa polarização, essa divisão do certo ou errado, acaba afastando as pessoas. Se eu amo o próximo, eu tenho que respeitar a opinião dele, eu posso não aceitar, mas eu preciso respeitar. É a não aceitação da opinião do outro que vai criar esse afastamento e aí não vai ter esse vínculo de amor que a religião deveria proporcionar, que é o amor ao próximo, e é esse afastamento que causa as brigas.

A resposta do C3 foi na mesma direção, ele acredita que os conflitos surgem por causa do ponto de vista de cada pessoa ao interpretar a religião. Já para o C8, a questão é política e econômica: “porque tem muito interesse de dinheiro por trás de tudo isso, de poder, interesse territorial”. Embora não tenha falado especificamente em causas político-econômicas, C7 atribuiu os conflitos às “causas da religião, por muitas vezes o movimento é mais forte do que a vontade de Deus”.

C5 considera que o problema entre as religiões é uma defesa maior dos profetas do que de Deus por parte dos fiéis:

Eu acho que elas [as pessoas] se separam quando elas olham o profeta, como Maomé, muitas pessoas veem Maomé na religião delas. Para nós, Jesus Cristo é o nosso senhor e salvador. Então quando chega na personificação... A gente tem o Deus acima de todas as coisas, soberano, poderoso, criador, em algum momento ele precisou se servir de pessoas para se revelar e se comunicar. Aí começam a

entrar as diferenças. Para algumas pessoas é Maomé, para nós é Jesus Cristo, aí que estão as diferenças.

Para C1, os conflitos não são vontade de Deus, são questões humanas que ele considera justificáveis:

Porque o homem é falho, não é Deus que é falho, é o homem, é esse arbítrio que Ele dá para gente. Então... É complicado... Se eu fosse um cruzado? Se me dissessem ‘você vai lutar para reconquistar Jerusalém’, será que eu não ia? Talvez eu fosse. Tá certo? Tá errado? Mas... A batalha de Lepanto, se os cristãos perdessem o islã ia dominar a Europa. Será que eu não ia lutar? Claro que eu ia! Tem isso, às vezes até justifica uma guerra. Essa coisa de abraçar árvore, ‘ai... Paz e tal...’ isso é uma balela, não rola, é você não ter uma leitura desse mundo. Você não pode: ‘ai Deus, que lindo, maravilha! Não, não é. [...] por que o Islã está dominando a Europa? Porque eles têm fé, eles acreditam na vida, o europeu não acredita em nada. Agora, tem algum cientista islâmico? Não, porque eles não vivem na ciência, são muito fechados.

Para C2, os conflitos acontecem porque as outras religiões não acreditam que a Virgem Maria é a mãe de Deus, portanto, os desentendimentos começaram quando as outras religiões não acreditaram na origem divina de Jesus: “a maioria das pessoas nas outras religiões acredita em Deus, mas não acredita na mãe de Deus”.

C6, o único católico que respondeu que as três religiões não rezam para o mesmo Deus, acredita é exatamente essa a causa dos conflitos: “eu acho que é porque cada um acredita em um Deus. Alguns entram em atrito porque acham que o Deus deles é melhor do que o outro, acho que isso não tem uma solução”.

Entre os muçulmanos, três entrevistados, M1, M2 e M4, responderam que as brigas acontecem por causa dos seguidores ou religiosos, por causa dos homens, e não por causa das religiões. Para M1, exceto pela diferença ritual, não existem diferenças éticas entre as religiões:

Por isso é importante defender a religião, não o religioso, porque o religioso erra, a religião não. Existem cristãos que fazem coisas erradas, judeus que fazem coisas erradas, muçulmanos que fazem coisas erradas, mas isso não representa a religião. Isso representa a falha humana, o humano é falho.

M2 acredita que os homens distorcem as religiões e criam os conflitos:

Não são as religiões, são os membros, os seguidores dessas religiões, corrompidos é que fazem essa briga. Os cristãos costumam dizer que Jesus é bom, quem estraga é o fã clube, então o que eu acho é isso. As religiões têm o mesmo fundamento, têm o mesmo Deus, mas nós,

os seres humanos, é que distorcemos todo o ensinamento da nossa religião, fazendo uma leitura equivocada, intencionalmente ou não, criando conflitos com as outras pessoas, tentando demonstrar a superioridade da nossa religião, sendo que na realidade, a religião, seja qual for, ela não busca se demonstrar como absoluta porque Deus não enviou diferentes religiões, ele enviou só uma religião para toda a humanidade.

M3 e M8 responderam que os conflitos são criados por falta de conhecimento das outras religiões. Para M4, os conflitos são causados pelos homens por questões político-econômicas, para ilustrar a opinião, ele usou o exemplo das cruzadas cristãs:

As religiões não brigam, as pessoas estão brigando. Inclusive no tempo das cruzadas, que hoje nem católico defende isso, uma coisa bárbara, não foi a religião que mandou, as pessoas decidiram fazer aquilo. São interpretações erradas, deturpadas por muitos motivos, principalmente ignorância total. Ignorância, inclusive, da própria religião, de não conhecer a essência da própria religião. Então essas guerras entre religiões, ou na mesma religião, não é por causa da religião, é sempre por outras razões, muitas vezes políticas, muitas vezes financeiras, interesses de diferentes formas.

Outros três muçulmanos, M5, M6 e M7, também citaram a política como causadora de conflitos. M5 usou como exemplo a questão Palestina:

Eu acho que existe mais brigas por uma questão política que está encoberta de uma questão religiosa. A gente vê muito aquela questão da Palestina com Israel, por exemplo, eu acho que cada religião, cada estado deveria ter o seu espaço para poder orar, independente se é uma sinagoga ou uma mesquita. Eu acredito que todas as pessoas têm o seu livre arbítrio para escolher a religião que elas querem seguir e a gente tem que respeitar isso. Então acho que eles querem colocar algo político como algo religioso.

Sobre a possibilidade e a necessidade de que as três religiões vivam em paz, apenas um judeu, J6, considerou que neste momento é impossível que exista um acerto. Para ele, “tem a discórdia, esse jogo de interesses, infelizmente. A gente espera a vinda do messias, é o messias que vai trazer essa união, então agora não é possível”. Para J7, é possível, mas é preciso encontrar uma solução para os extremistas. J5 acredita que a paz é possível, mas apenas se as religiões forem capazes de manter um distanciamento de questões políticas:

Eu acho que se você isolar o fator político e o fator econômico delas, sim. Mas aí, com certeza, a religião vai perder muito o interesse porque o grande interesse que às vezes se tem na religião é uma máscara para o interesse econômico e para o interesse político. A própria igreja católica, durante as grandes navegações... precisou-se se servir da igreja Católica para impor uma condição política e econômica, né, a

própria jihad islâmica também se impôs como uma necessidade política e uma necessidade economia.

O J1 e o J4 concordam que é totalmente possível que as três religiões convivam em paz, afinal, para eles, as três possuem muitos pontos em comum:

É uma contradição de religião entrar em conflito, guerra, matar. Eu acho que podem, principalmente cristã e judaica, são muito semelhantes, né? Alguns conceitos básicos, sem entrar em teologia, bondade... Eu não conheço muito os muçulmanos, mas também acredito que seja assim. Podem ter milhares de religiões e todas com os mesmos objetivos, né, se sentir bem, ajudar, ser bom. A forma não é tão importante, se vai adorar Buda, vai olhar pra um crucifixo, acho isso até rico. Sou contra a divisão, entendo que ela exista, mas não admito que elas entrem em choque.

Vamos falar do Brasil, né? [...] Nunca sofri preconceitos, sempre fui muito bem aceito, sempre estive inserido na sociedade. Sempre convivendo bem. Eu acho que a convivência judaico-cristã é muito boa. Já com muçulmanos, eu acho que a relação é muito pequena, acho que é mais difícil de parte a parte, das duas partes. Mas poderia ser estreitada porque no fundo, nas 3 religiões, é um Deus só. Eu conheço muito pouco da religião muçulmana mas conheço razoavelmente a religião cristão e o que a religião prega, ou tem que pregar, é o bem, a união entre as pessoas, a generosidade, a paz, qualquer coisa fora disso é uma religião ruim, ruim não é a melhor palavra, mas é uma religião que não é adequada.

Apesar de afirmar nunca ter sofrido preconceito no Brasil, J4 relatou ter sentido medo de ser hostilizado durante viagens que fez para países árabes por conta do sobrenome judeu. Para J2, o foco são as diferenças: “os judeus ortodoxos têm que ter uma dieta especial, no *shabat* não podem fazer isso e aquilo, católicos também têm suas regras, no dia a dia fica difícil. Começa a ficar tão diferente, que inviabiliza a convivência”. Para J8, essas diferenças podem ser superadas no longo prazo:

Eu acho que precisa, mas isso depende da própria evolução humana, evolução do ser humano, do que a gente acredita como sendo uma coisa razoável. Eu acredito que vai haver algum momento em que vamos ter que acertar nossos ponteiros e dizer que interesse econômico é econômico, político é político. Estamos muito longe disso. Nós já deveríamos ter aprendido que pode haver paz entre as três religiões, mas parece que não há interesse em aprender.

Entre os católicos, apenas um entrevistado, o C7, considerou que é possível que as três religiões encontrem uma forma de viver em paz. Porém, com a condição de colocar Deus acima das igrejas:

As pessoas que acreditam no mesmo Deus, no senhor que é a razão da vida delas, essas pessoas têm condições de viver no ecumenismo,

mas a partir do momento que as opiniões começarem a divergir por conta da religião, aí não vai dar certo. Eu acho que isso é possível quando a gente não coloca a instituição na frente dos nossos ideais, na frente de Deus.

Para C5, a paz deveria ser um objetivo comum entre as três religiões, embora não seja fácil alcançá-lo:

Esse é o verdadeiro caminho, a gente comungar com todas as religiões, com todas as seitas. Porque todas têm um bem comum, né, Deus. Agora o que é difícil é dizer que cada um é melhor que o outro, que a minha é melhor porque eu tenho as normas, porque Deus quer que seja assim. Quando cada um fica querendo defender a sua verdade, aí haja confusão! Porque Deus é a verdade. A verdade não está com os judeus ou com os muçulmanos, a verdade está com Deus. Vamos supor, eu sou católica, eu escolhi ser católica porque é a religião que eu mais me identifico, mas isso não me dá o direito de dizer que ela é a melhor, que é a única. Porque a melhor religião que as pessoas deveriam seguir é o amor. O amor está em todas, quando se pratica o amor, tudo flui, quando as religiões fazem os atos ecumênicos, fica bonito, então dá para viver junto se respeitando. Eu acho que Deus escreve por muitas linhas, e às vezes eu até acredito naquele que nem tem religião.

Para C1, a convivência harmônica entre as três religiões é possível, porém, com algumas condições:

Sim, é possível, claro, desde que uma não queira acabar com a outra. Veja bem, eu sou católico, acho que seria ótimo se os judeus se convertessem e os islâmicos, entendeu. Aí, assim, você quer botar um véu? Você ia querer estar em um lugar que um cara mandasse você colocar um véu porque a *sharia* e não sei mais o quê? Você, ocidental? Você não ia querer. Então vamos conviver bem? Vamos, desde que não comece a falar isso, entendeu? Então tem limites, esse é o ponto. Eu preferia que todo mundo fosse católico e tivesse Deus no coração, esse seria o mundo ideal. E se isso não acontece, então a gente vai respeitar. Existe uma verdade? Existe uma verdade num bom islâmico sincero, num judeu sincero, até num menos religioso que às vezes é mais bondoso que um carola. A gente tem que botar o pé no chão porque religião é perigoso, as pessoas matam e morrem por isso.

Para C2, C3 e C6, não é possível que exista paz entre as três religiões:

No geral, não acho que seja possível. Seria impossível, na verdade. Quer dizer, para Deus nada é impossível, né? Mas eu acho que as pessoas jamais vão ser iguais, sabe? Não vai ter essa harmonia.

Veja, nós estamos 2020 e eles brigam desde 3 mil anos antes de Cristo. Mas se parassem, era para o bem mundial, né? O problema, eu acho, é que tem gente dentro delas que não quer que isso aconteça. Todo lugar tem gente boa e tem gente ruim, até mesmo dentro da igreja.

Acho que não é possível. Acho que depende muito da cultura, se a gente vai pensar nisso... Se a gente vai pensar nos países muçulmanos onde existem guerras até hoje por conta da religião eu vou dizer que não. Acho que no nosso mundo ocidental nós somos mais tolerantes, acho que a gente consegue conviver melhor. Acho que depende muito, né, da cultura, da sociedade, mas em termos de convivência, não, em termos de concordância, ou em termos de um aceitar a do outro e abdicar da sua, acho que isso não.

Todos os entrevistados muçulmanos disseram que acreditam que é possível que as três religiões encontrem formas de conviver em paz. Para M1, isso pode acontecer, desde que as pessoas coloquem a religião acima dos religiosos:

[...] porque o religioso erra, a religião não. Existem cristãos que fazem coisas erradas, judeus que fazem coisas erradas, muçulmanos que fazem coisas erradas, mas isso não representa a religião. Isso representa a falha humana, o humano é falho.

Para o M8, a paz vai acontecer quando as pessoas buscarem conhecer melhor o outro, entender as outras religiões:

Não existe diferença entre nós, não existe motivo para gente ficar com raiva um do outro, a gente acredita na mesma coisa, a gente caminha no mesmo sentido, a gente caminha no mesmo propósito, pelo mesmo objetivo. Embora, talvez por ignorância..., Mas quando você conhece você para de estranhar, você para de ter preconceito, então é uma coisa de falta de conhecimento.

M2 citou o exemplo da Espanha Muçulmana como uma possibilidade real das religiões conviverem em paz:

No Islã a gente tem o exemplo disso, a gente tem o exemplo dos judeus, árabes, pagãos e muçulmanos que viveram pelo menos por um período de dez anos na mesma sociedade, na mesma cidade, defenderam juntos a cidade dos ataques que chegaram, dos fatores externos, então eu acredito que sim, é possível.

Para M4, as religiões podem ajudar a acabar com as guerras orientando melhor os seus seguidores, aproveitando melhor as oportunidades de discurso para incentivar paz: “todas as religiões querem a paz, monoteístas, budistas, hinduístas, todas. Ter uma orientação mais convicta, mais serena, não só na teoria, na fala, os líderes dando exemplo... acho que isso podia ajudar”.

Neste item temos mais uma unanimidade: todos inocentaram Deus e as religiões da culpa pelos conflitos, todos disseram que é coisa dos homens, movidos por ambições político-econômicas ou desejos egoístas. Quando o assunto é a convivência pacífica, não existe concordância. Embora a maioria dos entrevistados –

sete judeus, um católico e oito muçulmanos – concordem que é possível, um judeu e sete católicos acreditam que as religiões não são capazes de alcançar a convivência pacífica.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Deus é uma inteligência superior que criou o mundo, não possui forma definida, está em todos os lugares, sabe tudo o que acontece, conhece cada pensamento das Suas criaturas, é misericordioso, capaz de perdoar os maiores erros daqueles que se arrependem e têm fé. Ele não interfere diretamente na vida dos homens, mas pode orientar, por meio dos mais variados tipos de sinais, quais as melhores decisões ou como resolver os problemas – no entanto os seres humanos possuem total liberdade para aceitar, ou não, os conselhos divinos. Se levarmos em conta as características apontadas pela maioria dos entrevistados das três religiões, esta é a descrição do Deus monoteísta. Uma descrição genérica, claro, que não leva em conta as particularidades de cada religião. No início desta pesquisa, tínhamos a intenção de descobrir como leigos das três religiões abraâmicas interpretam Deus, quais as semelhanças e diferenças com a teologia oficial e quais as convergências e divergências inter-religiosas. Os resultados serão apresentados a seguir.

A principal pergunta a que este trabalho se propôs a responder é se os praticantes das três principais religiões monoteístas do mundo acreditam no mesmo Deus ou em deuses diferentes. As respostas não foram unânimes, mas podem nos dar um indício do que os leigos acreditam. Como já era esperado, todos os entrevistados confirmaram a crença no Deus de Abraão, mas nem todos concordam que este seja o mesmo Deus do outro.

No que diz respeito ao Deus dos judeus, cristãos e muçulmanos não demonstraram ter dúvidas de que rezam para a mesma divindade, eles se identificam como uma continuação ou complementação do judaísmo, acreditam em todos os profetas e acontecimentos da *Torah* e, embora não conheçam detalhadamente os ritos ou as festas judaicas, conhecem a religião, a história, e se mostram simpáticos a uma aproximação. É interessante perceber que os católicos não manifestaram o entendimento de que os judeus são responsáveis pela morte de Jesus. Apenas um católico citou e episódio e, mesmo assim, admitindo que não se pode culpar todos os judeus pela condenação de morte na cruz. Mesmo que nunca tenham lido a *Nostra Aetate*, os seguidores da igreja do Vaticano parecem ter internalizado o pedido de que a comunidade judaica não seja considerada culpada.

Já no caso do Deus dos católicos, a Trindade é um empecilho à ideia de que se trata do mesmo Deus. Judeus e muçulmanos mostraram dificuldade em aceitar que o Deus único possa se dividir em três pessoas ou que um homem como Jesus possa ser, de fato, filho de Deus encarnado como um homem comum e parte da divindade. Enquanto para os cristãos Deus é o pai que enviou seu filho para salvar a humanidade pelo sacrifício, os muçulmanos buscaram salientar o entendimento de que Ele nunca gerou e nunca foi gerado, mostrando ser impossível alimentar uma eventual crença na Trindade – o que para os judeus também não parece correto. Muçulmanos e judeus repetiram diversas vezes que Deus é um só, um ser que não se divide.

Tanto judeus como muçulmanos demonstraram conhecimento sobre o catolicismo, sobre os ritos, as festividades, e sobre a figura de Jesus Cristo, se mostraram simpáticos a uma aproximação, mas criticaram – mesmo que às vezes com humor – o que consideram um passo fora do monoteísmo.

Cabe aqui um comentário importante. Não podemos esquecer que o catolicismo é a religião com o maior número de fiéis no Brasil. Embora a Constituição Federal determine a laicidade do Estado, o calendário nacional obedece aos feriados cristãos, os símbolos sagrados estão nas repartições públicas, é natural que praticantes de religiões menos difundidas no país conheçam bem a principal religião. A minoria sempre sabe como a maioria se comporta, embora a maioria nem sempre preste atenção na minoria.

Essa falta de conhecimento sobre as outras religiões de menor número de fiéis no país fica evidente quando os entrevistados são perguntados sobre o Deus do Islã, religião que ainda aparece como um mistério para judeus e cristãos. Nenhum entrevistado dessas duas religiões demonstrou conhecer o profeta Muhammad ou uma parte de seus ensinamentos. As opiniões se dividiram e o desconhecimento se mostrou um grande entrave para uma aproximação. É verdade que alguns judeus e alguns cristãos admitiram não ter informações suficientes sobre os muçulmanos para determinar se é ou não o mesmo Deus, mas a maioria, mesmo sem admitir, deixou claro nas respostas essa falta de conhecimento. Entre os judeus, a maioria admitiu que o Deus dos muçulmanos é o mesmo, entre os cristãos, a diferença foi maior, metade dos cristãos disseram que não rezam para o mesmo Deus do Islã. Nas

respostas, um certo grau de preconceito, fruto do já falado desconhecimento, que associa o Islã ao terrorismo – e automaticamente *Allah*.

Importante destacar que todos os muçulmanos responderam que se trata de um Deus para as três religiões monoteístas, o que não eximiu judeus e cristãos de críticas, principalmente no que diz respeito à Trindade, como explicado acima, e à manipulação dos livros sagrados. Eles consideram que a *Torah* e a Bíblia, assim como o Alcorão, também contém a palavra de Deus, porém, os dois primeiros livros foram editados, alterados pelos homens, ao contrário do Alcorão, que consideram que se mantém intacto.

Quanto à forma de Deus, de uma forma geral, a maioria dos entrevistados disse que não é possível que ela seja determinada ou percebida pelos seres humanos. Apenas um católico e um judeu usaram a personificação, embora a teologia católica oficial diga que o homem foi feito à imagem e semelhança de Deus e a teologia judaica oficial negue essa possibilidade. No que diz respeito a uma personalidade, os entrevistados das três religiões considerarem Deus como o criador, nas três Ele também foi descrito como onisciente e onipresente, uma consciência, uma energia, uma força. Um ser misericordioso e amoroso, capaz de perdoar e compreender os erros humanos, mas que espera que suas criaturas vivam de acordo com os mandamentos, tenham fé e façam boas ações – todos os entrevistados citaram a importância de bons atos, da caridade ou das boas intenções.

Analizando as respostas de forma mais específica, encontramos algumas particularidades. A primeira divergência é sobre o significado das imagens. Os judeus não admitem a adoração de imagens e são mais rigorosos quanto a impossibilidade de falar e as restrições ao escrever o nome de Deus, talvez por isso apenas metade dos entrevistados tenham reconhecido as consoantes do nome divino em hebraico na imagem compartilhada. Desses quatro, apenas dois atribuíram algum tipo de significado, disseram que a imagem pode despertar algum tipo de sentimento. Os outros dois manifestaram que era apenas o nome de Deus escrito, o que para eles não significa nada.

Como esperado, os católicos se mostraram mais familiarizados com as imagens. Apenas um não reconheceu a ilustração da Santíssima Trindade, embora outros dois tenham admitido não se sentirem confortáveis com este tipo de

representação. A maioria, cinco entrevistados, não demonstraram restrições em atribuir algum significado santo à ilustração e demonstraram sentimentos ao reconhecer Deus Pai, Deus Filho e o Espírito Santo.

Embora os muçulmanos sejam proibidos de adorar qualquer tipo de imagem, ao contrário dos judeus, eles não possuem restrições com a escrita do nome divino, que costuma decorar casas e mesquitas. Provavelmente por isso, todos reconheceram o nome de Deus em árabe cercado por arabescos e expressaram que a imagem inspira não adoração, mas respeito e admiração. Enquanto os muçulmanos sentem respeito pela letra árabe para *Allah*, os judeus passariam sem perceber pelas letras em hebraico para YHWH, lembrando que as duas religiões usam a língua original das escrituras nas orações.

É importante destacar que os muçulmanos, embora não se preocupem com a escrita da palavra *Allah*, veem com igual reprovação a adoração de imagens. Durante as entrevistas, mesmo reconhecendo o nome de Deus, buscaram esclarecer a impossibilidade de retratar o divino de qualquer forma. As justificativas ficaram no fato de que é impossível para os seres humanos conhecer ou imaginar a forma de Deus. Nenhum entrevistado usou a palavra desrespeito ou qualquer sinônimo para designar uma possível imagem divina.

Enquanto judeus e cristãos sinalizaram que a compreensão que cada um tem de Deus pode mudar ao longo do tempo porque depende de interpretação e espiritualidade, muçulmanos apresentaram um conceito mais fechado, de acordo com o que é descrito no Alcorão: Deus é o criador. Embora judeus e cristãos também tenham apontado Deus como o responsável pela criação, impossível não notar a convicção com que todos os entrevistados muçulmanos começaram a descrever Deus pela criação de todo o universo.

Sobre a forma de se relacionar com Deus, os entrevistados das três religiões disseram que sentem que Ele está perto, que é um ser com quem podem conversar, pedir perdão, conselhos ou ajuda, sempre diretamente para Ele. Inclusive os católicos, a única das três religiões que possui sacerdotes como intermediários e locais específicos para a confissão dos erros – ou pecados – e o pedido de perdão, nenhum católico falou sobre a necessidade de ir até uma igreja ou conversar com um religioso para chegar a Deus. No caso dos muçulmanos, essas conversas têm hora marcada,

durante as cinco orações diárias, porém, pelas entrevistas, podemos concluir que não é incomum que eles conversem com Deus também nos intervalos dessas orações.

Outra semelhança é que os entrevistados das três religiões admitiram que ao pedir ajuda para Deus, esperam em troca algum tipo de sinal que pode vir em sonhos, pensamentos, manifestações da natureza ou até mesmo por meio de outras pessoas. Compreender esses sinais, depende da espiritualidade de cada um, ou do quanto estão realmente próximos e atentos a Deus.

Sobre a capacidade divina de interferir nos acontecimentos, os judeus não consideram que isso seja possível. Apesar do Deus da *Torah* determinar e interferir na história, na era moderna eles preferem acreditar que a divindade pode sugerir ou influenciar, mas que cada um possui total independência para escolher o desfecho de cada situação. Nesse ponto, as respostas dos católicos são muito parecidas, a maioria disse que acredita no livre-arbítrio e na possibilidade de decidir – ou não – alguma coisa de acordo com a vontade de Deus. Já os muçulmanos se colocam como servos da vontade de Deus, para eles o livre-arbítrio existe, porém tudo acontece como Deus designou, já que Ele sabia previamente, antes mesmo de cada um nascer, as decisões que cada um iria tomar.

No que diz respeito à salvação, mais alguns pontos em comum. Todos falaram sobre a importância das boas obras e de se ter uma vida idônea, em concordância com os mandamentos para que, depois da morte, seja possível passar a eternidade ao lado de Deus. Quando questionados se o benefício pode ser dado a quem pertence a outra religião, os entrevistados responderam que sim, embora a importância da fé no Deus único para a salvação tenha aparecido de uma forma ou de outra nas respostas. Mesmo que eles não falem na necessidade de conversão, na necessidade de estar nesta ou naquela religião para ser beneficiado por Deus, eles destacam a fé como um requisito para uma vida eterna sem sofrimentos.

Quando comparamos esses resultados com as três teologias oficiais, vemos que as interpretações dos leigos estão mais próximas entre si do que as três teologias, curiosamente, embora seja possível encontrar o que as teologias dizem em praticamente todas as respostas. Parece contraditório..., mas pode ser explicado.

Primeiro, tanto na teologia quanto para os leigos, as três religiões rezam para o Deus de Abraão. Na teologia e na prática, judeus e cristãos se dirigem a Deus como pai, o islã considera que nenhuma criatura pode ser chamada – literalmente – de filha de Deus. Embora, em um sentido mais amplo, muçulmanos possam aceitar que Deus seja considerado o pai de toda a humanidade.

Falando ainda sobre a interpretação de Deus, independente de Ele ser um pai, um rei, um juiz, o criador ou um líder tribal, as três religiões, assim como os leigos, entendem que o homem depende Dele, ao mesmo tempo em que cada um é responsável pelas próprias ações. Na teologia, para os judeus, Deus escolheu um único povo para dar testemunho diante do mundo. Para os cristãos, Deus encarnou e, ao fazê-lo, demonstrou sua solidariedade com toda a raça humana que criou. É por meio do Filho de Deus encarnado que a natureza trinitária de Deus passa a ser conhecida. Para os muçulmanos, esse conceito trinitário parece destruir a unicidade essencial de Deus. Além disso, a transcendência de Deus excluiria a possibilidade de encarnação. Na prática, para os leigos, essas diferenças apareceram, no entanto, mesmo assim, a maioria concordou que se trata do mesmo Deus.

As teologias aproximam o judaísmo e o cristianismo e afasta os dois do islã quando fala sobre a capacidade de Deus interferir na história do homem. Enquanto o Deus da Bíblia age na história, o do Alcorão mantém-se fora. Ele é mais acessível para judeus e cristãos e mais distante para os muçulmanos. Na prática, todos concordam que ele pode agir na história, mas não o faz. Todos concordam que ele está perto, ao lado da criatura, que pode ouvir e atender às súplicas.

A teologia judaica e a islâmica estão mais próximas quando o foco vai para a unicidade. A crença em um Deus que se fez carne e morreu crucificado para expiar os pecados da humanidade não é possível, neste ponto existe um abismo que coloca de um lado judeus e muçulmanos e de outro lado os cristãos. Esse abismo também existe entre os leigos.

Quando focamos em Jesus sem levar em consideração a divindade, na teologia ele continua sendo um ponto divergente entre judeus e cristãos, mas, aproxima cristãos e muçulmanos. Porém, embora os judeus concordem com a teologia, embora Jesus não cumpra um papel no judaísmo, ele também pode ser um ponto de aproximação dos judeus com cristãos e muçulmanos já que todos os judeus

entrevistados, em algum momento da entrevista, lembraram que Jesus era judeu, nascido de um ventre judeu, seguia as leis determinadas pela *Torah* e ensinava dentro das sinagogas.

Sobre a causa dos conflitos nas religiões, todos concordaram que este não é o desejo ou a determinação de Deus. As causas são humanas, principalmente de ordem política e econômica. A maioria acredita que os problemas podem ser resolvidos, mas esta não é uma unanimidade. Embora todos concordem com a necessidade de uma boa convivência, um judeu e sete católicos não acreditam que isso seja possível. A maioria, portanto, sete judeus, um católico e oito muçulmanos acreditam em um futuro onde todas as religiões possam conviver em paz.

Pensando no que foi mostrado no segundo capítulo deste trabalho, podemos dizer que a maioria dos entrevistados possui uma visão mais pluralista, uma disposição a perceber Deus em outras religiões e aceitar que praticantes dessas outras religiões também possam estar ao lado Dele depois da morte. Isso parece ser mais fácil para os judeus, já que eles não esperam um julgamento e não pretendem converter, expandir a religião para além da comunidade de descendentes das doze tribos de Jacó, ou Israel. Pelo contrário, dificultam a conversão ao máximo. Os entrevistados judeus parecem lidar bem com a possibilidade de que o Deus monoteísta não é uma exclusividade judaica e que não é preciso estar no judaísmo para encontrá-lo. É como se dissessem “não precisa vir para cá, Deus vai até aí”. Entre os modelos de Knitter, os entrevistados judeus ficaram entre os modelos de mutualidade e de aceitação.

Entre os três grupos entrevistados, os católicos são os que parecem ter mais dificuldade de compreender as semelhanças com as outras religiões. Na verdade, dificuldade para compreender as semelhanças que existem com o Islã, especificamente. Os entrevistados parecem mais íntimos do Judaísmo e, como dito, não demonstraram qualquer tipo de rancor pela crucificação. Porém, os católicos entrevistados não conhecem o Islã, as únicas informações que possuem são as que foram passadas pela mídia nos últimos anos – normalmente recheadas de preconceitos e desconfianças. Nenhum entrevistado mostrou interesse em buscar outro tipo de informações. A maioria dos entrevistados cristãos criticou o Islã por meio de generalizações: afirmaram que é uma religião que incentiva a guerra, o terrorismo

ou a submissão das mulheres. Os católicos se mostraram mais pluralistas quando falavam dos judeus e mais inclusivistas quando falavam dos muçulmanos. Apenas um entrevistado entre todos, um católico, mostrou uma posição totalmente exclusivista.

Importante destacar que os judeus também demonstraram ter pouco conhecimento sobre o Islã e um certo grau de preconceito pelos mesmos motivos dos cristãos, porém, eles se colocaram mais perto dos muçulmanos do que dos católicos quanto à interpretação de Deus por causa da crença cristã na Trindade. Os judeus e os muçulmanos que citaram os conflitos que envolvem a região da Palestina tentaram deixar claro que não concordam com as disputas e que gostariam que elas fossem resolvidas de forma pacífica. Um judeu demonstrou medo de ser hostilizado por muçulmanos, o contrário não aconteceu.

Para os muçulmanos, um comportamento pluralista também parece mais fácil de ser adotado, afinal, o que o Alcorão diz deve ser seguido, e o livro sagrado do Islã deixa muito claro que se trata do mesmo Deus nas três religiões. Embora exista também uma tendência inclusivista, não podemos esquecer que existe um desejo expansionista na religião islâmica, os muçulmanos não colocaram a conversão ao Islã como ponto fundamental para a salvação, falaram apenas na fé no Deus de Abraão, o que admitem que já acontece entre judeus e cristãos. Mas, pelas respostas, parece que existe uma compreensão de que quem crê no Deus único é, no fundo muçulmano. Afinal, para ser muçulmano não é preciso que se passe por algum tipo de ritual, como o batismo católico, ou por um tempo de estudos, como a conversão judaica, basta proclamar a fé no Deus único. Entre os modelos de Knitter, os entrevistados se aproximaram do modelo de mutualidade, porém, sem deixar de flertar com os modelos de satisfação ou substituição.

Precisamos pensar, também, na proposta de Küng para a criação de uma ética comum entre as religiões e a construção de pontes capazes de levar conhecimento de uma para a outra. Küng pode ser considerado exagerado demais, dramático demais, determinista ao extremo. Mas parece que ele tem razão, faltam pontes entre as três religiões, faltam oportunidades para que judeus, cristãos e muçulmanos conheçam o outro e percebam o quão semelhantes são as suas crenças em Deus. É mais fácil respeitar o diferente quando você sabe do que, exatamente, se tratam essas

diferenças. E Deus, como mostrou esse trabalho, pode ser um ponto convergente capaz de dar início ao diálogo.

Se todos os entrevistados disseram que Deus não ordena os conflitos, que as disputas são criadas pelos homens por ganância ou desejo de dominação, Deus pode ser o agente causador de um bom entendimento. Para isso é preciso vencer os preconceitos, é preciso conhecer para respeitar.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- AGOSTINHO, Santo. **Comentário ao Gênesis**. São Paulo: Paulus, 2005.
- ARMSTRONG, Karen. **Maomé: uma biografia do profeta**. São Paulo: Companhia das Letras, 2002.
- ARMSTRONG, Karen. **O Islã**. Rio de Janeiro: Objetiva, 2001.
- ARMSTRONG, Karen. **Uma história de Deus: quatro milênios de busca do judaísmo, cristianismo e islamismo**. São Paulo: Companhia das Letras, 2008.
- ASLAN, Reza. **Deus: uma história humana**. 1. ed. Rio de Janeiro: Zahar, 2018.
- BERGER, Peter L. **Os múltiplos altares da modernidade: rumo a um paradigma de religião numa época pluralista**. Petrópolis: Vozes, 2017.
- Bíblia de Jerusalém**. 1. ed. São Paulo: Paulus, 2002.
- BIZON, José; SCHLESINGER, Michel. **Diálogo inter-religioso: religiões a caminho da paz**. 1. ed. São Paulo: Paulinas, 2018.
- BOFF, Leonardo. **A Trindade e a Sociedade**. 5. ed. São Paulo: Vozes, 1999.
- BOFF, Leonardo. **Ethos Mundial: um consenso mínimo entre os humanos**. Rio de Janeiro: Sextante, 2003.
- BONDER, Nilton; SORJ, Bernardo. **Judaísmo para o século XXI: o rabino e o sociólogo**. versão Kindle. Rio de Janeiro: Centro Edelstein de Pesquisas Sociais, 2010.
- BUBER, Martin. **Eu e Tu**. 2 ed. São Paulo: Contez & Moraes, 1979.
- CALDAS FILHO, Carlos Ribeiro. **Diálogo inter-religioso: perspectivas a partir de uma teologia protestante**. Revista Horizonte, v. 15, n. 45, p. 112–133, 2017.
- CASTILLO, José M. **A humanidade de Jesus**. Petrópolis: Vozes, 2017.
- CASTILLO, José M. **Jesus: a humanização de Deus: ensaio de cristologia**. Petrópolis: Vozes, 2015.
- DEBRAY, Régis. **Deus, um itinerário: material para a história do Eterno no**

Ocidente. São Paulo: Companhia das Letras, 2004.

DIAS, Regina Amanda Martins; DE CASTILHO, Katlin Cristina; SILVEIRA, Viviane da Silva. **Uso e interpretação de imagens e filmagens em pesquisa qualitativa.** Ensaios Pegagógicos, v. 2, n. 2527–158X, p. 81–88, 2013. Disponível em: <file:///C:/Users/link02/Downloads/66-230-1-PB.pdf>.

FERRÍN, Emilio González. **A angústia de Abraão: as origens culturais do judaísmo, do cristianismo e do islamismo.** São Paulo: Paulus, 2018.

FREUND, Philip. **Mitos da Criação: As origens do universo nas religiões, na mitologia, na psicologia e na ciência.** São Paulo: Cultrix, 2008.

GEBARA, Ivone. **O que é Cristianismo.** 1ª. São Paulo: Brasiliense - edição eBook, 2017.

GEERTZ, Cliford. **Observando o Islã: o desenvolvimento religioso no Marrocos e na Indonésia.** Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2004.

GEFFRÉ, Claude. **De Babel a Pentecostes: ensaios de teologia inter-religiosa.** São Paulo: Paulus, 2013.

GEFFRÉ, Claude. **La crisis de identidad cristiana en la época del pluralismo religioso.** Concilium: Revista Internacional de Teología, v. 311 n. 3, p. 16–30, 2005.

GNILKA, Joachim. **Bíblia e Alcorão: o que os une - o que os separa.** 2. ed. São Paulo: Loyola, 2015.

GUITE, Malcolm. **Em que acreditam os cristãos?** Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2010.

GÜLEN, M. Fethullah. **Perguntas e respostas sobre a fé islâmica.** v. 1. Nova York: Tughra Books, 2009.

HAMMADEH, Jihad Hassan. **A importância do diálogo inter-religioso no Islã.** In: BIZON, JOSÉ; SCLESINGER, Michel (Org.). Diálogo inter-religioso: Religiões a caminho da paz. São Paulo: Paulinas, 2018, p. 103.

HICK, Jhon. **Teologia Cristã e pluralismo religioso: o arco-íris das religiões.** São Paulo: Attar Editorial, 2005.

- HICK, Jhon. **The Next Step beyond Dialogue.** In: KNITTER, Paul F. (Org.). *The Myth of Religious Superiority*. New York: Orbis Books, 2005.
- HOTZ, Theo. **Conceitos básicos do judaísmo - Programa de Conversão.** 2. ed. São Paulo: Congregação Israelita Paulista, [s.d.].
- HOURANI, Albert. **O pensamento árabe na era liberal: 1798 - 1939.** São Paulo: Companhia das Letras, 2005.
- HOURANI, Albert. **Uma história dos povos árabes.** São Paulo: Companhia das Letras, 2006.
- KAUFMANN, Yehezkel. **A Religião de Israel: do início ao exílio babilônico.** São Paulo: Perspectiva: Editora da Universidade de São Paulo: Associação Universitária de Cultura Judaica, 1989.
- KESSLER, Edward. **Em que acreditam os judeus?** Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2010.
- KNITTER, Paul F. **Introdução às Teologias das Religiões.** 1. ed. São Paulo: Paulinas, 2008.
- KÜNG, Hans. **Igreja Católica.** Rio de Janeiro: Objetiva, 2002.
- KÜNG, Hans. **Projeto de Ética Mundial: uma moral ecumênica em vista da sobrevivência humana.** 4. ed. São Paulo: Paulinas, 2003.
- KÜNG, Hans. **Religiões do Mundo: em busca de pontos comuns.** Campinas: Verus, 2004.
- KÜNG, Hans. **Teologia a caminho: fundamentação para o diálogo ecumônico.** São Paulo: Paulinas, 1999.
- KUS, Atilla. **Documento sobre a fraternidade humana à perspectiva islâmica.** Ciberteologia - Revista de Teologia e Cultura, v. 60, p. 103–118, .
- MALHOTRA, Naresh K. **Pesquisa de Marketing: uma orientação aplicada.** 3. ed. Porto Alegre: Bookman, 2001.
- MARQUES, Leonardo Arantes. **História das Religiões e a dialética do sagrado.**

1. ed. São Paulo: Ideias & Letras, 2016.

PAINÉ, Scott Randall. **Exclusivismo, Inclusivismo e Pluralismo Religioso.**

Revista Brasileira de História das Religiões, v. 1, n. 1, p. 100–110, 2008.

PETERS, Francis Edward. **Os Monoteístas: Judeus, cristãos e muçulmanos em conflito e competição.** v. 2: As p. São Paulo: Contexto, 2008.

PETERS, Francis Edward. **Os Monoteístas: os povos de Deus.** v. 1: Os p. São Paulo: Contexto, 2007.

PINHEIRO, Marjones Jorge Xavier. **A morte e o morrer no Judaísmo.** 1ed. Curitiba: Appris, 2018.

PINHEIRO, Marjones Jorge Xavier. **Ruach de resistência - manifestações da cultura sefardita.** Curitiba: CRV, 2020.

PORTELLA, Rodrigo. **Ser Católico é Ser Exclusivista? Reflexões e Provocações Sobre um Fenômeno “Moderno”.** Mediações - Revista de Ciências Sociais, v. 18, n. 1, p. 257–270, 2013.

PROTHERO, Stephen. **As grandes religiões do mundo.** Rio de Janeiro: Elsevier, 2010.

QUEIRUGA, Andrés Torres. **O Diálogo das Religiões.** São Paulo: Paulus, 1997.

REIS, Vivian. **Coronavírus: Justiça de SP proíbe missas e cultos.** Portal G1, Disponível em: <<https://g1.globo.com/sp/sao-paulo/noticia/2020/03/20/coronavirus-justica-de-sp-proibe-missas-e-cultos.ghtml>>.

RICOEUR, Paul. **O Pecado Original: estudo de significação.** Covilhã: Universidade da Beira Interior, 2008.

RIES, Julien. **O sagrado na história religiosa da humanidade.** Petrópolis: Vozes, 2017.

RÖMER, Thomas. **A origem de Javé: o Deus de Israel e seu nome.** 1. ed. São Paulo: Paulus, 2016.

ROSENBERG, Roy A. **Guia conciso do Judaísmo: história, prática e fé.** Rio de

Janeiro: Imago, 1992.

SACKS, Jonathan. **A Dignidade da Diferença: como evitar o choque de civilizações**. São Paulo: Sefer, 2013.

SANCHEZ, Wagner Lopes. **Pluralismo Religioso: as religiões no mundo atual**. 2. ed. São Paulo: Paulinas, 2010.

SANCHEZ, Wagner Lopes. **Vaticano II e o Diálogo Inter-religioso**. São Paulo: Paulus, 2015.

SARDAR, Ziauddin. **Em que acreditam os muçulmanos?** Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2010.

SCARDELAI, Donizete. **Da religião rabínica ao judaísmo: Origens da religião de Israel e seus desdobramentos na história do povo judeu**. São Paulo: Paulus, 2008.

SCHAMA, Simon. **A história dos judeus: à procura das palavras 1000 a.C. - 1492 d. C.** 1. ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2015.

SHAH, Zulfiqar Ali. **Anthropomorphic Depictions of God: The Concept of God in Judaic, Christian and Islamic Traditions**. Herndon: International Institute of Islamic Thought, 2012.

SILVA, Antônio Carlos da. **O Paradoxo Cristológico: a Proposta De Claude Geffré Para O Diálogo Inter-Religioso**. Revista Atualidade Teológica, v. 13, n. 33, p. 381–403, 2009.

SPROUL, Robert Charles. **O que é a Trindade?** São José dos Campos: Fiel, 2015.

SPROUL, Robert Charles. **Quem é Jesus?** São José dos Campos: Fiel, 2016.

TEIXEIRA, Faustino. **Buscadores do Diálogo: itinerários inter-religiosos**. São Paulo: Paulinas, 2012.

TEIXEIRA, Faustino. **Diálogo Inter-Religioso face ao Desafio da Responsabilidade Global**. *Numen: revista de estudos e pesquisa da religião*, Juiz de Fora, v. 2, n. 1, p. 155–170, 1999.

TEIXEIRA, Faustino; DIAS, Zwinglio Mota. **Ecumenismo e Diálogo Inter-Religioso: a arte do possível.** Aparecida: Santuário, 2008.

TERTULIANO. **Vestuário Feminino.** 1. ed. Itariri: Clube de Autores - Edição Kindle, [s.d.].

ÜNAL, Ali. **O Alcorão com interpretação anotada.** Nova York: Tughra Books, 2015.

USARSKI, Frank. **A Ciência da Religião como disciplina auxiliar da Teologia das Religiões.** Revista Pistis Praxis, v. 6, n. 2, p. 719–736, 2014.

USARSKI, Frank. **A Construção do Diálogo: o Concílio Vaticano II e as religiões.** São Paulo: Paulinas, 2018.

USARSKI, Frank. **O Budismo e as outras: encontros e desencontros entre as grandes religiões mundiais.** Aparecida: Ideias & Letras, 2009.

VEIGA, Edison. **O que os historiadores dizem sobre a real aparência de Jesus.** BBC Brasil, Disponível em: <<https://www.bbc.com/portuguese/geral-43560077>>.

WEBER, Max. **A “objetividade” do conhecimento nas ciências sociais.** In: COHN, GABRIEL (ORG.) ; FERNANDES, Florestan (coord.) (Org.). *Weber - Sociologia*. 7. ed. São Paulo: Ática, 2008, p. 79–127.

WIESEL, Elie. **A Noite.** Rio de Janeiro: Ediouro, 2006.

WILDE, Oscar. **O retrato de Dorian Gray.** Edição Kin. São Paulo: Companhia das Letras, 2012.

ZINNER, Samuel. **A Comparative Analysis of the Abrahamic Religions: Theology and Mysticism.** Aulla, Tuscany, Italy. Disponível em: <https://www.academia.edu/42187311/DRAFT_A_Comparative_Analysis_of_the_Abrahamic_Religions_Theology_and_Mysticism>. Acesso em: 14 mar. 2020.

ANEXOS

ANEXO A – ENTREVISTADOS JUDEUS

	Gênero	Conversão	Idade	Profissão	Data da Entrevista
J1	Masculino	Não	68	Engenheiro civil aposentado	18 de agosto de 2020
J2	Masculino	Não	68	Advogado	19 de agosto de 2020
J3	Masculino	1996	57	Engenheiro sanitarista	18 de agosto de 2020
J4	Masculino	Não	63	Empresário	17 de agosto de 2020
J5	Masculino	Não	54	Epidemiologista	17 de agosto de 2020
J6	Feminino	Não	66	Engenheira química aposentada	18 de agosto de 2020
J7	Masculino	Não	70	Administrador	25 de agosto de 2020
J8	Feminino	Não	69	Professora aposentada	22 de outubro de 2020

ANEXO B – ENTREVISTADOS CATÓLICOS

	Gênero	Conversão	Idade	Profissão	Data da Entrevista
C1	Masculino	2016	57	Publicitário	23 de agosto 2020
C2	Feminino	Não	55	Costureira	25 de agosto 2020
C3	Masculino	Não	41	Editor de imagens	24 de agosto 2020
C4	Masculino	Não	45	Analista de testes	26 de agosto 2020
C5	Feminino	Não	31	Administradora	24 de agosto 2020
C6	Feminino	Não	57	Artesã	24 de agosto 2020
C7	Masculino	Não	28	Planejamento financeiro	28 de agosto 2020
C8	Masculino	Não	34	Comunicólogo	30 de agosto 2020

ANEXO C – ENTREVISTADOS MUÇULMANOS

	Gênero	Conversão	Idade	Profissão	Data da Entrevista
M1	Feminino	2010	59	Funcionária Pública	10 de outubro de 2020
M2	Masculino	Não	25	Estudante	11 de outubro de 2020
M3	Feminino	2013	46	Policial Civil	14 de outubro de 2020
M4	Masculino	Não	43	Empresário	15 de outubro de 2020
M5	Feminino	2015	30	Estudante	16 de outubro de 2020
M6	Masculino	Não	37	Professor	20 de outubro 2020
M7	Masculino	2010	28	Editor de vídeo	26 de outubro 2020
M8	Masculino	2011	40	Empresário	24 de outubro de 2020